SETEMBRO

RIZE

EDIÇÃO AZUL

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

FINE YOUNG CANNIBALS

A TIN MACHINE
DE DAVID BOWIE

PAULO RICARDO

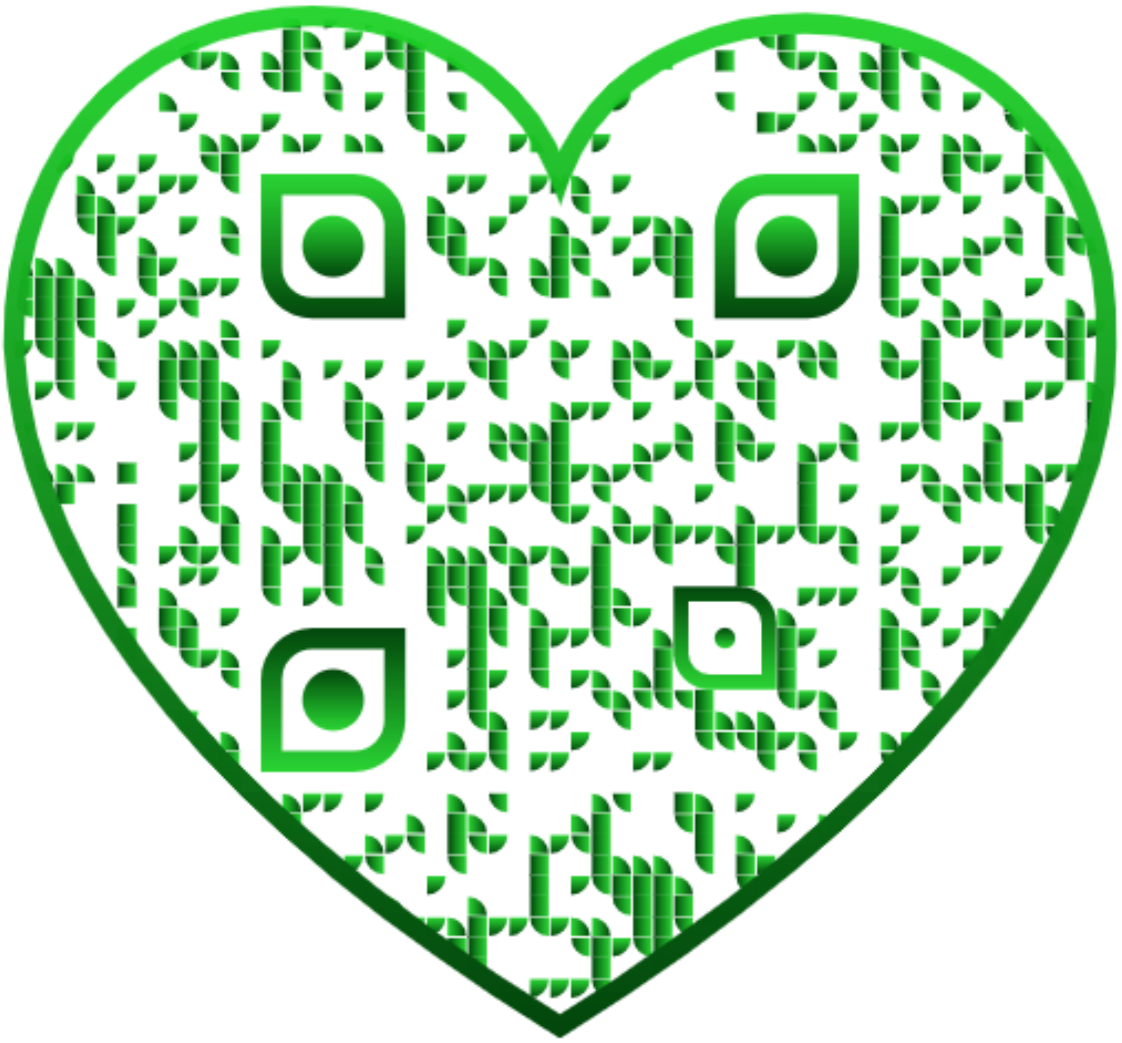
EDGARD SCANDURRA

JERRY LEE LEWIS

BOMB THE BASS

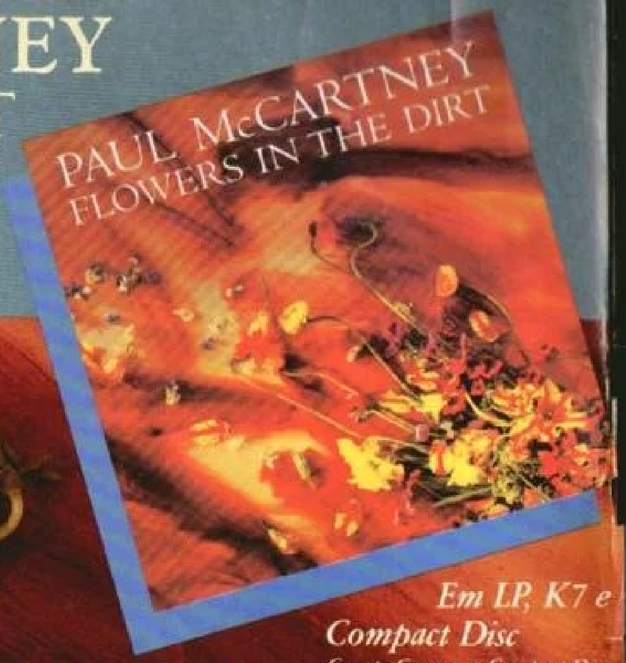
USINA DANÇANTE DE UM HOMEM SÓ

+ HUMBERTO GESSINGER NA 'CABRA CEGA' + CURE + CAETANO + COWBOY JUNKIES + CLASH



PAUL Mc CARTNEY
FLOWERS IN THE DIRT

Com "Flowers in the dirt" Paul Mc Cartney faz um dos mais diversificados e exuberantes discos de sua carreira.



Em LP, K7 e Compact Disc

— Cassete Cromo e Compact Disc. com uma música a mais.

Disco de ouro no Brasil.

mpL

EMI

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

UF/NAVE

Você tem a chance de uma grande performance.

Nós temos a obrigação.

Le son ®

PROFESSIONAL MICROPHONES

LE SON e SM-58 são marcas registradas de Le son - Laboratório de Engenharia Sônica S/A.

Arquivo pessoal de Patrícia Aragão

A FÃ QUE FUROU O BLOQUEIO

Morten Harket já é pai. A informação chegou à BIZZ pelas mãos de **Patrícia Aragão,** a felizarda intérprete do trio norueguês (à esquerda, ao lado do vocalista do **A-ha,** durante turnê brasileira). O filho de Morten nasceu em Londres, no dia 14 de maio — conforme informou Bryan, segurança do grupo e amigo pessoal de **Pal Waaktaar.** Na conversa telefônica que manteve com Bryan, Patrícia soube ainda que o grupo passa atualmente seus dias em Nova York, gravando o próximo LP. Se tudo der certo, o disco sai em novembro, e a banda sai em turnê mundial no início de 90. Bryan, porém, não está muito otimista quanto às possibilidades dessa turnê incluir o Brasil. "Eles vão querer muito dinheiro para voltar a tocar aí", adiantou.

VINIL FRESCO I

Sai no final deste mês o segundo LP dos **Sugarcubes.** *Here Today, Tomorrow, Next Week* será precedido por um single chamado "Regina" ⊗ O **World Domination Enterprises** assinou com a One Little Indian (selo dos Sugarcubes). O primeiro lançamento pelo novo selo é o single "Too Bad" ⊗ Já saiu o novo LP do **Big Audio Dynamite.** Chama-se *Mega to Phoenix* ⊗ *Below the Waist* é o nome do novo disco do **Art of Noise.**

POUCAS E BOAS I

Está sendo planejado para abril de 90 um novo *Live Aid.* A idéia é de **Mick Fleetwood,** do **Fleetwood Mac,** que pretende fazer um concerto beneficente contra a Aids ⊗ O **Sonic Youth** deixou o selo independente SST para assinar com a Warner Bros ⊗ O ex-baterista dos **Smiths, Mike Joyce** , está processando o *Manchester Evening News.* O jornal publicou um artigo sobre o casamento de Andy Rourke (baixista) com uma ex-fã do grupo — só que a foto publicada era de Mike ⊗ A guitarrista **Lita Ford** casou-se com o baixista do **W.A.S.P., Chris Holmes.**

ROCK IN RIO II

Em entrevista telefônica para a BIZZ, Roberto "Rock in Rio" Medina revelou o que existe de concreto sobre a realização da segunda edição do festival. O estádio do Maracanã, no Rio, já foi liberado pelo governador para servir de palco para o festival durante dez dias, a partir de 13 de julho de 90. Dentro do estádio será construída uma segunda cidade do rock, com infra-estrutura para abrigar as mais de cem mil pessoas esperadas. Quanto às atrações internacionais, Medina preferiu não confirmar nada, dizendo apenas que muitos artistas foram contatados, entre eles **Bob Dylan, Stevie Wonder, Pet Shop Boys, Tears for Fears, Cyndi Lauper** e **Dire Straits.** Mas a maior novidade em relação ao primeiro *Rock in Rio,* realizado em janeiro de 85, é um festival prévio que deve escolher uma das bandas nacionais a subir ao palco. Caso não haja nenhuma reviravolta nos planos dos nossos empresários, os roqueiros tupiniquins poderão presenciar dois megafestivais em 90 — começando com o Hollywood Rock, em janeiro...

PolyGram

ALARME FALSO

A cantora **Suzanne Vega** foi ameaçada de morte pouco antes de subir ao palco para o encerramento do *Glastonbury Festival,* realizado na Inglaterra, em junho. Foram dois telefonemas ameaçando matar Suzanne e o baixista de sua banda, caso insistissem em fazer o show. Depois da ação da polícia — que revistou a área do palco e ofereceu aos músicos coletes à prova de balas (recusados) —, a apresentação aconteceu sem problemas. Foi o único incidente sério do festival, que reuniu mais de cinquenta mil pessoas para as apresentações de **Throwing Muses, Pixies** e **Elvis Costello,** entre outros.

NEW ORDER GRAVA 'SISTER RAY'

A turnê brasileira do **New Order** acaba de ter seu primeiro registro no vinil: a música "Sister Ray", gravada ao vivo no Ibirapuera (SP) no dia 1.º de dezembro do ano passado, está no lado B de "Run",o novo compacto da banda. A informção foi divulgada em primeira mão por **José Roberto Mahr** *(Novas Tendências),* que esteve na Factory, em Manchester, e conversou com uma das diretoras do selo, Tina Simmons. Segundo ela, existem planos para o lançamento de um vídeo com o material gravado durante os shows no Brasil, "de ótima qualidade". Na verdade, é a segunda vez que Barney, Hook e Morris gravam a composição do **Velvet Underground** — a primeira, ainda como **Joy Division,** está registrada (também ao vivo) no álbum duplo *Still,* que deve sair por aqui até o final deste ano. E, embora o New Order esteja em plena atividade, excursionando pelos Estados Unidos, o baixista **Peter Hook** encontra tempo para preparar seu primeiro disco solo, ao lado de dois amigos (os nomes não foram revelados). Nesse trabalho, além de empunhar o baixo, Hook pretende cantar. "Vou tentar de novo, depois de todos esses anos. É como aprender um novo instrumento. Agora, vou poder passar por tudo que Bernard passou."

GUNS N' PIGS

Enquanto o Guns N'Roses prepara um novo álbum — provavelmente duplo —, Axl Rose se diverte atirando em animais. Recentemente, ele foi visto matando à bala um porco durante um churrasco na casa de um amigo — pouco depois de trocar idéias com os vegetarianos do Depeche Mode (de quem é fã), durante a estréia americana de *101.*

O FIM DO PUBLIC ENEMY

Tudo indica que o **Public Enemy,** a banda de rap mais incendiária da década, chegou ao fim. O anúncio foi feito pelo líder do grupo, o rapper **Chuck D,** em entrevista à MTV. A causa da separação foi o desentendimento entre Chuck e **Professor Griff,** misto de porta-voz e segurança da banda. Griff foi expulso do Public Enemy depois de uma série de declarações contra os judeus, para o jornal *Washington Times.* "Eles são os responsáveis pela maior parte da perversidade que existe no planeta", declarou Griff, provocando a ira de associações judaicas e de Chuck D: "Não somos anti-semitas. Não somos contra ninguém. Somos a favor dos negros, da cultura negra e da raça humana". O último lançamento do grupo deverá ser o LP *Fear of a Black Planet,* previsto para outubro. Recentemente, o Public Enemy participou da trilha sonora do filme *Do the Right Thing,* de Spike Lee, com a faixa "Fight the Power".

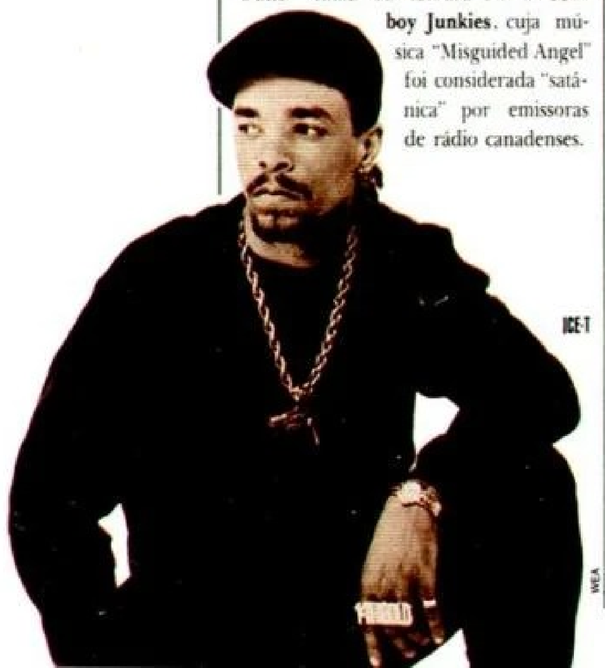
Rui Mendes Azul

CRIATURAS DE SIOUXSIE

Siouxsie e seus **Banshees** desmentiram os boatos do fim da banda — que começaram a circular depois que seus integrantes anunciaram projetos paralelos. O baixista **Steve Severin** acaba de produzir um filme de vinte minutos, que será lançado apenas em vídeo. *Visions of Ecstasy* é baseado na vida de Santa Teresa d'Ávila, que viveu na Espanha do século XV. Enquanto isso, **Siouxsie** e o baterista **Budgie** ressuscitam o duo **Creatures**, que deve lançar um álbum ainda este mês. Este será o segundo LP da dupla (o primeiro é *Feast* ,de 1983).

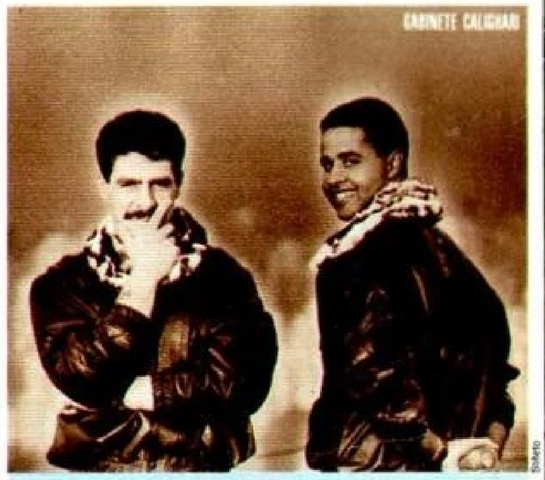
O MASSACRE DA TESOURA

A censura continua ativa, fazendo vítimas aqui e lá fora. Nos Estados Unidos, uma importante cadeia de lojas decidiu colocar adesivos limitando a venda de alguns discos para maiores de 18 anos. Entre os "censurados" estão **Ice-T**, **Too Short**, **Suicidal Tendencies** e **Alien Sex Fiend**. É a primeira vez que essa iniciativa parte das lojas — os adesivos já vinham sendo colados pelas próprias gravadoras, sob pressão de associações de pais como a *Parents Music Resource Center*. Enquanto isso, na Inglaterra, o **Christian Death** teve seu encarte — que mostrava um casal durante uma relação sexual — "censurado" pelos gráficos. Outra vítima da tesoura foi o **Cowboy Junkies**, cuja música "Misguided Angel" foi considerada "satânica" por emissoras de rádio canadenses.


ICE-T
WEA

BIBLIOTECA

George Michael [illegible] Bruce Springsteen


GABINETE CALIGHARI
Roberto

HOUSE EM COMPACTOS

Já é possível encontrar nas lojas locais uma forma de vinil pouco conhecida por aqui: o compacto de doze polegadas e 45 rpm. Por enquanto, são apenas três lançamentos — todos da Stiletto, que pretende popularizar o formato no Brasil — na área da house music. O primeiro é "Doctorin' the Tardis", com a música-tema do seriado inglês *Doctor Who*, na versão dos **Timelords**. Outro lançamento é do **Robin Scot'**, que traz três versões diferentes para "Pop Muzic". No setor nacional está o **Gabinete Calighari**, com "Pump Up the Bass".

Pony Glam

NEVILLE BROTHERS TOCAM NO BRASIL

No dia 6 de dezembro, os **Neville Brothers** desembarcam no Rio para aquela que promete ser uma das melhores turnês do ano. Os quatro irmãos de Nova Orleans tocam no dia 7 no Rio (Hotel Nacional), 10 e 11 em São Paulo (local ainda não confirmado), seguindo para um final apoteótico em Salvador, no dia 13, com um show ao ar livre. A turnê acompanha o lançamento de *Yellow Moon*, sexto álbum da banda (e primeiro a sair por aqui).

NAS TELAS

Madonna está sendo bastante elogiada por sua atuação como Hortence Tathaway em *Bloodhounds of Broadway* ⊗ **The Cure**, **Happy Mondays** e **Pogues** estão na trilha sonora do filme *Lost Angels* de **Hugh Hudson**, que tem ainda **Adam Horovitz** dos **Beastie Boys** no elenco ⊗ **David Bowie** e **Billy Idol** estão em *Ford Fairlane* ⊗ Em filmagem: *The Bearskin*, a nova empreitada cinematográfica de **Tom Waits** ⊗ O guitarrista espanhol **Paco de Lucia** assina a trilha sonora de *Manôushe* do brasileiro **Luiz Begazzo**.

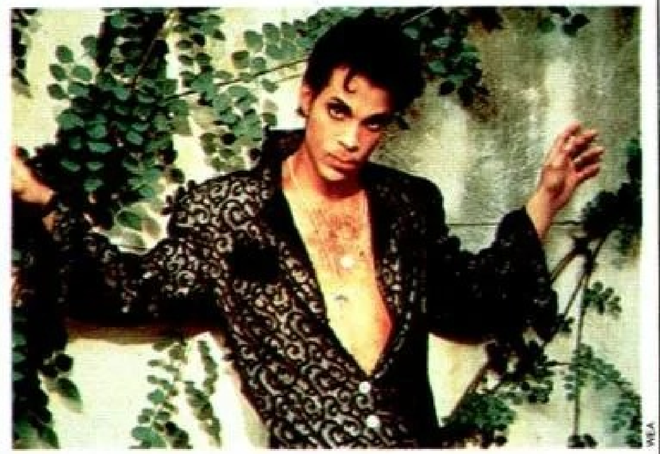
VINIL FRESCO II

Está previsto para este mês o lançamento de um single do **U2** com uma música inédita: "Candy Man" ⊗ **Martin Gore**, letrista e compositor principal do **Depeche Mode**, lançou um EP com seis covers chamado *Counterfeit* ⊗ *Mother's Milk* é o nome do novo álbum dos **Red Hot Chili Peppers** ⊗ Sai este mês o novo de **Bob Dylan**, com participação dos **Neville Brothers** e de **Mark Knopfler.**

TIM X THAÍDE

Tim Maia anda soltando faíscas para todos os lados. Recentemente, ele proibiu o rapper **Thaíde** de incluir no seu LP vinte segundos da música "Você". A faixa em questão, "Minha Mina", teve de ser editada, e as 800 cópias do LP que já estavam prontas foram inutilizadas. Thaíde, desapontado, declarou: "Ele pisou na bola. Só sabe ouvir música dele mesmo". Ainda assim, Thaíde preferiu manter no encarte um agradecimento a Tim, uma das suas maiores influências.

THAÍDE
Bet Nemeyer Azul


WEA

OS MELHORES DA TIME OUT

O semanário londrino *Time Out* traz, em sua edição de 21 de junho, uma seleção dos 100 melhores álbuns de todos os tempos, na opinião de jornalistas e pop stars. Em relação a outras listas do tipo, a *Time Out* traz algumas novidades, como a escolha de dois LPs de **Marvin Gaye** entre os dez primeiros, a presença de **Prince** e **Elvis Costello**, como únicos desta década entre os 20 melhores, e a não inclusão do **U2** na seleção. Mas a maior surpresa mesmo é a aparição do grupo "Osmutants" na lista da cantora árabe **Danielle Dax**. O LP dos **Mutantes** é citado como "uma brilhante mistura de ecletismo e psicodelia". Aqui, os dez primeiros da lista:

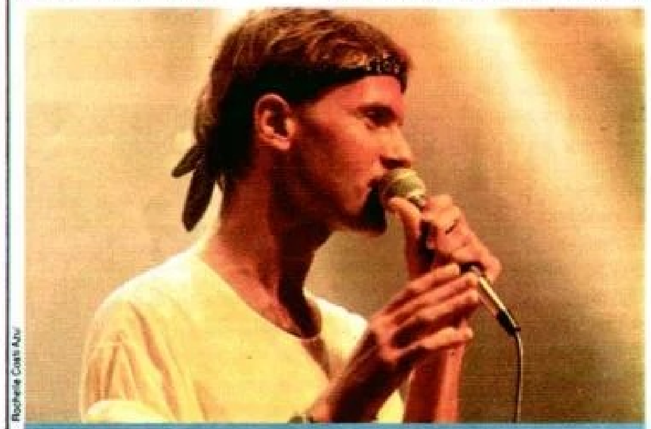
1. SIGN OTHE TIMES — Prince
2. VELVET UNDERGROUND & NICO
3. LET'S GET IT ON — Marvin Gaye
4. LONDON CALLING — Clash
5. EXILE ON MAIN STREET — Rolling Stones
6. BLONDE ON BLONDE — Bob Dylan
7. HORSES — Patti Smith
8. WHAT'S GOING ON — Marvin Gaye
9. THE CLASH
10. MARQUEE MOON — Television

SHOWBIZ

A EXPERIÊNCIA ARGENTINA

Enquanto muitos brasileiros ainda sonhavam com um contrato entre a MTV e uma emissora de TV local, a Argentina saiu na frente, criando dois canais de TV inteiramente dedicados aos videoclips: a CV Music e a Cable Clip. As duas emissoras — que exibem vinte e quatro horas por dia clips americanos, ingleses e latino-americanos (a maioria argentinos) — operam ainda em caráter experimental.

CAZUZA BIOGRAFADO



Rocheria Costa Azul

É uma biografia casual de **Cazuza**, com depoimentos do próprio e algumas histórias contadas por mim mesmo." Foi assim que **Tavinho Paes** — um dos letristas do Hanói Hanói, também responsável pelo video *Pérolas aos Lobos*, com **Lobão** — definiu seu livro *Cazuza — Duas ou Três Coisas que Sei sobre Ele*. Além dos depoimentos, o livro traz ainda textos inéditos de Cazuza — incluindo poesias pré-Barão Vermelho —, e os originais das letras já registradas no vinil. Outra novidade com relação a Cazuza é que ele deve concretizar, em breve, uma parceria com **Chico Buarque** para a trilha sonora do filme *Vita Cruéis do Corpo*, de Ícaro Martins.

POUCAS E BOAS II

Mission está oferecendo uma recompensa para quem encontrar suas sete (!) guitarras roubadas. Elas valiam mais de vinte mil libras ⊗ **Paul Simon** está à procura de um guitarrista brasileiro para participar de seu novo LP. Ele estará por aqui este mês, finalizando o trabalho que já inclui o **Uakti** e **Neguinho do Samba**, do **Olodum** ⊗ O rapper **Tone Loc** foi preso em Miami, depois de ofender um policial. Agora, ele vai a julgamento ⊗ **Paul Simonon**, ex-baixista do **Clash**, está de banda nova. Chama-se **Havana 3am** ⊗ **Adrienne Brown**, esposa de **James Brown**, foi condenada a cinco anos de prisão, com direito à liberdade condicional. Acusação: porte de drogas ⊗ **Paul**, **Ringo**, **George** e **Yoko** estão processando a EMI londrina. Eles acusam a gravadora de vender ilegalmente tapes dos **Beatles** no programa *Ready, Steady, Go*, da década de 60.

OUÇA ESSA

"Dos artistas do Rio, metade é preto que acha que é intelectual e outra metade intelectual que acha que é preto."
Tim Maia, em entrevista ao *Jornal da Tarde* (SP)

BRAZILIAN POP WAVE

A música brasileira segue conquistando o público e a imprensa do primeiro mundo. Enquanto **Caetano**, **João Gilberto** e **João Bosco** excursionavam pela Europa, a revista semanal norte-americana *Newsweek* publicava um artigo de duas páginas distribuindo elogios a **Hermeto Pascoal**, **Milton Nascimento**, **Caetano**, **Djavan**, **Martinho da Vila**, **Gal Costa** e **Gilberto Gil**. Segundo a revista, "a nova onda de pop brasileiro é tão refrescante quanto a brisa do mar num dia quente no Rio". **Gilberto Gil** foi ainda destaque na edição de julho da *Spin*, que dedicou três páginas a "um dos fundadores do Tropicalismo".

Jorge Rosemberg Azul

SHOWBIZ

CANTARIDA 5

JOVENS ACREDITANDO E TRABALHANDO PELO TALENTO BRASILEIRO

IRA!
KIKO ZAMBIANCHI
RÁDIO TAXI
SUPLA

STONES NO METRÔ

Os **Rolling Stones** fecharam a Grand Central Station de Nova York para anunciar a finalização do novo álbum, *Steel Wheels* (acima uma sessão de gravação). Perguntado se a volta era motivada por dinheiro, Mick Jagger não pensou duas vezes: "Você deve estar falando do Who!" Apesar das brincadeiras, comenta-se que haveria problemas: **Ron Wood** foi ameaçado de demissão, por uso excessivo de drogas — o que alimenta as suspeitas da sua possível substituição pelo ex-Stone **Mick Taylor**.

VINIL FRESCO III

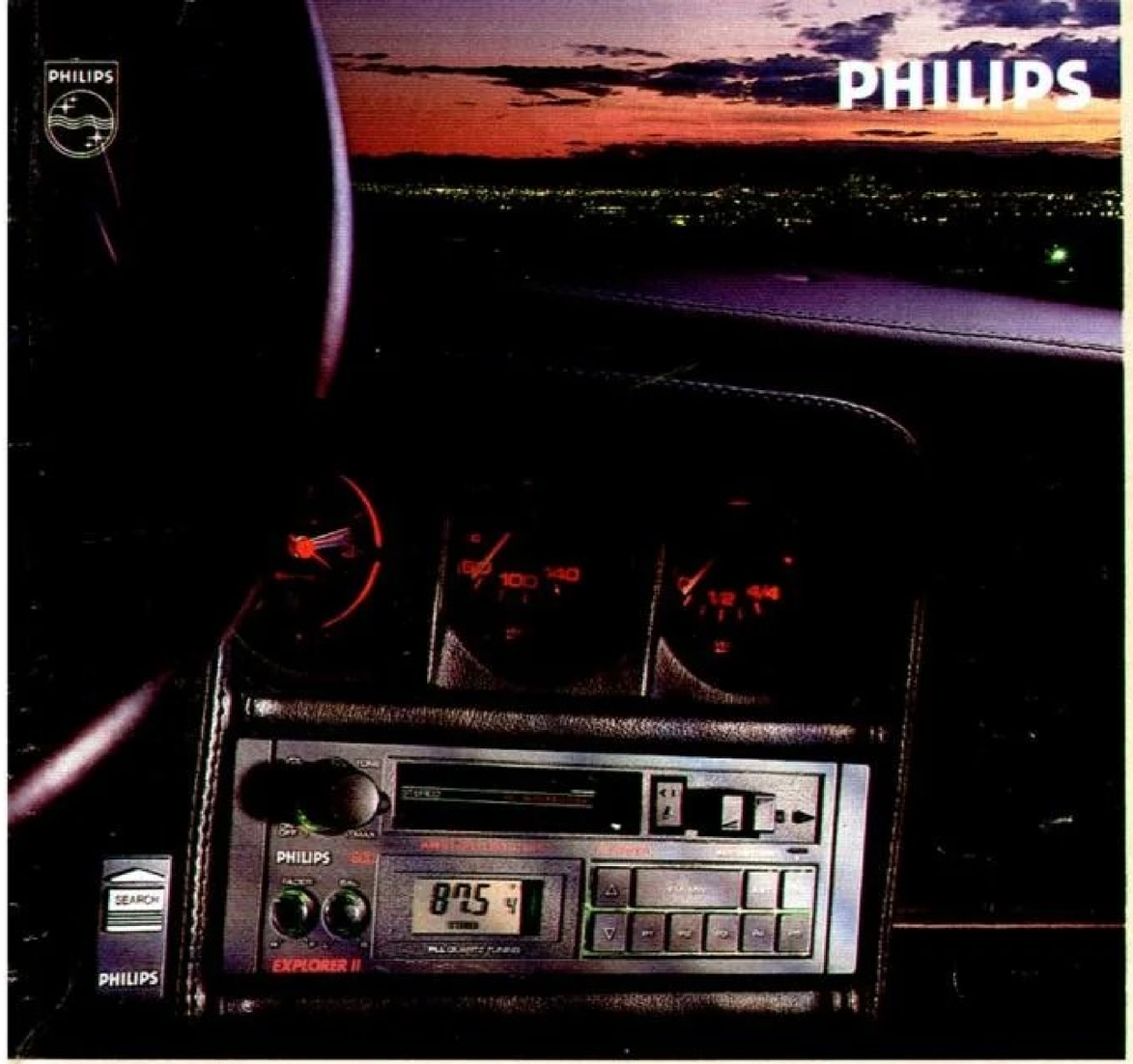
Lou Reed, **Paul Simon** e **Tom Waits** estão no álbum *Yo Frankie*, gravado pelo cantor **Dion**, um dos mais importantes dos anos-50 ⊗ **Maria McKee**, ex-vocalista do **Lone Justice**, acaba de lançar seu primeiro solo, que leva apenas o seu nome ⊗ Saiu o segundo LP dos **Smithreens**. Chama-se *Beauty and Sadness* ⊗ *Cosmic Thing* é o nome do novo disco do **B-52's** ⊗ Sai este mês uma nova coletânea da **The Band**, com duas faixas inéditas. Chama-se *To Kingdom Come: The Definitive Collection*.

AS MULATAS VERDES

Uma das maiores sensações do verão na Inglaterra é um grupo francês formado por duas pessoas, que usa quatro instrumentos acordeom, metais, sopros, violões e percussão. Sairão **Les Negresses Vertes**, que chegaram ao sétimo lugar da parada independente inglesa com seu single de estreia, *Zobi — La Mouche*. Embora se proponham a "defender as tradições populares da música francesa" — de acordo com as declarações de Mathias, que toca acordeon —, a banda incorpora elementos da música punk, latina, africana, árabe e indiana. A combinação entre world music e punk tem provocado reações calorosas da imprensa inglesa, que já os comparou aos **Pogues** e à **Band of Holy Joy**. Segundo Mathias, não existem limites: "Gostaríamos de fazer uma canção em cada estilo existente no mundo. Com Les Negresses Vertes, nada é impossível."

SETEMBRO NO ROCK

1/09/65 — Estréia na TV Record o programa *Jovem Guarda*, palco da primeira geração do rock nacional
6/09/88 — O Mission inicia turnê brasileira
7/09/78 — Morre o baixista do Who, Keith Moon
11/09/61 — Bob Dylan sobe ao palco pela primeira vez em Nova York
11/09/62 — Os Beatles gravam seu primeiro compacto, "Love Me Do"
11/09/69 — É lançado o primeiro LP pirata da história do rock: *The Great White Wonder*, de Bob Dylan
12/09/87 — Peter Tosh, um dos maiores expoentes do reggae, é assassinado por ladrões, aos 39 anos
13/09/85 — Nina Hagen inicia no Sambódromo sua turnê brasileira
16/09/82 — Lançamento de *As Aventuras da Blitz*, LP que inclui "Você Não Soube Me Amar", estopim da explosão do rock nacional
17/09/77 — Morre Marc Bolan (T. Rex)
18/09/70 — Morre Jimi Hendrix
18/09/87 — O Bolshoi inicia no Scala (RJ) sua turnê pelo Brasil
19/09/85 — Estréia o show Rádio Pirata, do RPM, que será responsável pelo LP de maior vendagem do nosso rock: *Rádio Pirata Ao Vivo* (mais de dois milhões de cópias)
20/09/85 — Stanley Clarke inicia turnê pelo Brasil
22/09/87 — Morre o baixista Jaco Pastorius, considerado um dos melhores de todos os tempos no instrumento
25/09/80 — Morre John "Bonzo" Bonham, baterista do Led Zeppelin, de overdose alcoólica, aos 32 anos
26/09/86 — Morre Cliff Burton, baixista do Metallica
30/09/55 — Morre James Dean



PHILIPS CAR STEREO.
O SOM COM MAIOR VOLUME DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS.

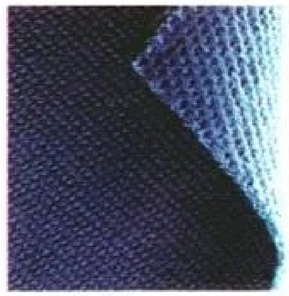
O Philips Car Stereo reduz ao mínimo o trabalho do motorista que quer ouvir o melhor som, proporcionando mais segurança e mais conforto ao dirigir.
Tem o exclusivíssimo AUTOSTORE, que, a um único toque, faz tudo: seleciona, sintoniza e memoriza automaticamente as estações com melhor sinal da região onde você estiver.
E o Controle Remoto, que também a um simples toque sintoniza a estação seguinte.
Você conta ainda com PLL digital de até 20 memórias, 60 watts de potência, além de outros recursos e uma completa linha de acessórios. Entre para o mundo exclusivo do Philips Car Stereo. E conheça a diferença.

Philips Car Stereo
O SOM QUE FAZ A DIFERENÇA.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

OLYMPIKUS SURF.

TANTA TECNOLOGIA, SÓ NÃO VÊ QUEM NÃO QUER.



O tecido do novo Olympikus Surf é uma exclusividade de Olympikus. É feito em teares suíços, com algodão de dupla face, que dispensa o forro com outro tecido. O resultado é um tênis mais leve, confortável e muito resistente, graças à face dupla do tecido. O tecido está sempre novo, mesmo depois da centésima lavada. Não encolhe nem estica um milímetro sequer.

A borda é cozida num forno autoclave, junto com a sola e o tecido do tênis. Isso faz com que a borracha da sola penetre no tecido, resultando numa vulcanização de alta qualidade. Não descola nunca.

Os cordões resistem a tudo e têm cores contrastantes com o tecido.

Os ilhoses são presos por sistema de arruelas para não soltar nunca. São banhados em antioxidante, que garante todo o tempo de uso do tênis sem enferrujar.

A biqueira é de borracha mesmo. Absorve os impactos por igual e protege melhor os seus pés.

Admita: a maioria dos tênis que você usou até hoje, só se mostrou por inteiro depois de você andar algum tempo com eles nos pés.

Pois o Centro de Pesquisas Olympikus decidiu inverter o processo e apresentar em primeira mão tudo aquilo que foi desenvolvido para você ter um tênis confortável e resistente até debaixo d'água.

Por tudo isso que você está vendo, dá pra garantir: Olympikus Surf é tênis para colocar no pé e esquecer.

Você vai lembrar disso quando experimentar o seu na loja.

O solado é feito com borracha natural e resiste a todo tipo de terreno com o mínimo desgaste. É antiderrapante e muito, mas muito macio.

A palmilha interna, todo mundo sabe, é feita para absorver os impactos do pé com o solo. É anatômica, feita com uma borracha especial que nunca perde a capacidade de afundar e desafundar. Protege a coluna e reduz os impactos por igual. Removível: lavou, está nova.

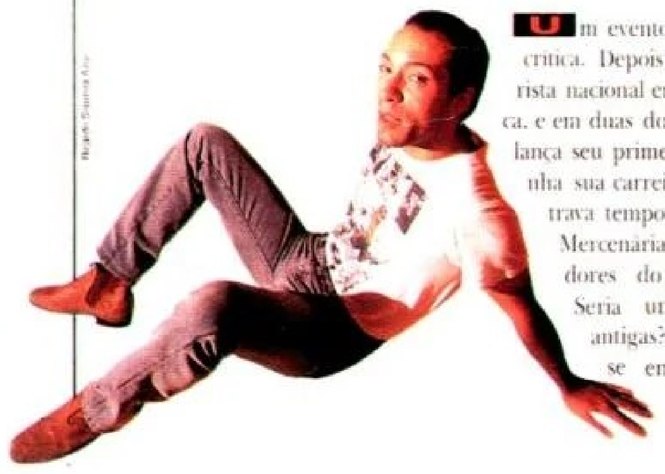
A palmilha de montagem é de borracha, num sistema único no Brasil. Ela garante a estrutura do tênis por muito mais tempo e conserva a flexibilidade e o conforto por toda a vida.

OLYMPIKUS®
TECNOLOGIA E DESIGN.

SETEMBRO 89

Um hotel em Memphis, jornalistas de todo o mundo se comprimem para ver a "última lenda viva do rock'n'roll". Entre eles, Ana Maria Bahiana, que confronta os olhos azuis de **Jerry Lee Lewis** depois da longa peregrinação até a cidade-berço do rock'n'roll. O assunto em questão é o filme/biografia *Great Balls of Fire*, uma tentativa de resgatar a história da ascensão e queda de uma estrela, num curto e atribulado período. Dois anos que são investigados a fundo pela correspondente da BIZZ, imersa num universo de mortes, bebedeiras, prisões, rock'n'roll, glória e danação. Na página 20.

Talvez seja o canto suave de Margo Timmins, ahado à suavidade dos arranjos do seu irmão Michael. Ou ainda a influência do blues e da country music americana, mesclados ao folk canadense. O fato é que o LP *The Trinity Session*, gravado em uma única noite numa igreja de Toronto, surge como um dos melhores lançamentos deste ano — apesar da resistência das nossas rádios, indiferentes à simplicidade tocante dos **Cowboy Junkies**. Em meio à excursão da banda pelos Estados Unidos, Margo foi fisgada para um papo telefônico com Ana Maria Bahiana. Na página 50.



Um evento cercado de expectativas de público e crítica. Depois de ser escolhido como melhor guitarrista nacional em quatro votações consecutivas da crítica, e em duas dos leitores de BIZZ, **Edgard Scandurra** lança seu primeiro trabalho solo. Para quem acompanha sua carreira desde o início — quando ele encontrava tempo para tocar no Smack, Ultraje a Rigor, Mercenárias e Cabine C —, ou para os fiéis seguidores do Ira!, a curiosidade é incontrolável. Seria um disco de covers? Composições antigas? Parcerias novas? Canções que não se encaixam no Ira!? Edgard Scandurra apresenta seu *Amigos Invisíveis* a José Augusto Lemos, na página 40.

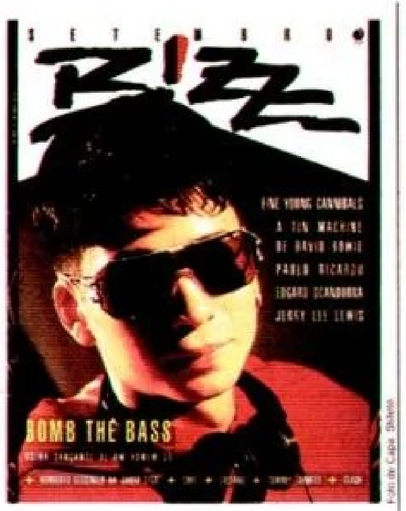


Foto de Capa: Divulgação

Ele tem apenas vinte anos, e pode ser facilmente encontrado discotecando no Wag Club, uma casa noturna londrina. Um DJ por vocação — no ramo desde os quinze anos —, Tim Simenon jamais sonhou em se tornar um astro da música pop. Apesar disso, o **Bomb The Bass** é um dos mais bem-sucedidos nomes surgidos durante a onda de acid house que devastou a Europa no verão de 88 — seu compacto de estreia, "Beat Dis", chegou ao segundo lugar da parada inglesa. Este ano o Bomb The Bass tomou de assalto as pistas de dança e as rádios brasileiras, a partir do lançamento do LP *Into the Dragon*. Anamaria G. de Lemos discute o sucesso com o *acid king* Tim Simenon, na página 26.

4 SHOWBIZZ

18 PARADA

32 PAULO RICARDO
por *Sônia Maia*

36 TIN MACHINE
por *José Emílio Rondeau*

44 FINE YOUNG CANNIBALS
por *Dean Haynes*

54 SEXO EXPLÍCITO
por *Lorena Calabria*

56 CABRA CEGA
Humberto Gessinger

58 CONEXÃO BRASIL

62 AO VIVO
Blues Festival, Os Mulheres Negras...

75 DISCOS
Caetano, Tin Machine, Sepultura, Eric Clapton

86 LETRAS
"Lullaby", Cure

88 CARTAS

90 DISCOTECA BÁSICA
London Calling, Clash

ADI DASSLER, O PAI DOS CALÇADOS ESPORTIVOS

O conceito moderno de calçados esportivos foi criado na década de 20 por um atleta. Seu objetivo era: "equipar da melhor maneira todos os esportistas".

Há 100 anos um candidato à esportista, antes mesmo de começar a praticar seu esporte preferido, enfrentava um obstáculo quase intransponível: a falta de equipamentos. E quem corre, joga tênis ou futebol, sabe que o único acessório, realmente, indispensável é o tênis.

Afinal, como enfrentar a frequente rispidez dos pavimentos, o calor e o atrito com o chão, com os pés descalços? Impossível, da mesma forma que nenhum atleta suporta exercitar-se com um tênis apertado.

Pois, ainda no início deste nosso século o esportista não tinha muita escolha. Os tênis eram apenas anteprojetos de calçado, normalmente de couro, duros e desconfortáveis. Só um verdadeiro atleta sabia o "tamanho do aperto" que seus pés enfrentavam. Até por isso, foi um atleta alemão que em 1920 desenvolveu o primeiro "tênis esportivo" da nossa era.

Adi Dassler morava em Herzogenaurach, uma pequena cidadezinha alemã, quando resolveu criar o primeiro tênis específico para ginástica. Ele mesmo, aos 20 anos de idade, desenhou o modelo e concebeu-o com suas próprias mãos, já que, na época, a cidadezinha onde Dassler morava não tinha ainda energia elétrica.

Depois desta primeira tentativa, que causou furor entre os atletas, Adi Dassler com a motivação própria de um esportista passou a pesquisar as necessidades de cada esporte. Jogou hóquei sobre o gelo, praticou futebol assumindo quase todas as posições e conquistou muitas medalhas no atletismo. Em cada modalidade, procurava saber exatamente onde o "pé apertava", para aperfeiçoar futuramente seus calçados.

A sua filosofia era "equipar da melhor maneira possível todos os esportistas".

No início de sua carreira de "sapateiro esportivo", os maiores beneficiados por suas descobertas foram seus próprios colegas de esporte. Adi Dassler — sempre insatisfeito — fornecia os calçados para os atletas amigos — alguns dos maiores esportistas do mundo — usarem e testarem, para que depois pudesse aperfeiçoar os modelos.

Até então, todo o seu conhecimento foi desenvolvido na prática dos esportes e da produção manual e individual de calçados. Foi apenas na década de 30, que Dassler frequentou uma escola profissional de calçados, completando o curso de dois anos em apenas 12 meses.

Toda esta sua experiência na fabricação de calçados produziu uma série de conceitos aplicados até hoje. O principal deles é o desenvolvimento de calçados específicos para cada modalidade esportiva. Afinal, Adi Dassler descobriu que o calçado tinha que atender as necessidades "físicas" de cada esporte. Assim, a fôrma, o solado e o material deveriam ser adequados ao tipo de movimento e exigência particular da modalidade esportiva.

Mas não é só. Com o tempo, os atletas e fabricantes de calçados esportivos entenderam porque Adi Dassler queria equipar bem o esportista. Hoje é impossível imaginar a quebra de um recorde olímpico, sem o auxílio de um calçado esportivo específico, desenvolvido a partir da mais sofisticada tecnologia.

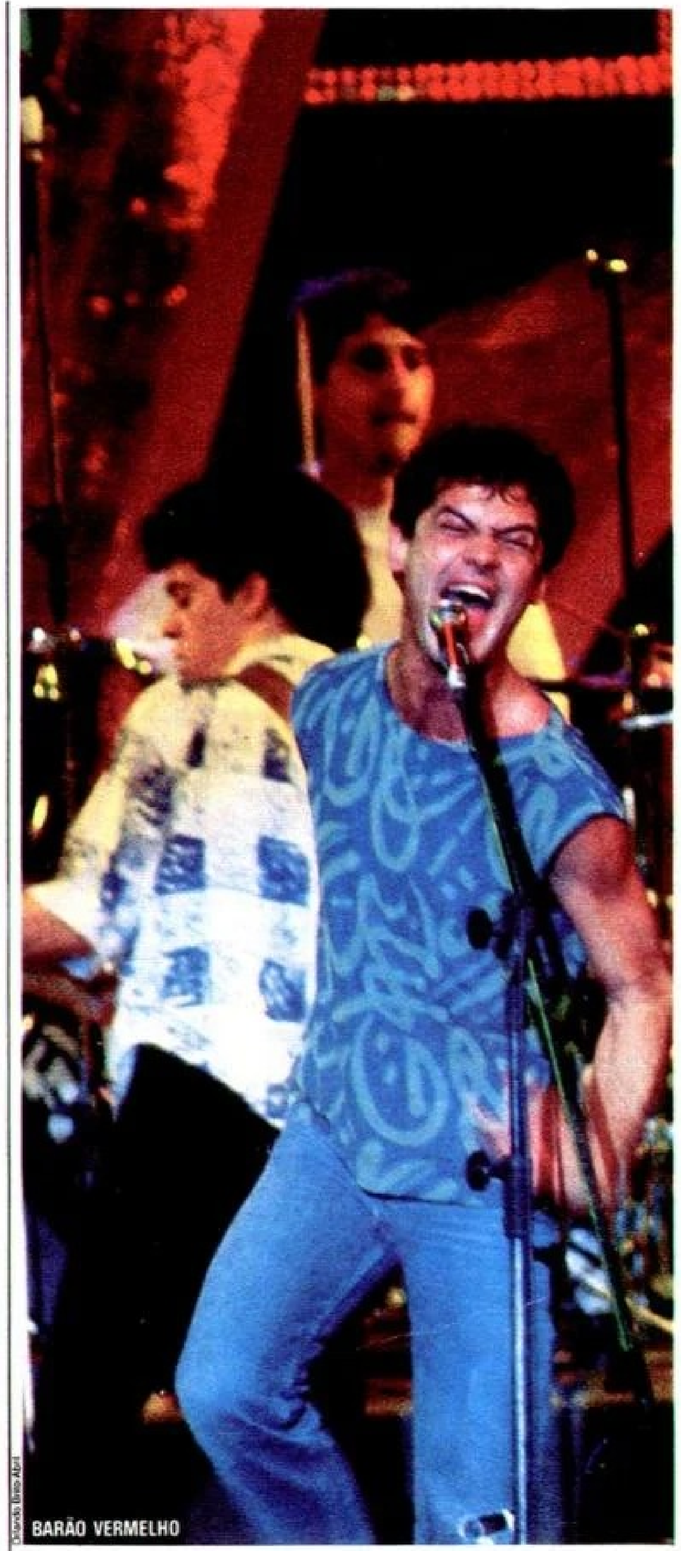
Além disso, um bom calçado é a melhor maneira de prevenir os acidentes esportivos — torções, lesões, inflamações — já que ele é concebido para proteger o corpo e oferecer o melhor rendimento conforme determinada exigência do esporte.

Toda vez que surge uma nova modalidade esportiva, nasce junto com ela, um novo modelo de calçado esportivo, ensinava o mestre Adi Dassler. Uma lição posta em prática pela primeira vez em 1948, quando Dassler fundou com apenas 47 funcionários a ADIDAS — derivada da conjunção de seus dois nomes —, uma empresa marcada pelo pioneirismo de seu fundador e pela tradição da qualidade de suas três listras.

Desde aquela época, a ADIDAS preocupou-se em oferecer ao atleta consumidor um modelo de tênis específico para a sua atividade esportiva preferida. Sem exageros, é possível afirmar com absoluta segurança que a ADIDAS tem, hoje, um calçado especial para todas as modalidades. Inclusive para àquelas recém-inventadas, como o "cross trainning" — um esporte que combina ginástica, tênis, corrida e até musculação — que está causando furor nos Estados Unidos e Europa e promete em breve estourar no Brasil. Sempre para facilitar a prática do esportista — seria impossível trocar de calçado três vezes para acompanhar a aula na academia — a ADIDAS desenvolveu a linha multiesportes, onde um único calçado é capaz de oferecer o melhor desempenho para diferentes modalidades e movimentos. O segredo desta incrível harmonia está na alta tecnologia utilizada na produção do calçado. Com cano alto — os modelos AC 300 e AC 200 — e médio — AC 100 — o tênis possui um solado de borracha tricolor desenvolvido para a prática esportiva em qualquer tipo de piso. Sua entresola garante a absorção completa dos impactos com o chão. Para dar maior firmeza e segurança ao pé, o tênis é reforçado externamente com borracha e o seu colarinho é pré-moldado em material mais resistente.

Outra grande novidade é o seu sistema de amarração mais compacto, que oferece um melhor ajuste ao pé. E mais conforto, conforme ensinou Adi Dassler, também conhecido como o "sapateiro dos vencedores".

PARADA



BARÃO VERMELHO

Divulgação Barão Abril

CONVENÇÕES:

( ) Indica a posição na Parada anterior
(N) Indica novidade na Parada
(R) Indica retorno à Parada

Lenor! Sua participação é indispensável para a Parada BIZ2! Escreva para a redação de BIZZ. Caixa Postal 60081, CEP 05096, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo

LEITORES

1	*Technique* (15)	**New Order** WEA
2	*Like a Prayer* (1)	**Madonna** WEA
3	*Green* (19)	**R.E.M.** WEA
4	*Introspective* (3)	**Pet Shop Boys** EMI-Odeon
5	*Big Thing* (7)	**Duran Duran** EMI-Odeon
6	*Rattle and Hum* (6)	**U2** WEA
7	*Sonic Temple* (N)	**The Cult** EMI-Odeon
8	*Into the Dragon* (R)	**Bomb the Bass** Stiletto
9	*GN'R Lies* (N)	**Guns N' Roses** WEA
10	*MM* (1)	**Marisa Monte** EMI-Odeon
11	*Ouça o Que Eu Digo...* (R)	**Engenheiros do Hawaii** BMG-Ariola
12	*Tracy Chapman* (R)	**Tracy Chapman** WEA
13	*Melhores Momentos* (N)	**Cazuza e Barão Vermelho** Som Livre
14	*Go Back* (2)	**Titãs** WEA
15	*Wanted* (N)	**Yazz** Stiletto
16	*Crescendo* (R)	**Ultraje a Rigor** WEA
17	*New York* (N)	**Lou Reed** WEA
18	*Rank* (12)	**Smiths** Stiletto
19	*Cantame* (N)	**Nenhum de Nós** BMG-Ariola
20	*A Night to Remember* (N)	**Cyndi Lauper** CBS

Fontes consultadas: Cândido Negro e Cogumelo Discos, Bob Henriques, Gramophone e Modern Sound (Rio de Janeiro), Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Yabba Dabba Doo (São Paulo).

LOJAS

1	*Estrangeiro* (N)	**Caetano Veloso** PolyGram
2	*Technique* (1)	**New Order** WEA
3	*Spike* (N)	**Elvis Costello** WEA
4	*Like a Prayer* (4)	**Madonna** WEA
5	*The Raw & The Cooked* (2)	**Fine Young Cannibals** PolyGram
6	*Surfer Rosa* (8)	**Pixies** WEA
7	*Sonic Temple* (N)	**The Cult** EMI-Odeon
8	*GN'R Lies* (5)	**Guns N' Roses** WEA
9	*...And Justice for All* (N)	**Metallica** PolyGram
10	*Tin Machine* (N)	**Tin Machine** EMI-Odeon
11	*Into the Dragon* (15)	**Bomb the Bass** Stiletto
12	*London Fascist House* (N)	**Vários** EMI-Odeon
13	*Beneath the Remains* (10)	**Sepultura** Eldorado
14	*New York* (3)	**Lou Reed** WEA
15	*Disintegration* (N)	**The Cure** PolyGram
16	*The Innocents* (14)	**Erasure** WEA
17	*O Eterno Deus Mu Dança* (N)	**Gilberto Gil** WEA
18	*Mystery Girl* (N)	**Roy Orbison** EMI-Odeon
19	*Nuevo Tango* (N)	**Astor Piazzola** CBS
20	*The Best of Art of Noise* (6)	**Art of Noise** PolyGram

LPs (EUA)

1	(2)	*The Raw & The Cooked* — **F.Y.Cannibals** (MCA)
2	(8)	*Full Moon Fever* — **Tom Petty** (MCA)
3	(1)	*Like a Prayer* — **Madonna** (Sire)
4	(10)	*Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
5	(3)	*Beaches* — Trilha Sonora — **Vários** (Atlantic)
6	(7)	*Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
7	(6)	*Sonic Temple* — **The Cult** (WEA)
8	(R)	*Girl You Know It's True* — **Milli Vanilli** (Arista)
9	(9)	*Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (Columbia)
10	(N)	*Twice Shy* — **Great White** (Capitol)

LPs (GB)

1	(10)	*Club Classics Vol. 1* — **Soul II Soul** (10)
2	(N)	*Batman* (Trilha Sonora) — **Prince** (Warner Bros.)
3	(N)	*Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
4	(4)	*The Hits Album 10* — **Vários** (CBS/WEA/BMG)
5	(N)	*Velveteen* — **Transvision Vamp** (MCA)
6	(7)	*Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
7	(N)	*Rainbow Warriors* — **Vários** (RCA)
8	(9)	*Past Present* — **Clannad** (RCA)
9	(N)	*Raw Like Sushi* — **Neneh Cherry** (Circa)
10	(N)	*Full Moon Fever* — **Tom Petty** (MCA)

LPs Independentes (GB)

1	(1)	*The Stone Roses* — **Stone Roses** (Silverstone)
2	(N)	*Tranzophobia* — **Mega City Four** (Decory)
3	(3)	*Doolittle* — **Pixies** (4AD)
4	(N)	*When in Rome, Kill Me* — **Cud** (Imaginary)
5	(N)	*Hope and Despair* — **Edwyn Collins** (Demon)
6	(N)	*Double Live* — **Butthole Surfers** (Latino Burger Veil)
7	(2)	*Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
8	(N)	*Barbarous English...* — **King of the Slums** (Play Hard)
9	(N)	*Love Is Hell* — **Kitchens of Distinction** (O. L. Indiany)
10	(N)	*Anyanyaaaaaa* — **Beatmasters** (Rhythm King)

Compactos (EUA)

1	(N)	"Good Thing" — **Fine Young Cannibals** (MCA)
2	(N)	"Baby Don't Forget My Number" — **M.Vanilli** (Arista)
3	(8)	"Satisfied" — **Richard Marx** (EMI)
4	(N)	"Express Yourself" — **Madonna** (Sire)
5	(N)	"If You Don't Know Me..." — **Simply Red** (Elektra)
6	(7)	"Buffalo Stance" — **Neneh Cherry** (Virgin)
7	(N)	"I Drove All Night" — **Cyndi Lauper** (Epic)
8	(N)	"This Time I Know..." — **Donna Summer** (Atlantic)
9	(N)	"Miss You Like Crazy" — **Natalie Cole** (EMI)
10	(5)	"Every Little Step" — **Bobby Brown** (MCA)

Compactos (GB)

1	(N)	"Back to Life" — **Soul II Soul** (10)
2	(N)	"Song for Whoever" — **Beautiful South** (Go! Discs)
3	(N)	"Batdance" — **Prince** (Warner Bros.)
4	(N)	"All I Want Is You" — **U2** (Island)
5	(N)	"Licence to Kill" — **Gladys Knight** (MCA)
6	(N)	"London Nights" — **London Boys** (Teldec)
7	(7)	"Sealed with a Kiss" — **Jason Donovan** (PWL)
8	(9)	"Right Back Where..." — **Sinitta** (Fanfare)
9	(N)	"Joy and Pain" — **Donna Allen** (BCM)
10	(N)	"Breakthru" — **Queen** (Parlophone)

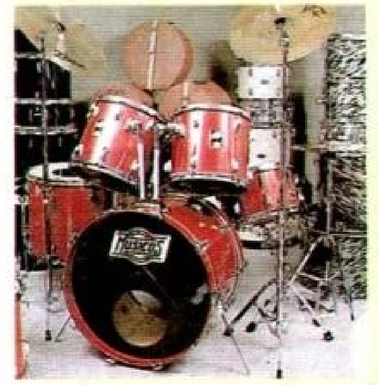
Compactos Independentes (GB)

1	(N)	"Here Comes Your Man" — **Pixies** (4AD)
2	(N)	"Sally Cinnamon" — **Stone Roses** (FM Revolver)
3	(N)	"Sit Down" — **James** (Rough Trade)
4	(N)	"Sealed with a Kiss" — **Jason Donovan** (PWL)
5	(N)	"Joy and Pain" — **Donna Allen** (BCM)
6	(N)	"Children of..." — **Baby Ford** (Rhythm King)
7	(N)	"Paradise" — **Birdland** (Lazy)
8	(N)	"The Fly" — **Les Negresses Vertes** (Rhythm King)
9	(N)	"Right Back" — **Sinitta** (Fanfare)
10	(N)	"Voodoo Ray" — **A Guy Called Gerald** (Rham!)

Fontes: *Billboard* e *Cash Box* (EUA), *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 1º a 29/07/89. Para a Parada dos Leitores, foram consultadas as cartas recebidas até 30/07/89.

MUSICOS

A loja dos bateristas



Rua Teodoro Sampaio, 763 - L 20
T: (011) 883-0882 / 280-2555
São Paulo - S.P.

Richard Open / Camera Press

DEUS E O DIABO NA TERRA DO ROCK'N'ROLL

A vida de JERRY LEE LEWIS deu um livro, um filme e continua sendo uma fascinante viagem pelos caminhos da mitologia americana

Ao lado, o jovem *Killer* nos bons tempos do início da carreira. Acima, em um dos vários *comebacks* nos anos 80

Enquanto o avião sobrevoa desertos, canyons, planícies — uma sucessão de cartões postais da América — eu me pergunto o que realmente estou indo procurar em Memphis, Tennessee. Existe um pulsar nessa cidade, nesse nome, nesse signo muito anterior a qualquer mero pretexto de mídia. Esta me diz que em Memphis foi rodado o filme *Great Balls of Fire*, estrelado por Dennis Quaid, (*Viagem Insólita, Morto ao Chegar*) dirigido por Jim McBride (*A Força do Amor, Acerto de Contas*) e, teoricamente, sobre dois tumultuados anos na vida de Jerry Lee Lewis, que os releases da produtora Orion chamam de "a última lenda viva do rock". No fundo da minha mente, uma vozinha, que estaria muito falante durante toda a viagem, pergunta: E Chuck Berry? E Little Richard? E Bo Diddley? Morreram, por acaso?

Estaria eu procurando em Memphis a razão pela qual Jerry, e não Chuck ou Richard ou Bo, é a última "lenda viva do rock"? Estaria eu querendo investigar por que esse homem sofreu tanto e o que há de verdade neste virtual tablóide marrom — bebedeiras, prisões, seis casamentos, mortes suspeitas, bebês afogados, uma noiva de treze anos — que é a sua vida? Ou seria o imenso painel cultural, racial, político, religioso, místico, sexual por detrás disso tudo a verdadeira espoleta desta jornada?

A vozinha tagarela puxa uma outra palavra da memória: peregrinação.

Considero os antecedentes. Jerry Lee Lewis, nascido em Ferrydav, uma cidadezinha pobre, intensamente religiosa e racialmente segregada da Louisiania. Possibilidades profissionais: zero. As igrejas de tábua e folha-de-flandres acolhendo os fiéis aos domingos, os pastores revivalistas aos berros, estendendo as mãos, engrolando a língua, música frenética, ameaças, transe, possessão, exorcismo. Filho único, muito apegado a um primo, Jimmy Swaggart, que desde cedo manifesta um pendor natural para pregar. Aos 21 anos, os caminhos se dividem nas duas óbvias e únicas opções: Jimmy escolhe as igrejas de tábua e folha-de-flandres e Jerry muda-se para Memphis, sonhando fazer

Michael Ochs / LFI

o que Elvis, outro garoto pobre e branco do Sul, acaba de fazer — tocar música dos negros de um modo que os brancos possam entender e comprar.

É uma história exemplar, quase um mito, quase a repetição de Caim e Abel. Pelos códigos do Sul, Jimmy escolheu a salvação e Jerry, a danação. O filme de McBride explora este ângulo até a caricatura, mas há um elemento trágico em tudo isso: os protagonistas desta saga rock'n'roll acreditam nesta escolha entre bem e mal com absoluta sinceridade. O que aconteceu depois a Jerry e Jimmy é tão emblemático que apenas uma mente dopada por clichês de novelas e jornais sensacionalistas poderia inventar.

Jerry Lee Lewis assinou um contrato com a Sun Records de Memphis, lançou um par de discos e tornou-se um sucesso instantâneo no auge da febre rock'n'roll de 1956/57, entrando rapidamente no vácuo deixado pela ida de Elvis para o exército. Seu piano, contudo, era muito mais perigoso que os rebolados e a voz trêmula de Presley — Lewis fazia uma linha direta com o rhythm'n'blues erótico das *joints* negras e modulava sua voz num misto incendiário de orgasmo e transe religioso. A vontade mal disfarçada do moralismo americano de não digerir sua música é a única explicação para sua ruína: em 1958, num gesto que lhe pareceu natural e coerente com os costumes das pequenas comunidades rurais americanas, ele se casou com Myra Brown que, além de prima em segundo grau, tinha treze anos e era sua terceira mulher.

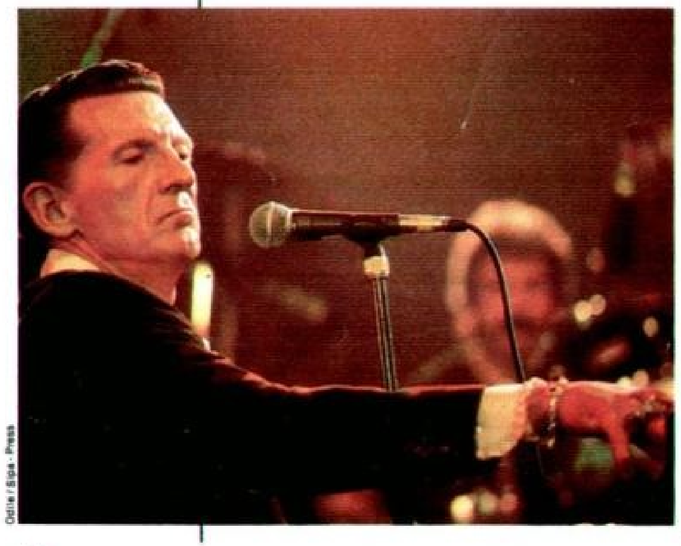
O fato de Elvis ter trazido da Alemanha, para morar com ele em Graceland, Priscilla, uma garota de quatorze anos, ou a rainha do country Loretta Lynn ter se casado aos doze, não serviram de anteparos para a chuva de imprecações que caiu sobre Jerry Lee Lewis. Em questão de meses, ele estava no ostracismo, bebendo compulsivamente, tocando em feiras de gado em troca de mixaria. Por décadas, sua vida e sua carreira se arrastaram assim: internações, prisões por arruaça, porres ou trambiques no imposto de renda, doenças. O filho mais velho, nascido de sua união com Myra, morreu afogado na piscina de sua casa em Memphis. As duas primeiras mulheres morreram em circunstâncias misteriosas — a revista *Rolling Stone* lhá quatro anos, publicou uma longa reportagem praticamente provando que ele assassinou pelo menos uma delas.

Nos anos 70, Lewis fez um breve retorno como cantor country e depois sumiu. Casou-se três vezes mais, foi dado como condenado depois de uma úlcera perfurada. Myra publicou um livro de memórias, *Great Balls of Fire*, pelo qual o jovem produtor Adam Fields se interessou — "é impossível inventar ficcionalmente um personagem assim". Jerry recomeçou a excursionar e tocar seus clássicos rock'n'roll. E agora, eu estou indo a Memphis para o lançamento do filme que conta a história dos dois anos que o catapultaram para o estrelato e para a desgraça. Um filme que ele concordou que fosse feito, contam, porque nem Elvis tinha tido sua biografia rodada em vida. "Aí eu serei maior que Elvis", Lewis teria dito ao produtor Adam Fields.

Jimmy Swaggart, no filme, é Alec Baldwin, o talentoso astro de *Os Fantasmas se Divertem* e *De Caso com a Máfia*. Na vida real, ele seguiu uma trajetória curiosa e igualmente emblemática, tornando-se o rei dos televangelistas até cair em desgraça, quando foi descoberto seu vício secreto: pagar prostitutas para estimular sua masturbação. Há dois anos, no auge do escândalo do primo, Jerry Lee comentou: "Não sei por que estão fazendo isso com Jimmy. Se ele pecou, pecou com ele mesmo. Ninguém tem nada com isso. Um homem tem que se satisfazer, ora essa!".

Televangelismo, rock'n'roll, êxtase sexual, êxtase místico. Repressão sexual, explosão sexual. Música religiosa de brancos, música profana de negros. Segregação, expropriação. Sagração, danação. As imbricações da vida, obra e lenda de Jerry Lee Lewis são infindáveis e todas apontam para o mais fundo e escuro coração da América.

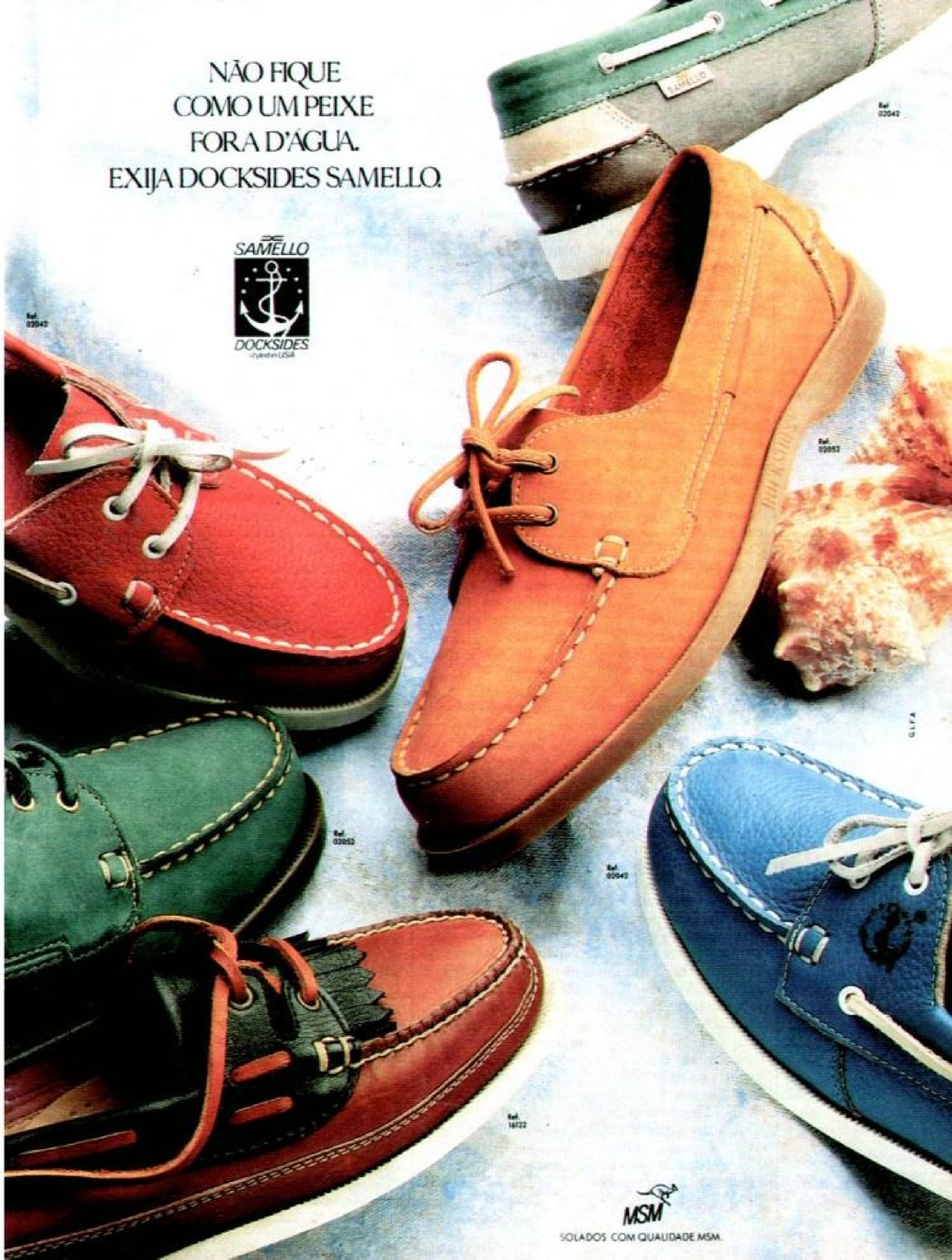
"Sou um pianista e um cantor. Se eu fosse um homem de negócios, talvez as coisas tivessem sido diferentes"



Odile Sica - Press

Quando, depois de muitas marchas e contramarchas, anúncios e desmentidos, Jerry Lee Lewis em pessoa entra na acanhada salinha reservada para a imprensa, num pseudomoderno hotel de luxo em Memphis, há uma aura quase visível ao seu redor. O peso da cidade — que cristalizou o blues, que lançou o rock'n'roll, a cidade de Graceland, dos estúdios Sun, do assassinato de Martin Luther King —, todos esses signos e mitos pesam sobre a sala. "Memphis não gosta de Jerry Lee Lewis", me confidencia um jornalista local. "Não por causa de seu casamento com Myra. Ainda é comum por aqui que as pessoas se casem tão cedo. Mas por causa de todo o resto: as bebedeiras, as arruaças. Memphis é uma cidade ordeira, *yes, sir*".

Os jornalistas — 250 ao todo, representando jornais, revistas e emissoras de todos os Estados Unidos e vinte países diferentes — estão nervosos. Jerry tem fama de odiar a imprensa e de se recusar a responder perguntas que considera indesejáveis. Antes, os outros protagonistas da saga *Great Balls of Fire* tinham dado suas versões sobre o homem e o mito. O roteirista e co-produtor Jack Baran louvou "o incrível poder vocal" de Jerry Lee, que regravou todas as canções que estão na trilha sonora. O produtor Adam Fields contou que o seu primeiro encontro com *the Killer* foi



como "a viagem rumo ao Captain Kurtz em *Apocalypse Now*". Dennis Quaid, que aderiu às turnês de Lewis durante um ano e estudou piano por meses a fio para desempenhar o papel, disse que "é muito difícil ser Jerry Lee na vida real. Fico muito feliz porque ele está vivo. Ele é um puta sobrevivente. Seria terrível se ele fosse outra dessas lendas que morreram jovens. Acho ótimo que ele tenha passado por tudo que passou e esteja aqui, vivo e saudável. Ele não precisou 'morrer em nome da arte' ".

O homem de quem eles falam entra caminhando a passos largos, precedido por um divulgador nervosíssimo que implora para que não se façam perguntas pessoais a Jerry Lee. O homem não parece cansado nem entediado nem tenso com a maratona jornalística pela qual tem passado. Parece, antes, divertido, fumando seu cachimbo, varrendo a sala com seus olhinhos minúsculos que são pretos como tições, de longe, e estranhamente azuis, de perto. Um jornalista comenta que seu rosto parece uma máscara de cera, muito branco, liso, quase sem vincos, como se todo sofrimento e paixão de sua vida tivessem se concentrado nos olhos. Veste uma medonha camisa de poliéster azul-escuro, no "melhor" mau gosto sulista, e chama todos os homens de "killer" e todas as mulheres de "baby doll". Responde em monossílabos. Quando uma pergunta o incomoda, ele se faz de surdo: "O que você disse, hein?" Ri às gargalhadas de coisas aparentemente trágicas, fica seriíssimo sem motivo aparente.

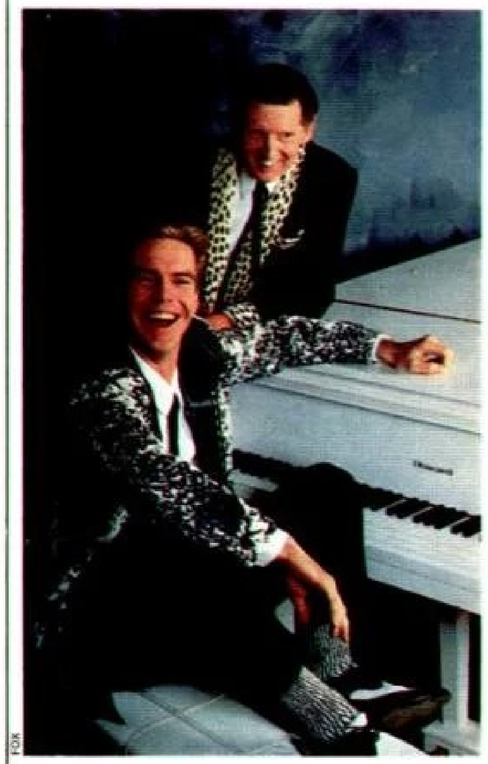
Viu o filme? "Sim." Gostou? "É interessante." Que tal Dennis Quaid? "É um bom rapaz. Um bom ator. Um ótimo sujeito. Eu o conheço há um ano." A versão que o filme apresenta dos fatos é fiel? Rindo a bandeiras despregadas: "Mas o que se pode esperar de um filme? Um filme é um filme... Não vou entrar nesta questão. Estou grato que o filme tenha sido feito e espero que faça muito sucesso". Está satisfeito com o fato do filme se restringir a dois anos de sua vida? Foram estes os anos decisivos mesmo? "Sim, claro". Gostaria que o resto de sua vida também fosse filmado? "Hummm... Não sei. Provavelmente não."

Há longos e desajeitados silêncios. Jerry Lee finge responder a algumas perguntas mas apenas resmunga frases sem nexo. Que tal regravar as faixas antigas? "Nham-nhum-nham". Dizem que estão melhores do que antes... "Ha ha ha, obrigado, 'killer', ha ha." Que tal a trilha sonora? "É ótima. Estou satisfeito com ela. Estou grato por tê-la feito." Algum dia você pôde antecipar tudo o que lhe aconteceu? "Eu acho que podia ver o que estava na minha frente, sim, embora eu não tivesse visto a tempo. Ha ha ha. Sou um pianista e um cantor, só isso. Não sou um homem de negócios. Se fosse, talvez algumas coisas tivessem sido diferentes. Ha ha ha. Mas tenho que agradecer apenas a Deus Todo-Poderoso por estar vivo. Acho que tenho feito um bom trabalho, simplesmente me mantendo vivo. Ha ha ha." Gosta de alguma coisa da música de hoje? Silêncio. Fica seriíssimo: "Não. Nada". Nada? "Nada." Você se sente pronto para atacar novamente, como fizeram Roy Orbison e Chuck Berry? "Claro! claro. Quero ir para o estúdio de novo, com os músicos certos, gravar umas faixas. Estou pronto."

Atiro minha pergunta-chave do fundo da sala: "Jerry, você acredita em destino?" Ele me fuzila com os olhinhos de tição: "Eu acredito em Jerry Lee Lewis e em Deus Todo-Poderoso".

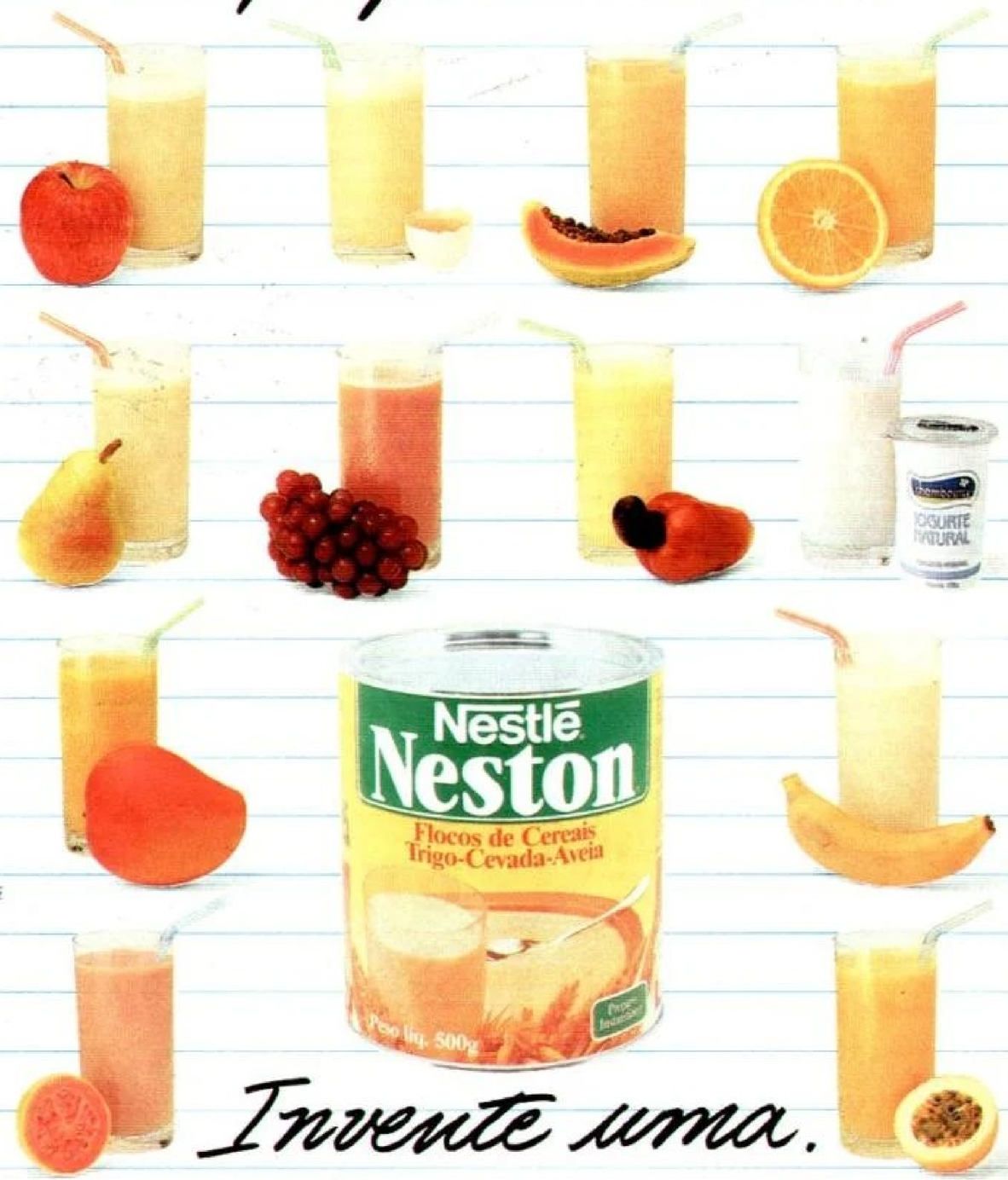
No dia seguinte, a Orion tem uma festança armada na cobertura do famoso hotel Peabody, templo das elites de Memphis. Enquanto uma bandinha local desfila sucessos dos anos 50, os convidados se refestelam numa churrascada de porco, costeletas e galinha, e o sol se põe lentamente sobre o rio Mississipi. Tarde da noite, Jerry Lee chega e é saudado com um bolo em forma de piano, em chamas. Anima-se. Decide subir ao palco e começa a tocar um blues. No meio da canção, grossos pingos de chuva começam a cair sobre o palco improvisado. O rosto de Jerry, subitamente, se tranforma numa máscara de pânico e ele ensaia sair do palco. A chuva aperta. Cercado pelos músicos, Jerry parece um homem acuado, apavorado. De repente, ele agarra o microfone e começa a bradar: "Oh Senhor, oh Senhor, outro dia você me mandou uma tempestade no Arizona. Em Los Angeles, um terremoto. Agora essa chuva, assim que eu começo a tocar. Senhor, o que você está querendo me dizer?".

Numa assombrosa coincidência, a chuva diminui, rareia, pára. Jerry Lee permanece estático no palco, olhando nervoso para o céu de verão. A platéia fica num silêncio nervoso. Ele começa a rir. "Os poderes do alto querem acabar comigo, mas ninguém acaba com o Killer." E, num único salto encapetado, ele marreta as teclas ao som de "Whole Lotta Shakin' Going On".



À direita, a dupla de *Great Balls of Fire*: o "Killer" e seu intérprete, Dennis Quaid

Existem mil maneiras de preparar Neston.



Invente uma.

A HORA E A VEZ DO DJ

ELE RECORTA, COLA, EDITA, PROGRAMA. ELE COMANDA O ÊXTASE NA PISTA DE DANÇA. SEU CODINOME, BOMB THE BASS

O fenômeno acid house se dissipou com os primeiros ventos gelados do outono inglês, mas não se foi sem deixar traços na dance music dos anos 80. Afinal, acid house não é mais do que o desenvolvimento londrino da house music de Chicago. Em 86, as *warehouse parties* (festas organizadas em galpões abandonados com cobrança de ingressos) eram o prato quente das noites inglesas. O tempero principal eram as remixagens em cima de hip hop, rap, funk e música eletrônica feitas por um DJ. A house também invadiu as casas noturnas: "Pump Up the Volume", do M/A/R/R/S, foi um clássico instantâneo.

No verão de 87, quatro DJs foram passar as férias em Ibiza (Ilhas Baleares, sul da Espanha). Lá, eles descobriram que os DJs locais faziam remixagens em cima de qualquer música que lhes caísse no toca-discos: Nitzer Ebb, Woodentops, Mandy Smith. Ao retornarem a Londres, eles puseram em prática o que haviam aprendido com os DJs espanhóis, batizando a nova mania de Balearic Beat.

No verão do ano seguinte, a mania tomou proporções coletivas. Em cada esquina havia um clube, em cada clube um DJ e centenas ou milhares de pessoas embaladas pelo ecstasy (uma droga sintetizada em laboratório, que produz efeitos semelhantes ao do ácido lisérgico, só que sem as alucinações) que dançavam durante seis, sete horas por noite. O Smiley voltava às camisetas e aos *buttons*. Na fase mais quente, as pessoas continuavam a festa na rua depois que os clubes tinham fechado, bradando o grito de guerra — "Aciiid!" — pela madrugada. A polícia começou a patrulhar as casas noturnas por causa do consumo cada vez mais alto de ecstasy, e já em agosto começava a fechar algumas.

Era o começo do fim do "verão do amor" 88. **Tim Simenon** trabalhava em um destes clubes, o Wag, e estudava engenharia de som. Filho de pai escocês e mãe malaia, ele gravou o seu primeiro compacto, "Beat Dis", a um custo baixíssimo (US$ 600). O compacto foi prensado em Nova York e lançado em Londres como "importado", creditado ao Bomb the Bass ("formado" por Emilio Pasquez, Captain Black e K33, todos nomes fictícios sob o selo Mister Ron Records). Quando já era um sucesso absoluto nas pistas de dança, foi relançado pelo seu selo "verdadeiro", Rhythm King. "Beat Dis" entrou em quinto lugar na parada — o mais alto posto que já ocupou um artista desconhecido — e chegou ao segundo. Embora inicialmente Tim não achasse que era uma coisa para durar mais que um compacto, em outubro ele já estava lançando *Into the Dragon*, segundo ele, "um álbum de fotografias no vinil". Tim cuida da produção e das composições, enquanto as letras e os vocais ficam por conta de convidados.

Ele tem vinte anos, não bebe nem fuma, tomou um ácido uma vez "e achei uma droga", e já é um mestre da explosiva colagem de batida dançante, sons e ruídos sampleados, que, embora tenha acabado como "fenômeno", continua sendo o *must* das pistas de dança de todo o mundo. Ídolo adolescente no Japão, Tim continua discotecando todos os sábados no Wag, o clube onde tudo começou.

Fotos Stuttla

"Acid house acabou, morreu. O que está sendo feito agora é mais livre"

O que você fazia antes do Bomb the Bass?

"Eu comecei a trabalhar como DJ quando eu tinha 15 anos, em *warehouse parties* etc. Mais tarde fui trabalhar em discotecas e acabei parando nas casas noturnas do West End de Londres, o que eu continuo fazendo até hoje. Foi mais ou menos assim que eu entrei para o mundo da música."

De que tipo de música você gostava?

"Dance music, funk... Basicamente, de música negra."

Como aconteceu o Bomb the Bass?

"Bem, eu estava trabalhando como DJ e o pessoal da Rhythm King, que atualmente é a minha gravadora, me pediu para fazer um megamix de todo o seu catálogo, com todas as músicas antigas. A idéia era que eu entrasse em estúdio para fazer um mix de seis minutos. Eu disse que não ia ser possível porque as músicas tinham velocidades diferentes e não ia funcionar, o resultado ia ficar pessimo. Então, eu disse a eles que tinha algumas idéias e eles ficaram muito interessados. Foi assim que gravei 'Beat Dis', meu primeiro compacto, que teve muito sucesso. A partir disso, tudo foi acontecendo naturalmente."

Você tinha planos neste sentido?

"Não, nunca tive planos de chegar às paradas. É estranho... Quando eu era garoto, tocava numa banda que fazia música eletrônica. Depois, quando fui trabalhar como DJ, o que eu queria era produzir. Mas, por causa do sucesso do primeiro compacto, eu acabei virando mais artista do que produtor, e, para falar a verdade, esse não é o meu lado nesse jogo. Eu prefiro estar aqui no estúdio fazendo música a sair por aí dando entrevistas, promovendo disco etc..."

Qual é sua versão do estouro da cultura DJ?

"Eu fiquei surpreso por não ter acontecido antes! É muito natural que um DJ vire produtor ou remixador... O DJ é a pessoa que sabe quais são as modas que vão aparecer — ele é a primeira pessoa que recebe um disco novo e toca pela primeira vez na pista de dança. Ele vê a reação do público. Na minha opinião, um DJ fazer um disco é a coisa mais natural e óbvia do mundo. Ele sabe o que funciona na pista de dança."

Ele é o elo...

"Exatamente, o elo entre a gravadora e o público."

O que detonou o estouro da cultura DJ?

"Havia muita gente trabalhando com isso numa certa época: M/A/R/R/S, Bomb the Bass, S'Express, Coldcut... Todas essas coisas estavam fervilhando. Quando o M/A/R/R/S fez o maior sucesso com 'Pump Up the Volume', isso abriu o caminho para as outras pessoas. E também... Os jovens estavam procurando algo de novo, porque não havia nada de interessante acontecendo. Agora tem muita gente ouvindo música eletrônica, hip hop etc, mas há alguns anos não havia nada para atrair esse público jovem. Foi a cultura DJ que deu nova vida a esse público e ele começou novamente a comprar discos."

O fenômeno acid house foi muitas vezes comparado ao punk, pois ele abriu portas. Você concorda?

"Concordo. Há várias semelhanças. Muitas das pessoas que fazem discos de acid house não são o que você normalmente chamaria de músico. Eles não têm nenhum treinamento clássico. Eu não tenho nenhum treinamento clássico, mas toco algumas coisas. De certa maneira, o punk também foi assim. Os guitarristas das bandas punk mal sabiam tocar três acordes e os bateristas só sabiam uma batida. A mesma coisa acontece agora."

Acid house é um formato musical muito básico. Você acha que tem que mudar, evoluir?

"Sim, sem dúvida. Acid house acabou, morreu. Talvez ainda esteja acontecendo no resto da Europa e nos Estados Unidos, mas aqui o fenômeno teve seu auge um ano atrás. O que está sendo feito agora é uma house music mais livre. Houve um grande desenvolvimento. A música agora é mais pensada, mais planejada."

As guitarras que ouvi quando você tocou aquela fita com seu material novo fazem parte dessa evolução?

"Sim... Quando eu era garoto, eu ouvia muito rock com guitarra. Gosto de Hendrix, gosto muito de Led Zeppelin. Estou apenas misturando as coisas. Não faço parte de uma banda de rock'n'roll, mas gosto do som de guitarra. Guitarras funk, James Brown... Estou apenas combinando elementos. Muito do meu material novo é bem anos 70, tem bastante *wah-wah*. É baseado na música daquela época, mas com uma batida dançante."

Você não acha que a cultura dos clubes pode ser apenas uma moda e passar logo?

"Não sei... Nunca pensei em fazer planos para penetrar a mente das pessoas e dizer: 'Esse é o novo estilo'. Estou fazendo isso porque gosto e porque acho que soa bem. Na minha opinião, é uma coisa que funciona bem."

O seu método de composição é muito diferente dos métodos tradicionais?

"Sim. Eu sempre trabalho com a bateria em primeiro lugar. Eu escrevo uma música ao redor da batida. É assim que trabalho porque gosto muito da bateria e é ao som dela que as pessoas dançam. Ninguém dança ao som de uma voz, as pessoas se movem ao som da bateria. Então, eu escrevo primeiro a batida e depois o resto vai sendo adicionado em camadas em cima disso."

Que instrumentos você toca?

"Percussão, teclados e toca-discos. É nisso que sou bom."

Você se considera um músico?

"O que é um músico? Um músico é alguém que

Mais uma página do Rock and Roll está sendo escrita...

"Sim, eu me considero um músico da nova era, porque meu instrumento é o toca-discos"

sabe tocar guitarra, ou algo assim... Mas hoje em dia... Sim, eu me considero um músico da nova era porque toco toca-discos. Para mim, toca-discos, são instrumentos. Muitas pessoas acham que scratching não é nada, mas isso não é verdade. Existe ritmo em scratching. Atualmente, existem várias pessoas que usam toca-discos como instrumento, como percussão. É um som jogado em cima de uma batida e isso é tocar um instrumento. É preciso ter habilidade, não é apenas meter a mão no disco. Existem diferentes maneiras de conseguir diferentes sons. Isso, para mim, é uma definição válida do que é ser um músico."

Você acha que esse tipo de abordagem está sendo usado em outras áreas além da música?

"Não estou vendo isso acontecer, mas tenho certeza de que vai acontecer. A companhia de vídeos de Godley & Creme me pediu para fazer música para um vídeo porque eles sabem que eu trabalho de uma maneira diferente. Nunca tive nenhum tipo de treinamento em estúdio, trabalho do meu jeito, usando a minha lógica. Se eu trabalhasse com um engenheiro, ele diria: 'Nossa, que idéia boa, nunca tinha pensado nisso antes'. Eles não pensam porque foram treinados para fazer as coisas de uma determinada maneira, da maneira 'certa', enquanto eu digo, 'será que isso é possível?', e vou e faço. Isso porque eu não tenho nenhuma idéia pré-concebida. Penso em termos de sampleagem e camadas diferentes. Tenho meu próprio sistema de trabalho. Se você fosse em outro estúdio, veria sistemas totalmente diferentes do meu."

Você concorda que a dance music tem uma função específica e, portanto, é muito restrita? Ou será que dá para ouvir em casa, sentado na poltrona?

"A dance music *era* uma forma bastante restrita. Há dois tipos diferentes de dance music. Existe a remixagem: por exemplo, alguém pega alguma música da Sheena Easton e põe uma batida dançante. Em geral, são grandes nomes que fazem música para o rádio. Aí, as gravadoras dão essas músicas para pessoas como eu, para fazerem um remix que funcione em pistas de dança. Mas muito do que aconteceu no ano passado, a acid house, foi diferente. Muita gente comprou discos de acid e nem todos eram DJs. Essas pessoas estavam escutando esse tipo de música em casa, é a única explicação. As pessoas achavam que acid house era uma coisa só para as discotecas, mas os discos chegaram às paradas, como aconteceu com o meu primeiro compacto, que chegou em segundo lugar aqui na Inglaterra. E eu não posso acreditar que todas as pessoas que compraram o disco eram DJs! *(risos)*. Talvez fossem até garotos bem jovens que nem frequentam discotecas... Acho que esse tipo de música está atingindo outros públicos, não apenas o de dance music."

O fato de a dance music ter uma função específica facilita o trabalho de escrevê-la?

"Acho que sim... Todas as batidas que crio são dançáveis, não importa a velocidade. Sempre acabo criando ritmos que fazem as pessoas quererem se mexer! *(risos)* Acho que talvez seja por isso que o Bomb the Bass esteja fazendo sucesso no Brasil. Os brasileiros entendem de ritmo."

Você disse que gosta de música eletrônica...

"Sim, muito. Gosto de Kraftwerk, eles fizeram parte do meu crescimento. Gosto do Yello e de muitas coisas da Mute *(selo independente especializado em tecno-pop)*, coisas do começo, como Fad Gadget. Sempre fui um grande fã de Daniel Miller *(dono do selo)*. Gosto também do Depeche Mode — enfim, gente que criou essa cena anos atrás e continuou fazendo música eletrônica mesmo quando a moda tinha passado."

O que você acha da new beat?

"Não acho muita coisa, não *(risos)*. Basicamente, a new beat é uma versão lenta de acid house. Acho que, se eles querem competir conosco, é melhor eles inventarem algo melhor do que isso *(risos)*. Mas eu respeito bandas como o Front 242, que existiam antes da onda da new beat. As pessoas sempre dão rótulos... Acid house, para mim, é apenas uma versão dançante de Kraftwerk, porque muitos dos sons que eu uso são baseados naquilo que estava acontecendo naquela época. O que eu faço é adicionar um ritmo forte embaixo disso tudo... E as pessoas resolveram dar a isso o nome de acid house! Não há nada de novo aparecendo que me interesse, que me toque. Basicamente, as idéias sempre vêm de outras idéias, é assim que a coisa funciona. As pessoas apenas exprimem essas idéias de maneiras diferentes. É isso que faço. Quando crio algo, é sempre baseado em coisas que já aconteceram. Você pode até criar uma idéia original, mas se você dividi-la em pequenos pedaços... Por exemplo, o que eu estou fazendo agora: a guitarra é rock, a batida hip hop e o vocal reggae. Não inventei essas três coisas, mas combinei os diferentes elementos."

Você se interessa por world music? Ela te influencia?

"Eu ouço bastante world music. É uma influência, mas não muito grande. Acho que é importante para manter a mente aberta, para saber o que está acontecendo fora da dance music. Minha coleção de discos é muito variada."

Você tem prestado atenção nas paradas? O que você acha?

"Eu acho que a coisa está bem, porque no momento há muita dance music nas paradas. Isso é um bom sinal. Bandas novas estão conseguindo chegar lá."

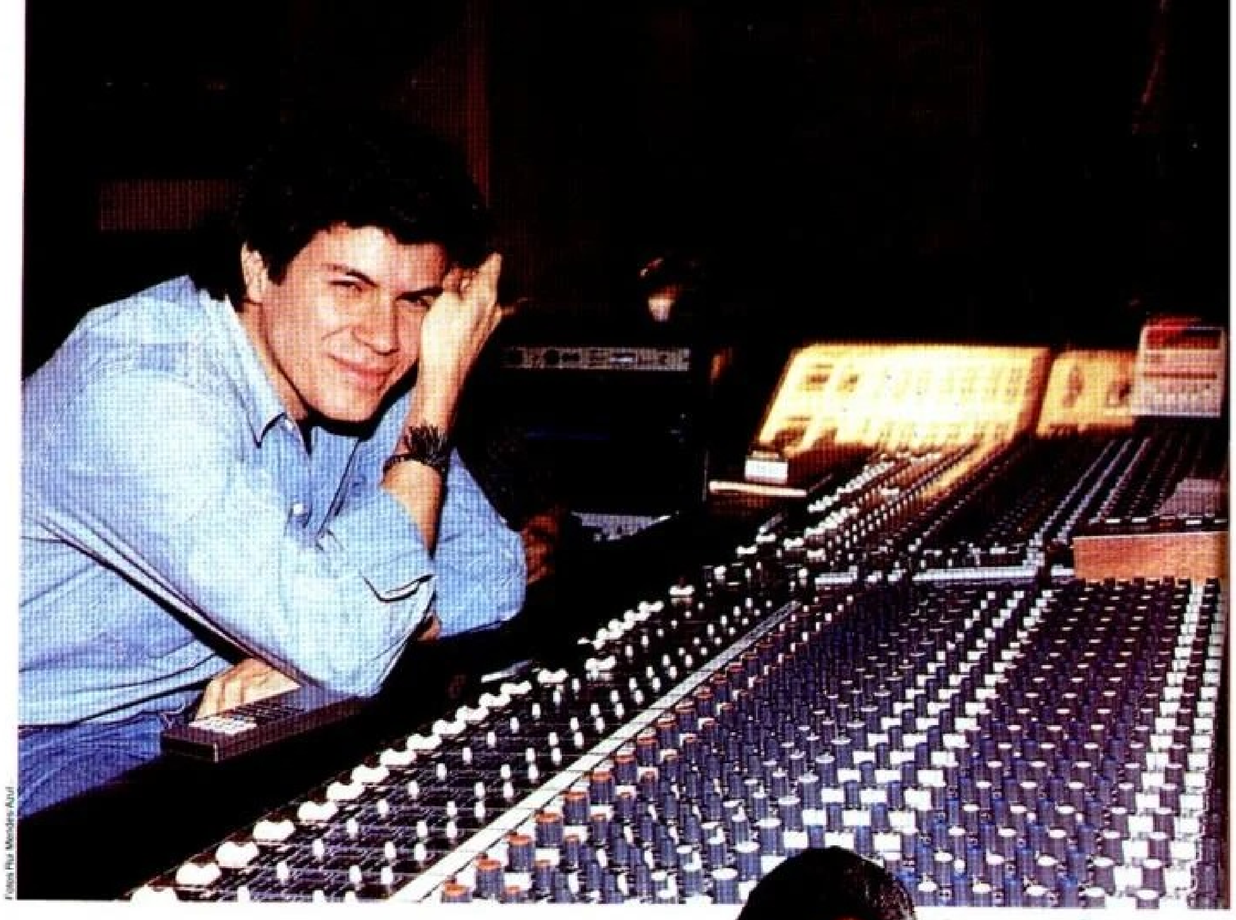
E em termos de pop?

"Música pop não me interessa."

Se você for para o Brasil, o que você pensa tocar?

"Vamos tocar os hits, é claro, como 'Beat Dis' e 'Little Prayer', mas também vou apresentar bastante material novo. Não sei o que esperar, para falar a verdade. Imagino que seria uma loucura, com muita gente pulando e dançando, mas não vou saber até que eu vá para lá. Me entreviste daqui a alguns meses e eu te conto."

De volta
Rolling Stones de novo na estrada
It's only Rock and Roll, mas descubra novamente por que ninguém resiste.
STEEL WHEELS
A nova porrada dos Rolling Stones.
EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS.
CBS



Fotos Rui Mendes Azul

ENFIM, SOLO

PAULO RICARDO, sem vestir luto pelo RPM, faz de seu disco um caleidoscópio que abrange do hard rock ao jazz ao pop

As vésperas do último Carnaval, o RPM dava três derradeiros shows no Dama Xoc (SP). A maioria dos presentes parecia estar lá apenas para mais um espetáculo comum à casa. Mas, quando a banda pisou no palco, alguma coisa acabava junto com ela — o sonho de ver a geração anunciada no hit "Rádio Pirata" ("no underground / repousa o repúdio / que deve despertar") se impor no rádio e na TV. Na verdade, muito pouca coisa mudou na mídia, embora o underground continue rendendo solitários frutos.

Hoje Paulo Ricardo abre seu primeiro disco solo colocando uma pá de terra definitiva em sua carreira até aqui. "Canções, Revoluções" diz: "Eu preguei / revoluções / e coloquei / nas canções. Toda a raiva / e frustração / de quem rasgava / o coração. / E por quê? / Por quê? / Pra quê? / Eu já não sei. Fui soldado / e fui traído / apunhalado / pelo próprio amigo. / E em tantos anos / não sei dizer / por que tentamos / até morrer..."

A que veio, então, este grupo de estrondoso mas fugaz sucesso? "A gente injetou nossa criatividade em cima de uma coisa que antes era exclusiva de um setor da burguesia e do público de rock...", diz ele.. "Geramos um crescimento na indústria que possibilitou o nascimento, desde lojas de instrumentos musicais até novas publicações. Hoje a situação é outra. Vejo como uma coisa estabelecida onde fomos pioneiros e botamos bastante lenha nessa fogueira."

Sobrevivente do rolo compressor chamado sucesso, Paulo Ricardo mostra, ao longo da entrevista, os calos conquistados. Já não é um garoto cheio de ilusões, perdeu muito de sua ingenuidade, aposta objetivamente em seu trabalho e fala se auto-editando — aprendizado de horas e horas de entrevistas à imprensa que mais parecem xerox umas das outras.

Fernando Deluqui ficou com ele, e formam, hoje, o núcleo antes representado por PR/Luiz Schiavon. Mesmo antes do fim do RPM, ambos já trabalhavam em composições, muitas delas presentes neste LP. Guilherme Canaes, músico, amigo e técnico de som da extinta banda, se juntou à dupla na confecção da demo que daria origem ao vinil *Paulo Ricardo*.

Quatro Coiotes, o último LP do RPM, ficou longe do sucesso do primeiro. Culpa da gravadora, do empresário ou do grupo?

"A gente não estava a fim de repetir *aquilo*, aquele sucesso. É difícil explicar isso para quem não viveu. Fica parecendo: 'Tá bom, você não queria vender mais dois milhões de discos e quis fazer um para vender pouco'. A gente não queria vender pouco, apenas queríamos vender muito, mas da maneira como o disco era — discreto. Se eu quisesse, poderia fazer todo ano um 'London, London', um 'Olhar 43', um 'Louras Geladas', fórmulas de vender dois milhões de discos, como faz Roberto Carlos. Mas eu não quero saber disso, meu! Estou com 26 anos, fiz um disco com 22 que vendeu pra c* e, ôh, beleza, vou fazer outros. Na época de *Quatro Coiotes*, não estávamos dispostos a ir para a estrada com equipamento mais ou menos, com uma equipe mais ou menos, como era com o Poladian. Podíamos ir: 'Vamos lá, mais uma megatour, o big, o máximo, beleza, é isso que funciona no Brasil'. 'Não. Obrigado. Não tô a fim. Vai lá você, porque eu já fui.' Foi legal, mas agora eu estou a fim de fazer poucos shows, não quero que dê nenhuma microfonia, não tô a fim de dar entrevistas para c*, de estar em tudo quanto é capa de revista. Não tô a fim de fazer música para tocar para c*, porque não tô a fim de me ouvir para c*, porque eu me enchi o saco para c*. Quero ir para casa, assistir à televisão, ficar sem fazer nada. Quanto à gravadora, fica difícil para ela trabalhar quando o grupo não está a fim. E a gravadora não tem tanta força quanto as pessoas pensam. Meu maior sucesso é 'London, London', uma gravação pirata de um show que uma rádio soltou e estourou. Foi a música mais executada da história do Brasil. Zero de trabalho de gravadora. Não existia o disco, não existia nada."

Por que um trabalho solo e não outra banda?

"A nível bem prático, quando se está começando, você tem de ter uma banda porque você não tem condições de pagar músicos. O que você vai fazer? Você tem canções e canta. Vai contratar feras para tocar? Vai empregar seus amigos ruins? E seus amigos vão estar tocando com você só como meros acompanhantes do grande cara, que também não é nada, como eles? O que você faz? Faz uma banda. É uma maneira de explorar o outro e procurar juntos seus objetivos. Na medida em que as pessoas sentem que um está contribuindo criativamente com o outro, vira uma coisa estimulante. Na medida em que alguém começa a se sentir tolhido, a banda deixa de ter sentido."

O que você pretende mostrar nesse novo LP?

"Novas canções, músicas inéditas. É muito simples! Assim mesmo: a gente faz músicas e letras e grava discos e faz shows. Não vejo muito além disso. Estou a fim de mostrar as novas músicas, os novos arranjos, as novas idéias, e as novas possibilidades que podemos explorar por não estarmos presos às limitações da banda. Por exemplo, só estou tocando baixo em duas faixas. Optamos por usar timbres naturais, então, quando queríamos uma cama de cordas, era uma cama de cordas e não um *synth*. Usamos *synth* nas músicas de orientação tecno mesmo. Não simulamos nenhum som... Nos sentimos mais livres para trabalhar arranjos e direção musical da maneira que mais nos conviesse, podendo dispor de qualquer músico, qualquer conceito e de métodos de trabalho completamente diferentes dos discos do RPM. Estamos totalmente sem compromisso. O disco começou assim: eu e o Fernando Deluqui tínhamos uns rocks pesados, uns reggaes e umas duas baladas meio soul e começamos a trabalhar isso numa concepção bem de banda de rock básico, com duas guitarras. Chamamos o Guilherme Canaes, nosso amigo há anos, que é também um puta músico, guitarrista, toca teclados, compõe, canta e toca baixo. Ficamos só os três com bateria eletrônica apurando todo aquele material, mergulhados dois meses na concepção de uma puta demo, o que nos deixou seguros em relação ao que queríamos do som e das composições. No fim, a gente mesmo produziu. Aí fomos encarar uma série de lados do disco que não conhecíamos — fora o lado A e o lado B, entre os dois há uma série de pequenos sulcos burocráti-

"Se eu quisesse, poderia fazer todo ano um 'Olhar 43', um 'Louras Geladas"

cos e responsabilidades que você, como artista, não é necessariamente obrigado a lidar, mas, como produtor, se sente muito mais dono, mais completo e seguro do seu trabalho como um todo."

E qual é a responsabilidade de uma pessoa que joga uma múscia no rádio?

"Foi essa responsabilidade que nos levou a fazer um disco como o último do RPM. Foi essa responsabilidade que nos fez acabar com a banda e estar fazendo este trabalho agora — ser fiel ao que você considera ser o melhor que você pode dar, no momento, é a regra. Essa é a responsabilidade. Principalmente porque o que você faz acaba voltando para você mesmo. Tendo isso em mente, você já elimina uma série de problemas."

Por que optaram por fazer um disco, como vocês dizem, de rock'n'roll?

"É a música da nossa juventude. Ouvimos desde moleques. Na época do RPM eu elocubrava demais — queria um trabalho moderno e atual. Queria usar a sofisticação de equipamentos que já havia no mundo mas nenhuma outra banda de rock no Brasil tinha usado. Isso me excitava mais do que fazer blues e o velho rock'n'roll. Quando eu tinha 18 anos eu queria ter um *synth* porque para nós era uma coisa totalmente inatingível — como um Porsche ou uma Ferrari vermelha. Hoje em dia queremos fazer uma música que a gente goste. E a música que gostamos é esse tipo de rock. Sou super Beatles, Led Zeppelin, Rolling Stones... Esse disco tem coisas supervariadas, mas com o espírito de uma banda básica."

Quais as estratégias para entrar nesse caos que está a mídia rádio/TV brasileira?

"Vou procurar chegar com um show, sei lá, dimensionado para alguém que está começando mesmo. É meu primeiro disco solo e essa coisa do volume, da grandiosidade vem como decorrência do trabalho. Vou fazer um show supersimples, sem direção, sem nada. Não estou pretendendo colocar efeito algum. Só estou pretendendo cantar. Vou colocar um baixista, vou ter uma banda legal — são seis pessoas no palco. Vou passar pelas rádios, pois acho supersaudável, e, eventualmente, fazer alguns programas de TV, embora eu ache que a TV ainda não tenha um espaço adequado para o tipo de som que estou fazendo. Os programas musicais no Brasil são muito fracos. Não assisto a nenhum. O jabá continua rolando etc. etc. E eu sinto falta de uma solidez maior dentro da área que transitamos — eu, Legião, Titãs, Lobão, Cazuza... As coisas ficam muito dispersas. Pretendo fazer um trabalho humildemente legal. Vou procurar um espaço para colocar esse trabalho sério. Poderia até dizer que esta é a maior ambição desse trabalho — criar um espaço legal para ele, onde ele não se sinta deslocado e nem force a barra."

O sonho do mercado exterior e as lições do sucesso

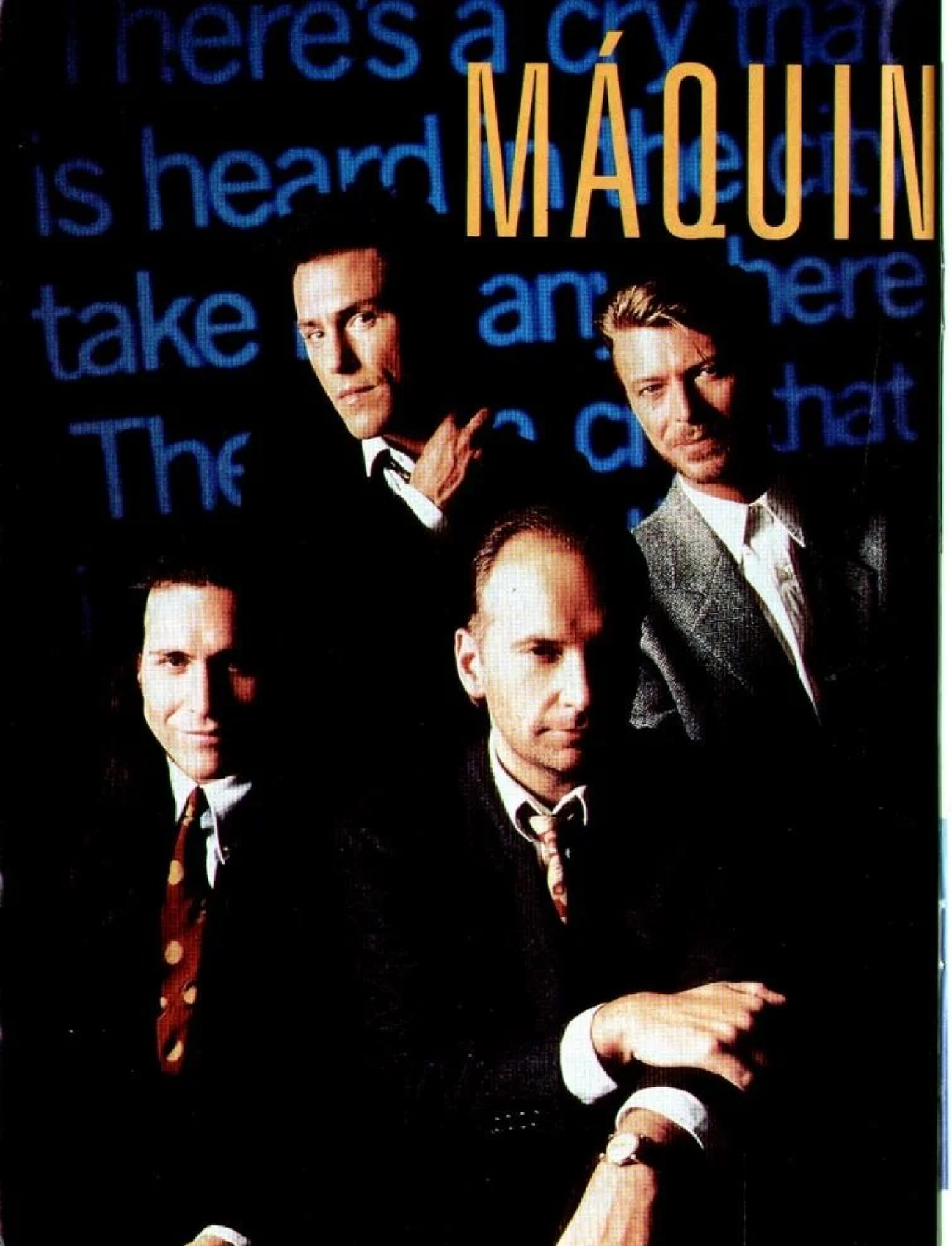
"Eu tenho um porrada de letras em inglês. O problema é que mudou uma coisa na minha cabeça quando eu fiz sucesso com 'Louras Geladas'. Eu tinha 22 anos, era do gueto, e de repente uma porrada de gente do povo começou a vir falar comigo e eu fiquei meio... Então, parei um pouco de pensar em termos de ambições pretensiosas e passei a entender que eu morava no Brasil e que era importante levar aos brasileiros um pouco do sucesso, da nossa facilidade de fazer música, da nossa sorte de ter tido acesso e saco de batalhar. Se não tiver alguém fazendo um trabalho legal para o seu país, nunca vai rolar. Comecei a trabalhar letras que falavam das situações daqui, tivemos o sucesso de *Rádio Pirata* e achei que já fizemos bastante coisa pelo rock daqui, numa boa. Este é um disco onde eu vejo que as canções são boas isoladamente e, muitas delas, têm versões em inglês. Vou procurar, na medida do possível, na medida realista, colocar essas músicas lá fora. Mas não adianta você ficar correndo muito atrás. Quando você faz sucesso, como fizemos, você pode fazer o que quiser. Chega na gravadora e fala: 'O próximo disco eu quero com capa triangular onde você abre e salta uma zebra de mola assim!' E você faz. Ou: 'Quero o próximo disco em inglês, no mundo todo'. Tudo bem! Mas a banda acabou e isso provou nossa fragilidade para segurar essa situação. As coisas estão crescendo naturalmente — Caetano com Ambitious Lovers, Paralamas com David Byrne, Sepultura na Inglaterra... Quando rolar, você tem de estar preparado. Não adianta ficar correndo muito atrás. O que interessa é jogar bem, e aí pinta o gol. Antigamente a gente queria fazer o gol, agora queremos jogar bem. Agora curtimos a jogada, o esquema tático, e eventualmente a gente ganha, eventualmente não. Mas é aquela coisa do Brasil em 78 — é a equipe que melhor jogou... Mas o que interessa, na verdade, é o gol. Tem isso."

SONIA MAIA

COLABOROU: ADRIANO COSTA

Abaixo, o núcleo de trabalho: Paulo Ricardo, Fernando Deluqui e Guilherme Canaes

Nela, essa corzinha durou pouco. Mas nessa fita vai durar para sempre.
A maior parte das coisas boas da vida duram muito pouco. Mas poderiam durar para sempre se fossem
registradas numa fita de vídeo com a qualidade da marca VAT. Guarde suas melhores imagens numa fita VAT.
VAT
VIDEOCASSETTE
T120
VHS
VAT
O que você gravou, sempre ao vivo.



Fotos EMI-Odeon

MÁQUINA E MÁSCARA

O nome da banda é TIN MACHINE, por trás dele se esconde DAVID BOWIE em sua última metamorfose: apenas o cantor em um grupo de rock'n'roll

"Os críticos vão adorar, mas as rádios não vão querer sequer pôr as mãos nesse disco", previa a executiva da gravadora, num tom entre lamento e bravata. O disco em questão, *Tin Machine*, estava para ser lançado dias mais tarde, e tinha todos os elementos para cumprir, ainda que parcialmente, a profecia da executiva. Dando uma guinada de 180 graus para longe da fase "acessível" que fez a mídia entronizá-lo com uma capa na revista *Time*, David Bowie estava abandonando a fácil trilha das fórmulas — já estéril, por sinal —, que vinha percorrendo nos últimos anos para lançar um "projeto democrático", totalmente avesso a sua embalagem artística vigente até então.

Pretensamente integrado a uma banda onde todos teriam o mesmo peso nas decisões, Bowie reuniu-se com três outros músicos — os irmãos Tony e Hunt Sales (baixo e bateria) e o guitarrista Reeves Gabrels — para tentar ressuscitar no estúdio a espontaneidade e o experimentalismo do rock safra anos 60: com um mínimo de overdubs, os primeiros takes prevaleceriam. O improviso seria bem-vindo. Todos tocariam juntos, ao mesmo tempo: quanto mais "ao vivo" melhor. As letras permaneceriam fiéis a suas versões iniciais, quase nunca sendo reescritas.

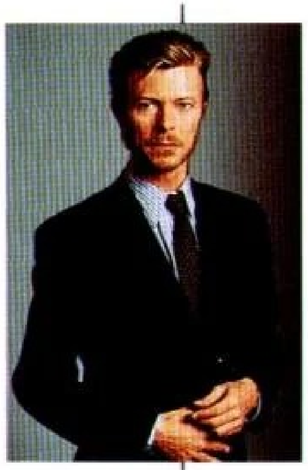
Numa época em que a maioria dos artistas agoniza no estúdio para conseguir invocar os elementos que acredita poder abrir os portões do paraíso do sucesso, o Tin Machine desviou o olhar do hit-parade para mirar-se no espelho: se pretendem agradar alguém, é a si mesmos.

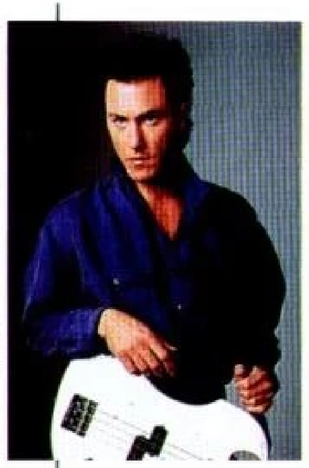
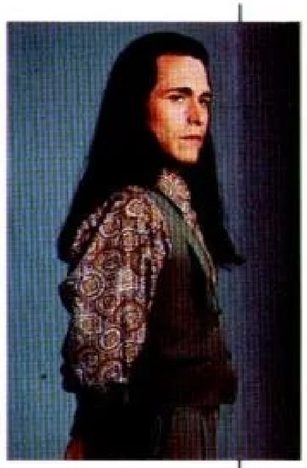
De fato, os críticos foram unânimes na aprovação de *Tin Machine*, com suas visões apocalípticas sombrias — "Crack City", "Under the God" —, seu furioso rolo compressor sônico — "Heaven's in Here", "Pretty Thing" — e sua reverência a dialetos musicais clássicos — "Baby Can Dance", "I Can't Read" e "Working Class Hero", o único cover da leva, pinçado do repertório solo de John Lennon. Para muitos, o disco traz de volta o "velho" Bowie — sarcástico, provocador, visionário. É, de novo, tudo aquilo de que os antigos fãs de Bowie — aqueles convertidos no início dos anos 70 — sentiam falta em *Let's Dance*, *Tonight* e *Never Let Me Down*. Quanto a uma negativa intransigente das rádios, isso ocorreu apenas em parte, nas emissoras de Top 40. Os ventos atuais — pelo menos nos Estados Unidos — sopram a favor de sons pesados, crus e violentos (vide a ascensão fabulosa do Guns N'Roses) como os contidos em *Tin Machine*.

Ademais, Bowie está num patamar de carreira em que ninguém pode, hoje em dia, se dar ao luxo de ignorar o que ele venha a fazer, seja em música, seja em cinema.

E existe, ainda, para aguçar a curiosidade geral em torno do Tin Machine, o extremo interesse em se saber como Bowie estaria funcionando em grupo (uma sociedade muito diferente da formada, anos atrás, com Brian Eno) — coisa que ele propositadamente vem tentando sublinhar, reduzindo as entrevistas que daria para promover o projeto Tin Machine a um mínimo indispensável, delegando aos demais integrantes a palavra quando é hora de falar à imprensa de segundo e terceiro escalão. Para a

"Nós retornamos ao elemento humano, ao princípio básico de guitarra, baixo, bateria e voz"



TIN MACHINE, da esquerda: Bowie, Reeves Gabrels, Tony e Hunt Sales

Rolling Stone, para a *Q*, é Bowie quem fala. Para as demais, digamos, há sempre Tony Sales, o baixista.

"David acreditava que não precisava ser o líder, entendeu?" Bebericando uma xícara de café preto, Tony cruza as pernas, ajeita os óculos escuros e olha para o despenhadeiro abaixo de sua casa, no alto das colinas de Hollywood. "Ele escrevia uma letra e depois queria mudar tudo. E a gente dizia que não: 'Você escreveu, cante agora do jeito que ela é. Tire a mão daí'. E ele achou isso muito refrescante, porque nunca teve, eu acho, outras pessoas que o confrontassem dessa maneira. E esse tipo de retorno é sempre valioso para qualquer um, porque assim você pode encontrar suas melhores qualidades."

É quinta-feira e no dia seguinte Tony rumo para Nova York, onde ensaiará com a banda para o *début* oficial do Tin Machine com uma apresentação no primeiro International Rock Awards, uma cerimônia de entrega de prêmios que se anuncia como o antídoto ao sonolento Grammy. Ele garante que o "show" (na verdade, como se verá mais tarde, apenas uma canção, "Heaven's in Here", transformada num vórtex de cacofonia, metal e free jazz) será fiel ao espírito do disco: básico e direto.

"Nós retornamos ao elemento humano, ao princípio básico de guitarra, baixo, bateria e voz. Quase tudo no disco é gravação de primeiro take. Compúnhamos a canção, ensaiávamos, dávamos uma passada — uma, duas vezes — e partíamos pra gravação. E, ao invés de gravar uma versão e ficar uns dois dias encucados com ela, fazíamos tudo para que ela ficasse pronta de primeira." Tony pára e pensa. "Não existe perfeição. A primeira vez geralmente já diz tudo. É como aquela primeira sacada que você dá em alguém atraente. Não tem nada de 'bem, vou pensar no assunto por alguns dias...' Ou é ou não é."

Trabalhar com Bowie não é novidade para os irmãos Sales. Eles se conhecem desde 1969, quando Tony tocava com Todd Rundgren. Mais tarde, Tony ficou amigo de James Williamson, guitarrista dos Stooges, e os dois acabaram sendo convidados para participar como vocalistas de apoio no álbum que Iggy Pop estava preparando, *Kill City*. Depois das gravações — feitas na casa do romântico clássico Jimmy Webb — Iggy voou ao encontro de Bowie, em Berlim. "Nessa época eu estava tocando guitarra com o baixista Andy Fraser, ex-Free, e Iggy me telefonou perguntando se Hunt e eu não gostaríamos de ir para a Alemanha. Ele disse que Bowie havia ficado impressionadíssimo com os nossos vocais. Achava que fôssemos negros."

Bowie e Tony continuaram em contato ao longo dos anos, mas, descontando uma participação de Sales como guitarrista em *Lust for Life*, de Iggy, cada um tratava de seus próprios projetos. "Trabalhei com Ray Manzarek *(ex-tecladista dos Doors)* e, depois, fui do Checkered Past *(banda one-shot com Nigel Harrison, ex-tecladista do Blondie, e Steve Jones, ex-guitarrista dos Sex Pistols)*." No ano passado, quando Bowie estava em Los Angeles para a festa de encerramento da turnê *The Glass Spider Tour*, Tony foi ao encontro do antigo amigo e, pela primeira vez, começaram a conversar sobre um objetivo comum. "Bowie não parava de falar de um tal guitarrista que tinha acabado de conhecer (Gabrels). A essa altura, telefonamos para Hunt e fomos, os três, para um estúdio no Vale de São Fernando." Com algumas idéias já prontas — muitas das quais apareceriam depois em *Tin Machine* — os três partiram para Montreux, na Suíça, onde os irmãos Sales conheceram, pela primeira vez, Gabrels. Quarenta composições novas mais tarde, o Tin Machine estava prestes a decolar.

Mas ainda havia tempo para cuidar de um último detalhe: o clip. Ao invés de selecionarem uma faixa de trabalho para transformarem em vídeo, Tony e Bowie optaram por uma idéia nova. "Por que não promover mais do que uma só faixa? Por que não promover toda a idéia do grupo e do álbum?." O resultado é um pot-pourri de nove faixas editadas num clip — simples, mas repleto de conceitualizações, gravado durante três dias no antigo Ritz, de Nova York, e dirigido por Julien Temple.

"A violência do clip não é gratuita", explica Tony. "Estamos representando nossa visão de como tornou-se insustentável a vida ao toque de álcool, drogas e um estilo que simplesmente não funciona."

Variações sobre os mesmos 100.000.

1986
"Longe Demais das Capitais",
130.000 discos vendidos.

1987
"Revolta dos Dândis",
110.000 discos vendidos.

1988
"Ouça o Que Eu Digo,
Não ouça ninguém",
mais de 100.000 discos vendidos.
É disco de ouro.

ENGENHEIROS DO HAWAII

UM POR TODOS

Não, o Ira! não acabou. Mas EDGARD SCANDURRA aproveitou algumas brechas na última turnê da banda para realizar um velho sonho: gravar seu primeiro disco solo

"Eu vivia completamente fora da realidade. Fechava os olhos e via o Parque do Ibirapuera sem motoqueiros, tomado por mods de lambreta..."

É uma conversa pausada, circular. Numa auto-análise pontuada por sorrisos tímidos, típicos em quem tem certo pudor de ficar falando de si mesmo, Edgard Scandurra vai alinhavando o diagnóstico de suas fixações e obsessões pelos anos 60.

"Minha Mente Continua a Mesma" diz o título de uma das faixas de *Amigos Invisíveis*, seu primeiro disco solo — uma surpresa para quem, como eu, temia pela possibilidade de um show de exibicionismo guitarreiro. Quando digo isso, ele abre outro sorriso: "A ênfase está na pessoa, não no guitarrista". Minutos antes, ele já havia dito: "A ênfase está nos outros instrumentos, não na guitarra". Essa intenção se realiza no total das doze faixas, bem diversificadas em estilo e instrumentação, mas somando-se num auto-retrato singelo e despretensioso de um músico pouco dado à egolatria e que se mantém fiel aos seus primeiros amores pop.

Segundo Edgard, a idéia de gravar um LP solo vem desde o tempo em que o Ira! não tinha nem uma gravadora nem o ponto de exclamação, e ele dividia seu tempo na banda com participações também no Ultraje a Rigor, Smack, Cabine C e Mercenárias (nesta última, como baterista). Originalmente, o disco teria músicos de todas essas bandas em participações especiais, mas... com a exceção de um discreto piano de sua mulher Taciana em "Abraços e Brigas", é ele quem toca tudo: além de guitarra e violão, baixo, bateria, violino, vibrafone, percussão e teclados.

"A idéia foi amadurecendo cada vez mais, tanto que, quando o Ira! reformou contrato com a gravadora, quis saber se haveria algum problema se eu quisesse fazer um disco solo. Eles disseram que não e, a partir daí, fiquei só esperando o momento certo."

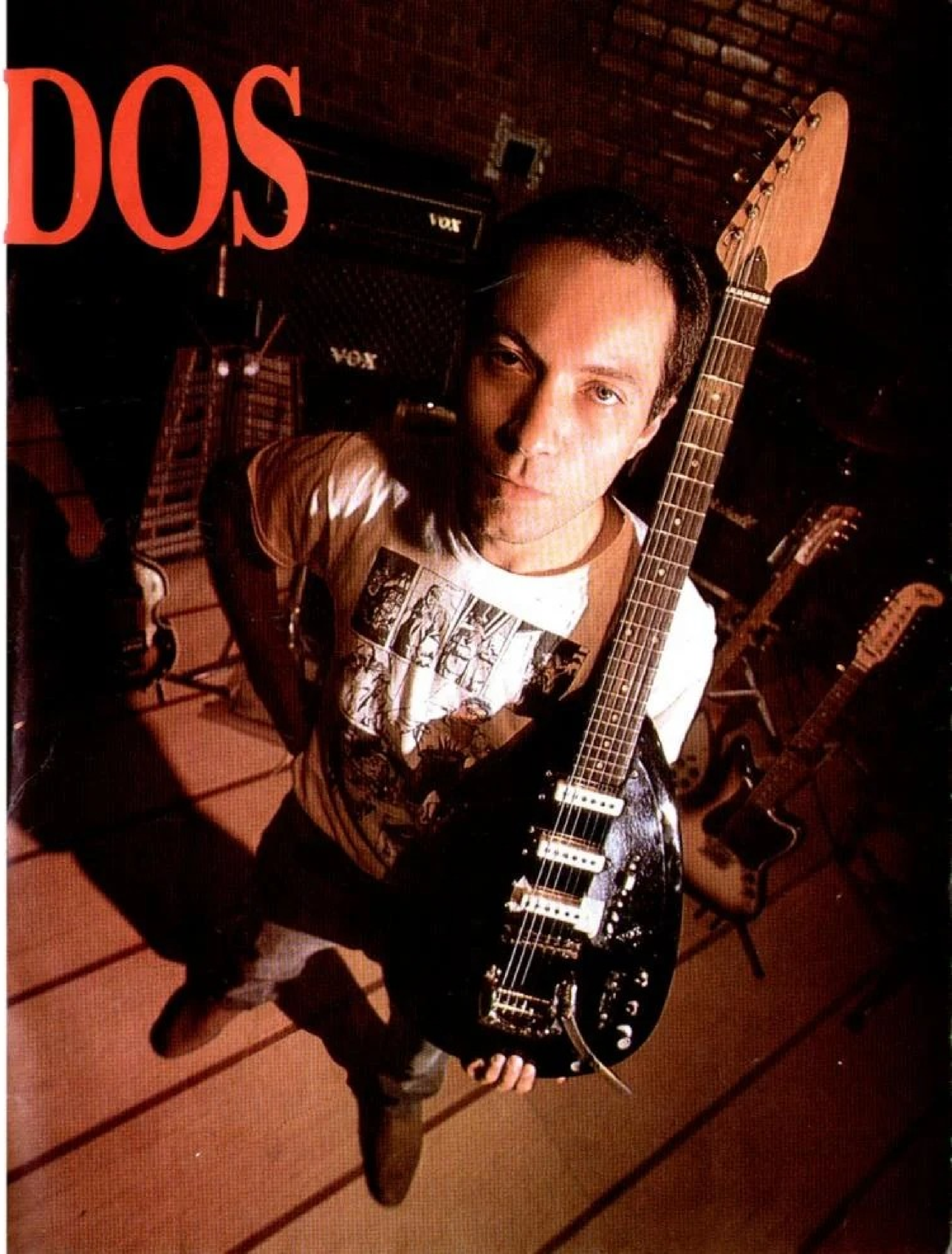
Assim, entre abril e junho deste ano, durante a semana — sábados e domingos eram dias de cair na estrada com o Ira! —, Edgard se trancava no estúdio Nas Nuvens só com o engenheiro de som e co-produtor do disco, Paulo Junqueiro. Os dois já haviam feito uma pré-produção, em dois dias, no estúdio caseiro de Roger (Ultraje), durante a qual Edgard testara as doze músicas escolhidas segundo um processo de gravação inusitado, um dos fatores responsáveis pelo som peculiar de *Amigos Invisíveis*. Normalmente, os primeiros instrumentos a serem colocados na fita são os da seção rítmica — bateria, baixo e guitarra-base, com uma voz provisória, a "voz-guia" no jargão de estúdio. Edgard começava pela guitarra (esta a sua "guia"), depois vinha o baixo, seguido da guitarrra definitiva e, então, do vocal. Por último, a bateria — uma inversão da ordem habitual que dá ao disco uma fluidez descompromissada com as marcações quadradinhas que o pop faz de encomenda para as pistas de dança.

"O que acabou acontecendo", diz Edgard, "foi o exato oposto do que faz uma bateria eletrônica. Eu usava a bateria aproveitando os espaços que as improvisações de guitarra e baixo abriam. Eu não sou baterista, mas não me preocupei com errinhos e imperfeições. Se você fica regravando e regravando para deixar tudo certinho, acaba perdendo o sentimento — que é muito mais importante."

"Minhas influências como baterista — além do Keith Moon — são os caras com quem eu toquei, o André *(Jung)* e o Thomas Pappon *(baterista no Smack)*. Eu aprendi olhando para eles."

Há, na verdade, uma faixa — "Nosso Louco Caso de Amor em B.D.", uma declaração de amor às histórias em quadrinhos, ou "bandas desenhadas" como são chamadas em Portugal — em que a levada fica por conta de uma bateria eletrônica, mas Edgard a desrobotiza acrescentando um pandeiro.

Na primeira audição, uma faixa específica revira de vez as expectativas que trazia comigo para a entrevista, a já citada "Abraços e Brigas". Para a letra de Taciana, Edgard compôs um flerte com o brega latino — ele a chama, inclusive, de "bolerão" — e com o iê-iê-iê que resvala para esquisitices e excentricidades, sem nunca perder o charme *naif* responsável por aqueles momentos em que a ingenuidade e a simplicidade da música popular são o que ela tem de melhor. Tento explicar esse apelo, cito "Tolices" — até hoje minha



Ricardo Siqueira Azul

favorita em toda a discografia do Ira! — e a conversa desvia para o tema do pop radiofônico, quando Edgard lembra da polêmica criada na seção de cartas da BIZZ por suas declarações numa matéria sobre o futuro do rock brasileiro, publicada na edição de janeiro, em que sua oposição entre pop e rock resultou em algumas acusações de "retrógrado" e "anacrônico".

"Não era bem aquilo que eu queria dizer, eu me referia ao termo em seu pior sentido, pré-fabricado e descartável. Por exemplo: tem coisas da Roberta Flack que eu adoro."

Nesse ponto começa a auto-análise.

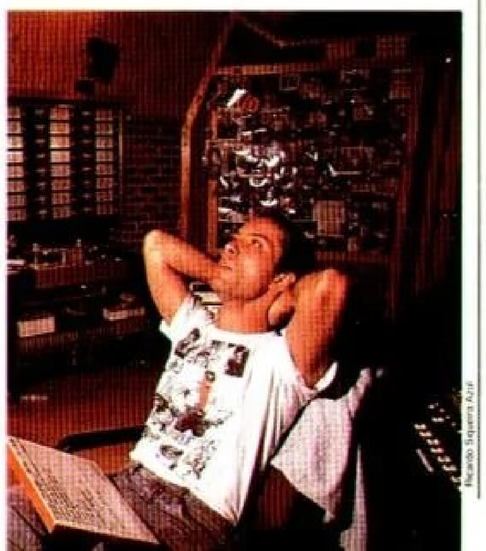
"O passado sempre teve muito mais valor, para mim, do que o futuro... Existe todo um manancial ali, e parece que eu componho movido por um sentimento de saudade. Como naquele verso de 'Flores em Você', 'boas e más recordações'..."

Musicalmente, Edgard começou sua formação aos 4 anos de idade, vivendo o universo de seus irmãos mais velhos, mergulhados em Beatles, Stones, Jovem Guarda. Ele conta que, enquanto os colegas de sua idade se entretinham com " brincadeiras de criança", ele passava o dia ouvindo, pensando e respirando música. Daí vem o nome do disco...

"Você sabe, essa coisa de 'amigo invisível' que muitas crianças têm. Eu tinha uma banda completa, um que era o baixista, outro que era o baterista..."

Obviamente, também é daí que vem o sabor 60's que identifica suas composições e sua guitarra — vencedora das quatro votações de Melhores do Ano junto à crítica, organizadas pela BIZZ. À distância, ele observa o modus operandi da maioria: "se reciclar sempre para ficar sempre atual", em suas palavras . "Farto do Rock'n'Roll"?

"Claro que essa é uma música muito irônica, porque junto com essa letra vem o maior rockão. Era uma resposta minha às pessoas que — quando entramos em estúdio para gravar o *Psicoacústico* — estavam esperando um disco de funk, por causa do envolvimento do André e do Nasi com o Thaíde, o pessoal de rap e hip hop. Por outro lado, é um desabafo da vida atrás do palco, *on the road*, quando os shows começam a virar rotina: 'às vezes, tudo bem / às vezes, sem razão'..."


Ricardo Siqueira Azul

Sessão de mixagem no estúdio Nas Nuvens (RJ): Amigos Invisíveis no ar

O que diferencia o repertório de *Amigos Invisíveis* das composições do próprio Edgard para o Ira! é, segundo ele, uma questão muito pessoal. "A vontade de fazer o disco junta músicas antigas, anteriores à banda, e algumas recentes, que são parcerias com a Taciana. O Ira! sempre teve uma identidade própria, por isso minhas letras para o grupo só podiam fazer sentido quando representassem um ponto de vista comum aos quatro, que todos pudessem assinar embaixo e interpretar."

A exceção é "Gritos na Multidão", que reaparece em sua terceira gravação (a primeira era o lado B do compacto "Pobre Paulista" o primeiro lançamento da banda; a segunda, numa versão ao vivo incluída no LP *Vivendo e Não Aprendendo*). "Eu queria gravá-la com o arranjo original, com a levada de violão que tinha quando eu a compus, há uns nove anos, ainda na época do colegial. Eu estava numa festa meio bicho-grilo, tinha um violão encostado ali — a levada saiu do jeito que está gravada agora..."

Entre essas reservas de gaveta, estão também dois temas instrumentais. Um deles comparece com duas versões distintas — uma só violão, com delicados tons *folk* e renascentistas; outra elétrica e *bluesy*, encorpada com um órgão — e, apesar de ter já uns oito anos, Edgard dava o título "Eu Quero Voltar pra Casa" como provisório. O outro tema instrumental é batizado "1978" — ano de nascimento da composição mais antiga do disco — e, segundo Edgard, de sua "grande crise existencial, aos 16 anos". Numa mesma levada, vários climas se sucedem sem a menor sombra de angústia ou melancolia, porém. Daria uma boa trilha sonora.

Não poderia faltar uma homenagem ao Who, ainda hoje sua banda de cabeceira. A música escolhida é "Our Love Was", do LP *Sell Out* (67). Com duas guitarras dando um peso maior que o do original, Edgard faz três vocais, um grave, um agudo — os papéis de Daltrey e Townshend — e um sussurrante.

Mesmo sem dominarem o disco, guitarras sobrepostas rasgam faixas como "Vou Me Entregar Como Nunca" (outra parceria com Taciana) e "Danação" (do repertório das Mercenárias, mas composta por Edgard). Nesta última, uma das guitarras passou por quatro amplificadores e dezoito microfones para se obter o rugido e o uivo desejados. Nessa guinada se completa o auto-retrato, e Edgard, visivelmente satisfeito com o disco, numa das últimas sessões de mixagem, diz que não quer saber de "divulgação macia", afirmando que *Amigos Invisíveis* foi feito para ele e para os fãs.

Estes terão Edgard em dose dupla este ano, já que — desde agosto — o Ira! está em estúdio, gravando seu quarto disco. E, nos shows de divulgação deste vinil, ele diz que pode ou não incluir uma ou outra música de *Amigos*... Talvez ele tema que o disco assuma uma importância maior do que gostaria. Canções como "Abraços e Brigas" e "Culto de Amor" têm um potencial radiofônico que não pode ser desprezado. Daí essa relutância em promovê-lo. A banda de um homem só encerrou sua missão, um disco solo sem ego trip. Agora é a vez do Ira!, e isso já é assunto para uma outra matéria.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

Sensibilidade em suas mãos.

BERTASI é sensibilidade em suas mãos. Com simplicidade de manuseio, você pode usar versões para 2 e 5 canais ou em peças avulsas. Faça Revolução com esta Evolução.

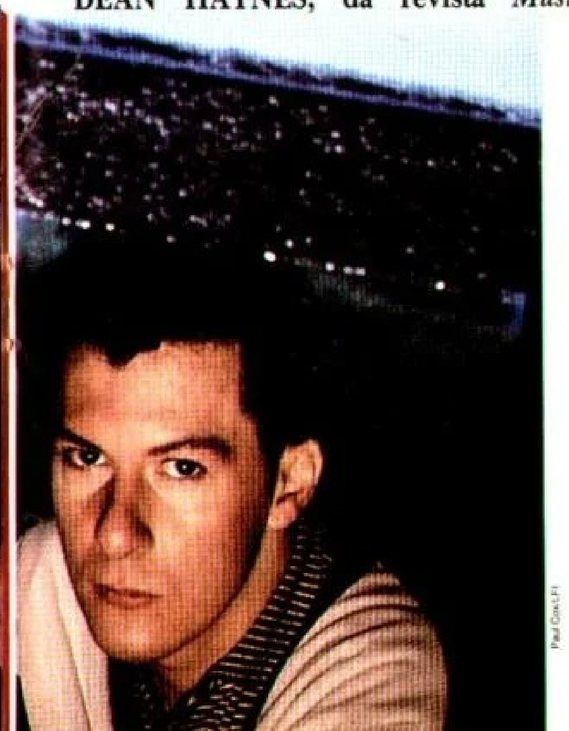
BERTASI®

Baterias Eletrônicas

Rua dos Campineiros, 299 · São Paulo - SP
CEP 03167 · Tel.: (011) 948-2938

A VOLTA POR CIMA

Quatro anos se passaram desde a estréia em vinil dos FINE YOUNG CANNIBALS, que retornam como o grande estouro da temporada. Quem traça a história e conversa com o vocalista Roland Gift é DEAN HAYNES, da revista *Music Express*



Paul Cox/ FI

"É divertido ser um pop star de novo", diz Roland Gift, vocalista dos Fine Young Cannibals, surgindo por trás de um disparo de máquina fotográfica.

Sim, os Fine Young Cannibals estão de volta. Não que eles tenham estado realmente afastados. Nos três anos que sucederam o lançamento do seu aclamado disco de estréia (*Fine Young Cannibals*, 85), o guitarrista Andy Cox e o baixista David Steele contribuíram com várias faixas para as trilhas sonoras de *Tin Men* (inédito no Brasil), *Totalmente Selvagem* e *Antes Só do que Mal Acompanhado*, além de produzirem artistas de rap e house. Enquanto isso, Gift se transformava num astro de cinema por mérito próprio.

Agora, retornam coletivamente com um novo álbum, *The Raw and the Cooked (O Cru e o Cozido)*. No lado "cru", o grupo revive o rhythm'n'blues dos anos 60 — a maioria das faixas é tirada da trilha sonora de *Tin Men*, filme de Barry Levinson ambientado naquela década. Já o lado "cozido" tem destino certo: é um prato cheio para as pistas de dança.

Os Fine Young Cannibals estouraram no cenário musical britânico em 85 com o hit dançante "Johnny Come Home", uma música tão dinâmica e contagiante que qualquer desavisado juraria ter sido composta em Detroit, no final dos 50.

Tudo começou quando Cox e Steele, dois ex-integrantes do Beat, saíram à procura de um vocalista, enquanto seus ex-companheiros de banda — Dave Wakeling e Ranking Roger — preferiam o caminho do pop adolescente e formavam o General Public. Os dois primeiros finalmente encontraram o que estavam procurando na figura de Roland Gift, que cantava e tocava saxofone com uma banda de rhythm'n'blues num pub londrino.

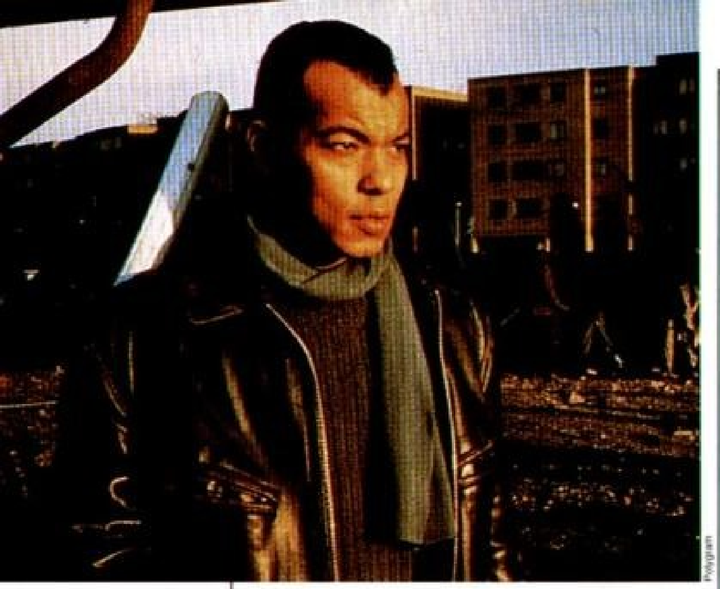
A entrada de Gift — pássaro raro: um cantor de soul moderno — fez com que os Cannibals se inclinassem muito mais para o soul do que a antiga banda de Cox e Steele, mais voltada para o reggae e o ska. "A voz de Roland é responsável por mais da metade do nosso som", diria Steele na época.

Sam Cooke, Al Green, Billie Holiday, Peggy Lee e Nina Simone foram algumas das influências decisivas para que Gift desenvolvesse seu habilidoso e inconfundível falsete. Mas a maior de todas foi mesmo Otis Redding.

"Otis Redding foi quem me fez ter realmente vontade de cantar", explica. "Quando o ouvi, entendi pela primeira vez o que era cantar, o que o canto poderia significar. Dizem que eu canto como este ou aquele, mas eu não tento me igualar a ninguém, nem copiar ninguém. Acho esse tipo de atitude completamente enfadonha."

"Eu brinco com a minha voz, eu acho. Quando uma voz é boa, é você que aparece. É você que as pessoas estão ouvindo."

O fraseado de Gift pode ter sido inspirado por Redding, mas seu estilo é único. Ele não se comporta como um gritador de soul nem como um crooner elegante — em vez disso, ronrona e geme com uma paixão contida. No momento em que sua voz se combinou com os riffs cortantes e as guitarras ritmadas do álbum de estréia, os Fine Young Cannibals criaram um groove perfeito, que parecia nunca ter fim. Uma



Polygram

Sob a direção de Stephen Frears, Roland Gift em cena de *Sammy and Rosie Get Laid*

levada ponteada por elemenos rítmicos de jazz, reggae, ska e rhythm'n'blues.

Durante a turnê norte-americana de 86 — quando o trio britânico levou o rhythm'n'blues de volta para aquelas praias —, conheceram o diretor Barry Levinson, *(Bom dia, Vietnã!)*, famoso então pelo sucesso do seu filme de estréia, *Quando os Jovens se Tornam Adultos* (82). Impressionado com o som da banda, Levinson pediu que fizessem a música incidental do seu novo filme, *Tin Men*, estrelado por Danny DeVito e Richard Dreyfuss. Terminada a turnê, o trio voou para Los Angeles para as gravações da trilha sonora. A pedido de Levinson, acabaram fazendo uma ponta no filme — como um grupo de soul dos anos 60, tocando num bar.

"Depois de gravarmos a trilha, Levinson disse para a banda: 'Eu realmente gostaria que vocês estivessem no filme'. Isso deixou o editor maluco, mas o diretor insistiu, dizendo que gostava da nossa aparência", explica Gift.

"Foi meu primeiro filme, mas não tivemos que representar, na verdade. Foi como se estivéssemos fazendo um clip."

Para Gift, era uma guinada de 360 graus, uma volta ao passado. Quando adolescente, ele havia chegado a atuar com um grupo de teatro comunitário em Midlands *(N. da R.: região central da Inglaterra)*, antes da mudança para Londres. Mas desistiu da carreira de ator para ficar só com a música.

"Quando me mudei para Londres, fui obrigado a tomar uma decisão. Escolhi a música porque era uma coisa mais imediata. Você pode começar de um dia para o outro. A profissão de ator é muito mais institucionalizada — espera-se que você vá para uma escola de teatro, essas coisas. A carreira musical é mais aberta, mais livre. Mas eu ainda me interesso por teatro", confessa Gift. "Vou me encontrar com a Royal Shakespeare Company no final do ano. Gostaria de fazer *Macbeth*, mas sou um pouco jovem demais, vamos ver..."

"Seria ótimo trabalhar com teatro novamente, porque é completamente diferente de cinema. Eu gosto muito de fazer as coisas 'ao vivo'. Prefiro cantar ao vivo do que gravar em estúdio. É mais inspirador."

Embora a aparição de Gift em *Tin Men* fosse de apenas alguns minutos, isso não diminuiu o impacto de sua estréia cinematográfica — tanto que o vocalista passou a ser procurado com convites para novos papéis. Gift, porém, não se mostrou interessado — até que Stephen Frears o convidou para participar de *Sammy and Rosie Get Laid* (também inédito no Brasil). O filme do diretor inglês transformou Gift num astro completo — carismático, sexy e muito assediado.

A carreira cinematográfica do vocalista prosseguiu com *Scandal*, recém-lançado filme do diretor Michael Caton-Jones sobre o caso Profumo — um dos mais comentados escândalos sexuais dos anos 60, que provocou a queda do governo conservador britânico em 63. A protagonista do escândalo, a prostituta Christine Keeler, é interpretada por Joanne Whalley. Nessa intriga de sexo e política, Gift é Johnny Edgecombe, um dos amantes de Christine.

"Johnny é um personagem interessante", diz ele. "É um papel menor do que eu fiz em *Sammy and Rosie*, mas é um personagem importante. A história não poderia ser contada sem ele."

"Foi um dos papéis mais interessantes que me ofereceram. Eu queria algo que valesse a pena, e que não me fizesse ficar arrependido depois. O caso Profumo foi de grande importância para a Inglaterra. Todas as pessoas envolvidas eram bastante conhecidas, e a questão foi muito discutida na época."

Johnny é um personagem bastante repulsivo. Em sua primeira cena importante, Gift golpeia o rosto de outro personagem. Na segunda, está na cama com Joanne Whalley.

Enquanto Roland estava na cama com Whalley, Andy e David se encontravam em estúdio produzindo compactos para o Pop Will Eat Itself e as Wee Papa Girls — incluindo o hit "Heat it Up". Mas também aproveitaram para gravar um hit de autoria própria: "Tired of Getting Pushed Around", lançado sob o nome de Two Men, a Drum Machine and a Trumpet.

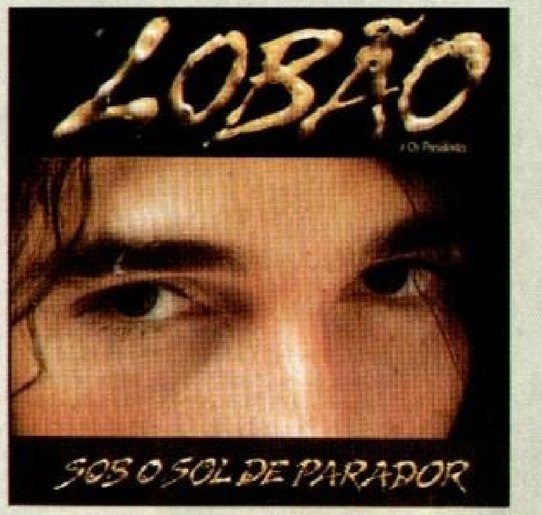
O envolvimento de Cox e Steele com a produção de rap e house é uma seqüência natural à tradição do movimento Two-Tone — uma força musical que assumiu a dianteira da música britânica no início da década de 80. Na época, grupos como UB40, Specials e Beat — que tinham em suas formações integrantes brancos e negros — foram os responsáveis por uma fusão entre as duas culturas.

Sempre um passo adiante do seu tempo, Cox produziu há algum tempo atrás uma faixa de *bhangra*, "Ish Ka Deh Marmaleh", para o adolescente asiático Sarbani. Mas, apesar do empurrão da gravadora Virgin, a música acabou ignorada pelos DJs, imersos na acid house.

"Já que Andrew e David podem trabalhar como produtores enquanto eu estou representando, não temos problemas", diz Gift. "Não é doloroso para ninguém. Se eles não tivessem nada para fazer enquanto eu faço cinema, ou vice-versa, então não ia dar certo. Do jeito que está, tudo fica bem."

"Como temos o Fine Young Cannibals, não é como se eles fossem só produtores, ou como se eu fosse apenas um ator. Nós temos uma escolha, e podemos

POLÊMICO
IRREVERENTE
IRÔNICO
CRIATIVO
SARCÁSTICO
CONTUNDENTE
INOVADOR
CRÍTICO
LOBÃO
SOB O SOL DE
PARADOR
EM LP, K7 E CD



BMG
PRODUZIDO POR LIMINHA
CO-PRODUZIDO POR LOBÃO
RCA

"A gravadora não tinha cobrado a demora de quatro anos para lançar o segundo disco. Então, tínhamos de ceder"

tomar uma decisão em nível artístico, não num nível puramente financeiro — o que você é obrigado a fazer, às vezes, quando precisa comer..."

"Por exemplo, poderíamos ter ganho mais dinheiro se tivéssemos lançado um álbum logo depois do primeiro. Tenho certeza disso. Mas enquanto tivermos o suficiente..."

Você não terá que fazer o papel de um garanhão negro...

"Sim", ele suspira, sempre cauteloso quanto ao perigo de aceitar um papel inadequado. "Existe um programa de TV inglês chamado *The Bill* — bill é uma gíria para a polícia. Eles me ofereceram um papel de rastafari, sabe, com tranças e tudo mais. Meu agente respondeu: 'Não sejam ridículos, ele não vai aceitar. Além disso, ele não tem tranças de rastafari'. Eles responderam: 'Bem, podemos colar algumas nele'. Esse foi o script mais esquisito que já me ofereceram até hoje."

"Vou trabalhar em um filme francês no final do ano — acho que será um filme bem francês. Faço um personagem chamado Andy, que auxilia uma mulher. À primeira vista, o papel é parecido com o que eu fiz em *Sammie and Rosie*. Mas acho que o diretor não vai querer que eu repita aquela atuação."

Não há o que temer. Esses rapazes não gostam de se repetir. Embora *The Raw and the Cooked* seja parecido com o álbum de estréia, os Cannibals demarcaram novos territórios, usando novas tecnologias na sua eclética mistura de música dançante e baladas soul.

"Geralmente, David e Andrew fazem a música e eu escrevo a letra", explica Gift. "Essa é a divisão, mais ou menos. Depois, trabalhamos juntos em cima das músicas. Tentamos ter tudo definido antes de entrar em estúdio. Na verdade, não gostamos de compor em estúdio, o que pode se tornar muito caro."

O som que eles produzem é único, mas já foi classificado de várias formas. Na Holanda, são considerados um grupo de jazz. Na Alemanha, uma banda de rock. Na Itália, pop infanto-juvenil. Na Inglaterra, é pop, e, nos Estados Unidos, soul estilizado.

"Acho que somos difíceis de classificar porque não fazemos um som definido", admite Gift. "Há muitos elementos diferentes na nossa música. Então, quando alguém descobre um jeito fácil de classificá-la se agarra logo a ele. Não é o tipo de coisa que eu faça, não tento classificar a nossa música. Para mim é pop, mas existem outras influências — tenho ouvido um pouco de jazz nos últimos tempos. Eu ainda gosto de hip hop. Acid não me estusiasma tanto. E eu gosto dos Gipsy Kings."

Evidentemente, "She Drives Me Crazy", "Don't Look Back", "I'm Not Satisfied" e "I'm Not the Man I Used to Be" são as favoritas do grupo neste novo LP.

O primeiro compacto a ser extraído dele, "She Drives Me Crazy", abre o disco com uma batida staccatto e ardilosas mudanças de ritmo. Chegou às Dez Mais em sua terceira semana na parada britânica e repetiu o sucesso nos Estados Unidos (onde o álbum do grupo ficou várias semanas na primeira posição).

Já "Don't Look Back" é a faixa mais "rock" do LP — "no nosso caso, é rock, de qualquer maneira", brinca Gift — enquanto "I'm Not Satisfied" deve se transformar numa das favoritas das pistas de dança.

A inclusão de "Ever Fallen in Love" dos Buzzcocks, fechando o lado um, é problemática. A música, uma das covers favoritas do repertório ao vivo do grupo, em seu início de carreira, havia sido gravada dois anos atrás, a pedido de Jonathan Demme, para a trilha sonora de *Totalmente Selvagem* — transformando-se então num compacto de bastante sucesso.

"Não queríamos incluí-la no disco", confessa Gift, "mas a gravadora insistiu e não havia nada que pudéssemos fazer. Quer dizer, eles tinham sido bastante razoáveis até aquele momento — não tinham cobrado a demora de quatro anos para lançar o segundo disco. Então, tínhamos de ceder."

Este primeiro lado, o "cozido", sofre de uma enxaqueca de baterias eletrônicas — é como se os Cannibals tivessem sido seduzidos pela nova tecnologia da dance music. Mas o fato dos sons de caixa virem diretamente da bateria eletrônica de Prince não os torna automaticamente bons — embora isso aconteça em "She Drives Me Crazy". A idéia inicial da banda era colocar Prince para produzir o disco — proposta considerada inviável pela própria gravadora, que preferiu entrar em contato com David Z, ex-Revolution. Ele levou o trio para o estúdio de Prince, em Paisley Park, e acabou produzindo três faixas — incluindo, claro, "She Drives Me Crazy".

O intrigante uso de piano, órgão e sax no lado dois confere às canções "cruas" qualidade sedutora, especialmente em "I'm Not the Man" e "Tell Me What?", onde transparece a influência de Sam Cooke na voz de Gift — transformando as duas faixas no ponto alto do LP. Essas canções soul possuem características completamente diferentes daquelas conduzidas por uma bateria eletrônica — são mais quentes, completas e convidativas. Então, por que não chamar um baterista de carne e osso?

"Nosso sucesso está muito ligado ao fato de que existem apenas três pessoas para serem satisfeitas, e não seis. As decisões ficam muito mais fáceis, porque nós pensamos da mesma maneira. Para que arruinar isso?"

Houve um longo silêncio entre os dois álbuns dos Fine Young Cannibals. Na sua primeira, e até hoje única, turnê norte-americana, os sultões do soul começaram discretamente, mas mostraram a sua força. Inegavelmente, Gift foi a estrela da turnê — sua aparência de galã, reminiscência de uma combinação carismática de Nat King Cole com Jackie Wilson, encantou o público. E sua interpretação contida mas emotiva para "Johnny Come Home" fez as platéias delirarem. A vocação natural da banda é a dance music, com pitadas de soul. Eles são únicos na sua especialidade. Mas ainda teremos que esperar um pouco mais para vê-los ao vivo.

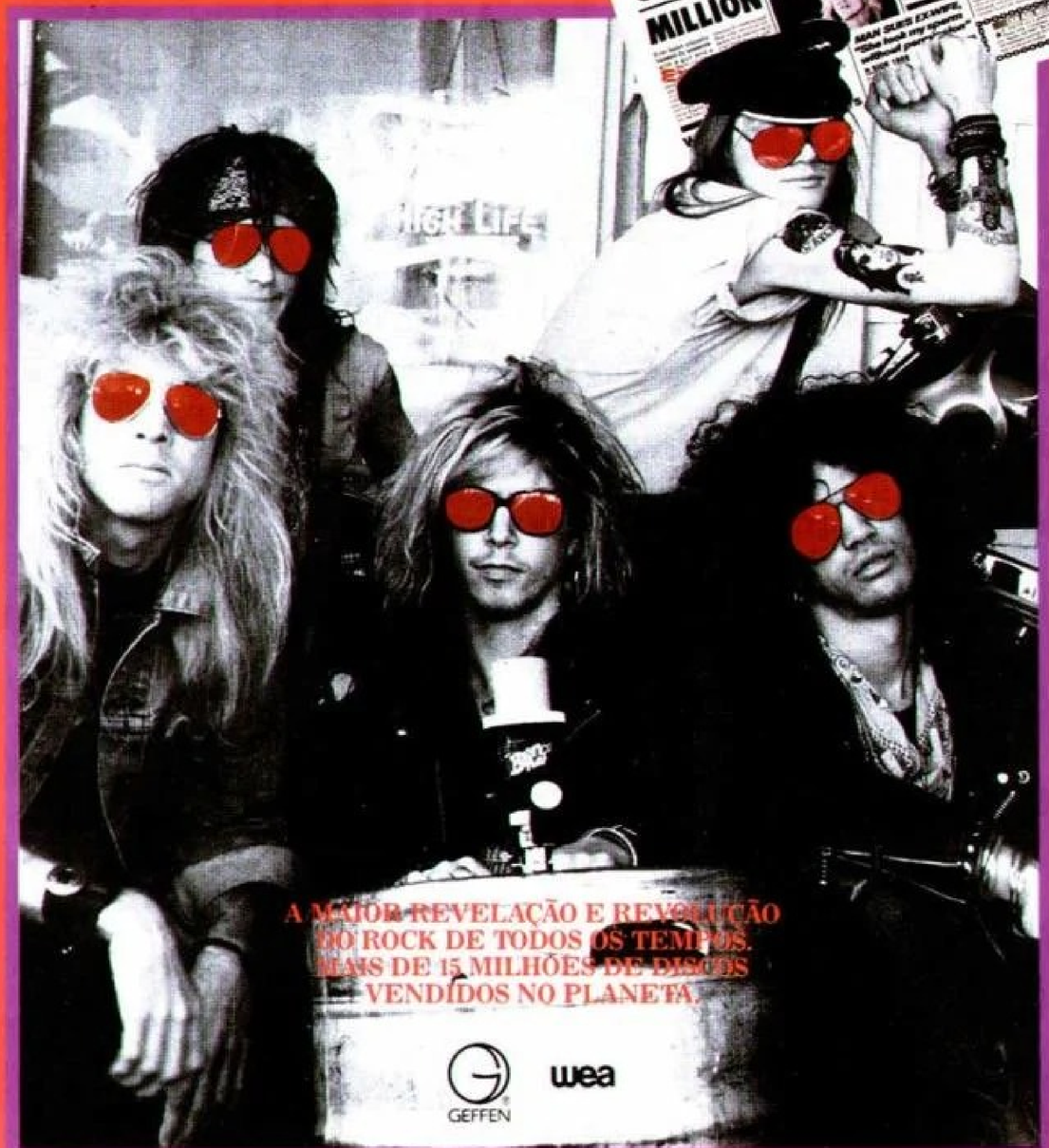
"Só vamos excursionar depois do terceiro disco", admite Gift.

E quando vai ser isso?

"Acredito que vai demorar um pouco menos do que demorou para lançarmos o segundo, mas isso não é uma promessa. Seria tolice minha tentar adivinhar. Mas as pessoas sempre serão capazes de perceber que somos nós. Sempre."

GUNS N' ROSES

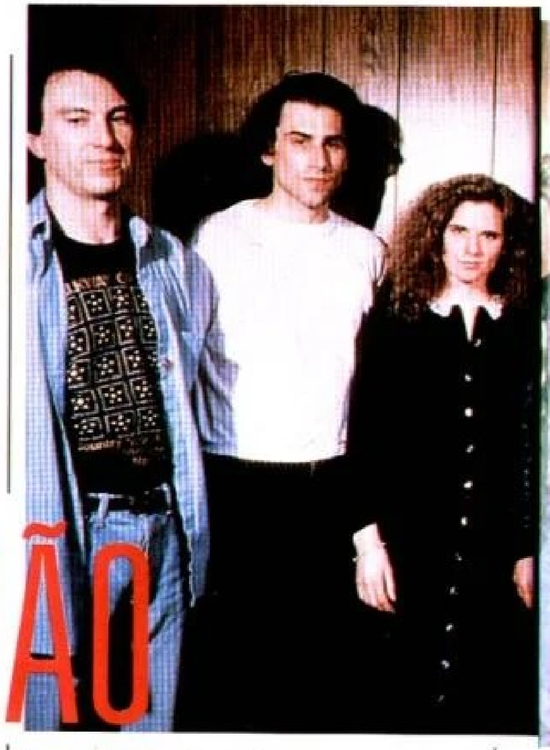
NOVO LP JÁ À VENDA



A MAIOR REVELAÇÃO E REVOLUÇÃO DO ROCK DE TODOS OS TEMPOS. MAIS DE 15 MILHÕES DE DISCOS VENDIDOS NO PLANETA.

GEFFEN wea

NA TRADIÇÃO, A CONTRAMÃO



BMG-Ariola

Os COWBOY JUNKIES vêm do Canadá e são o mais novo e melhor antídoto para quando as guitarras distorcidas e baterias eletrônicas começarem a dar dor de cabeça

Dizem as lendas que foi assim: numa tarde particularmente escaldante do verão nova-iorquino de 1988, uma pequena e seleta multidão reunida no New Music Seminar viu-se subitamente transportada para além do calor, da umidade e da desgraceira que é Nova York em julho, graças a uma desconhecida banda canadense. Quando saíram dali, os três irmãos Timmins — Margo (vocais), Michael (guitarra) e Peter (bateria) — mais seu amigo e vizinho Alan Anton (baixo) estavam devidamente contratados, lançados e paparicados. Eles eram os Cowboy Junkies e, nos próximos seis meses, a crítica americana iria gastar quase todo o seu estoque de adjetivos para definir *The Trinity Session*, o álbum que gravaram com uma máquina DAT (*digital audio tape*) numa única noite em uma igreja de Toronto, sem samplers, sem overdubs, lançado por um selo independente canadense que acabou sendo entusiasticamente distribuído pela RCA/BMG-Ariola. Quase um ano se passou e os Cowboy Junkies sobreviveram bravamente ao impacto da glória súbita, acabam de gravar mais um disco e estão num hotel em Nashville, Tennessee, no meio de uma longa excursão pelos Estados Unidos. O telefone toca na hora combinada para a entrevista, mas, em vez de Margo, é Michael quem atende. "Ih, Margo não está aqui... Deixa eu ver... Marge, Marge!". Um pouco depois ele volta: "Ela está no banheiro. Dá para ligar daqui a pouco?"

Dava. Instantes depois, Margo Timmins falou sobre a trajetória da banda, sua relação com o bicho-papão do sucesso, seus planos, da mesma forma que o som dos Cowboy Junkies: simples, sincera e bonita.

A origem dos Cowboy Junkies está centrada em Michael Timmins. Em 1979, ele, que era fã de Joy Division e Siouxsie & The Banshees, formou uma banda com seu amigo Alan Anton. Um ano depois, se mudaram para Nova York, mas a cena por lá, depois da efervescência do final dos anos 70, andava morna. Em busca de mais agitação, foram para Londres, mas, novamente, Michael teve a sensação de ter chegado tarde demais. A única coisa que lhe parecia interessante era o *Birthday Party*, de Nick Cave. Os dois formaram uma banda experimental *noisy*, Germinal, que durou três anos. De volta a Toronto, Timmins descobriu o blues e caiu de amores. Junto com outros dois irmãos, John e Peter (guitarra e bateria), ele começou a delinear o que viria a ser um pouco mais tarde os Cowboy Junkies. Na hora de acrescentar os vocais, ele resolveu continuar em família e chamou a irmã Margo. Ela não tinha experiência profissional alguma, apenas costumava cantar dentro de casa e em peças na escola. "Levou muito tempo até que eu acreditasse no fato de que eu conseguia cantar. Sempre soube que eu era capaz de conduzir uma melodia, mas não achava que aquilo fosse suficiente para me considerar uma profissional. Levou um ano — depois dos shows, depois de termos gravado o primeiro álbum — para que eu me sentisse mais confiante."

No início, a ajuda de Michael foi essencial para que Margo desenvolvesse seu estilo, ensinando-a e incentivando-a a tentar fazer algo diferente. "Não havia muita pressão em cima de mim para fazer tudo certo. A idéia era experimentar e, por isso, tentei um monte de coisas diferentes, simplesmente tentando aprender qual era o lance da minha voz. No fim das contas, aprendi que minha voz era mais agradável e mais fácil de ser controlada quando eu cantava baixinho, daí comecei a me inclinar para esse tipo de estilo. Os caras da mesa de som ficavam maluquinhos (*rindo*)." Ela afirma que não tentou nem copiar nem imitar ninguém: "Depois que eu comecei a cantar, passei a admirar todos que fossem capazes de cantar bem (*risos*). Emmylou Harris talvez seja a cantora que eu mais admiro, pelo estilo que é absolutamente lindo, mas também porque ela é uma mulher que trabalha com música. Ela é muito respeitada mas ainda é generosa e gentil e muito bonita. Eu admiro isso".

Embora Michael seja o responsável pela escolha das covers e pela concepção geral dos arranjos, foi o estilo — etéreo e delicado são os adjetivos mais recorrentes para descrevê-lo — de Margo que deu a forma final ao grupo. "Todos nós participamos. Cada um é responsável por seu instrumento. Minha parte é o vocal e a interpretação das músicas. Geralmente, sou eu que estabeleço o clima das canções por causa do jeito que eu canto. Eles precisam entrar no meu clima. Mas isso também pode mudar. Se eles começam a fazer algo de maneira diferente, aquilo pode acabar influindo na minha interpretação."

Se *Whites Off Earth Now*, o primeiro LP lançado por seu próprio selo independente, Latent, foi concebido sob os eflúvios do blues, *The Trinity Session* teve por padrinho o country: "As letras do primeiro álbum são letras antigas de blues porque, no começo, minha maior preocupação era criar apenas melodias, era descobrir como era cantar em uma banda, criar alguma coisa a partir do nada. No momento em que começamos a excursionar pelos Estados Unidos, depois do lançamento do primeiro disco, começamos a ouvir muita coisa de country, porque estávamos viajando de carro pelo sul dos EUA. Conhecemos também os 'novos tradicionalistas': Dwight Yokam, Randy Travis, Steve Earle. Estávamos, enfim, descobrindo o country pela primeira vez e a gente estava se identificando muito com aquilo. A música era honesta, pura, simples, direta. E era isso que estávamos tentando fazer".

Neste momento, eles ampliaram a banda com a entrada, em caráter permanente, dos músicos convidados a participarem no *The Trinity Session* — Kim Deschamps (*pedal steel*), Jeff Bird (*rabeca*, gaita) e Jaro Czerwinec (acordeão) — e acabaram de gravar um novo disco. "É um pouco mais sujo do que *The Trinity Session*, que era puro, muito focado na beleza do local em que foi gravado, na beleza dos vocais, que era exatamente o que estávamos buscando naquela hora. O novo LP tem um gume cortante, é um pouco mais bruto. Para mim é mais sofisticado, porque agora somos uma banda de sete integrantes, então tem muito mais orquestração. Talvez seja um pouco mais complicado. De qualquer maneira, ainda é centrado nos meu vocais e eu ainda canto baixinho... Não estou gritando (*risos*). Espero que ainda tenha aquela delicadeza. Também tem um pouco mais de folk desta vez, porque os três músicos que entraram vêm da cena folk canadense."

Na esteira das bem-sucedidas versões de "Sweet Jane", de Lou Reed, e "I'm So Lonesome I Could Cry", de Hank Williams, desta vez eles partiram para "Dead Flowers", dos Rolling Stones. De quem foi a idéia? "Foi uma escolha de Mike. É engraçada essa música. É uma daquelas músicas que quase acabaram sendo jogadas fora porque eu não conseguia interpretá-la. Quando você faz uma cover, logicamente não quer gravar da mesma maneira que o artista original, não faz sentido. Essa era uma canção sobre a qual eu não sabia o que dizer, não conseguia colocar significado algum nela. Somente agora é que ela está começando a sair bem feita. Foi assim também com 'Sweet Jane'."

ANA MARIA BAHIANA

"Etéreo" e "delicado" são os adjetivos mais recorrentes para descrevê-los

LIBERADO SEM CORTES

Ricardo Siqueira Azul

Com sete anos de estrada, o SEXO EXPLÍCITO grava enfim um LP para mostrar o que é que o rock mineiro tem

De agora em diante, esqueça tudo que sabe, ou pensa que sabe, sobre Sexo Explícito, a banda. Quem não vive em Belo Horizonte, provavelmente não a conhece. Se já ouviu falar, deve ter imaginado uns moleques desbocados que talvez sigam o gênero hardcore, thrash ou algo beirando uma ejaculação precoce musical. Tudo não passa de (su)posições em cima do Sexo Explícito, o nome, que — como era de se esperar — já provocou muitas confusões. Certa vez, atraídos pelo anúncio de um show da banda, alguns senhores compareceram ao local julgando ser mais um festival de cópulas ao vivo. Ficaram na mão...

A escolha do nome tem, se não uma boa explicação, uma origem decente. Em Belo Horizonte, dois poetas do grupo Cem Flores — Marcelo Dolabela e Rubinho Troll — adicionaram a seus escritos o violão de Roberto Nosso e apresentavam-se como Sexo Explícito, que também vem a ser título de uma coletânea de poesias mimeografadas. Os skatistas John e Mário aderiram ao grupo, que, desde 1982, vem passando por diversas formações (incluindo Jair, do grupo Último Número, e mais três vocalistas "que gritavam muito"). Chegaram a ter oito pessoas no palco, as moças vestindo baby-doll e os rapazes, pijamas listrados. Passado o surto performático, logo após a debandada geral, os que ficaram — Rubinho (vocal e letras), seu irmão Rogério (bateria), Mário (baixo) e John (guitarra) — voltaram-se para o lado musical. Ou, ao menos, tentaram. "Nessa fase, ficávamos parados no palco porque não sabíamos tocar direito. Parecia até dark", lembra Mário. Mesmo assim não desistiram. Teimosia maior era querer ser roqueiro em BH. "O problema", diz Rubinho, "é a inércia do lugar. Muitos pararam porque perderam o tesão. BH não é capital, é interior." Segundo eles, até que existe um circuito de shows pela noite para quem toca jazz, covers de pop rock e ainda o country. Mário acha que "em termos de rock, o pessoal é meio atrasado. Nós tivemos a chance de ser bem informados. Era uma turma bem fechada. Nós não fazemos um 'rock mineiro' ". E chamam atenção para o sucesso merecido do Sepultura, que, para Rubinho, "é coisa do outro mundo". Mário considera o público metaleiro bem mais aberto. "Já tocamos juntos e até pensavam que éramos metal. Uma vez, uma cara disse que o Sexo Explícito era a melhor banda de new wave pesado!"

A indefinição musical da banda atraía basicamente dois públicos diferentes: o do rock e o da MPB. "Isso porque visitamos vários estilos, até marcha de carnaval, de modo irônico, rebelde e repassamos a MPB", explica Mário, garantindo que hoje "o rock tem mais força". Muito dessa miscelânea sonora se deve às influências sofridas durante a adolescência. Mário, por exemplo, ouvia Chico Buarque e muito samba em família, sendo seu avô um compositor da boêmia na década de 30, além de não faltar Carlos Galhardo, orquestras e temas de novela. Passou para a skate music e fase posterior ao punk, sem esquecer David Bowie. Rubinho lembra de um Natal em sua casa comemorado ao som de Martinho da Vila, Fevers e Clara Nunes. "Empapucei e queria ir contra. Tive várias fases, pulei do Kiss para a música latino-americana, coincidindo com minha época de militância no movimento estudantil. Com a new wave, percebi que estava cheio de toda aquela empáfia. Por outro lado, o pessoal do Clube da Esquina resgatou uma musicalidade mas não se renovou. Isso deu força para a gente continuar, como uma influência contrária. Hoje, voltei a gostar do Milton, Beto Guedes, mas sem aquele ranço."

Nas letras de Rubinho, encontra-se a mesma instabilidade. "Eu mudo muito. Há um tempo atrás, eu tinha uma linha que estava muito Chico Buarque. Mudei, mas hoje estou com ele de novo. Gosto de letra que dê prazer de ouvir. Mas às vezes também acho que não precisa ter destaque. Antes, elas beiravam a idiotia. Hoje, continuam tão idiotas quanto, mas com mais refinamento. O que antes eu fazia de forma mediúnica, agora perco um tempo pesquisando. O meu método é peculiar; me aproprio de coisas alheias. Meu manancial é jornal, revista, cinema. Outro dia eu ouvi num filme: 'O dia que o mundo tomar juízo, te darei meu endereço'. Isso me impressiona..."

É quase inacreditável que, para um colecionador de revistas pornô, um dos temas mais constantes seja a religião. Antes que o acusem de profano, ele esclarece: "Esse assunto está em tudo que escrevo, de forma bem pessoal. Minha cabeça foi bagunçada pela religião. Fui católico, batista, macumbeiro, fiz ioga mas nunca me aprofundei, só depois que larguei tudo. Hoje em dia, leio muito mais a *Bíblia*. Quanto às revistas, a situação econômica me obrigou a vendê-las".

Com mais de seis anos de existência, só agora chegam ao primeiro LP, pela Eldorado. Depois de várias demos, receberam um convite do selo Câmbio Negro, de BH. O disco estava pronto quando foram chamados para participar da coletânea *Rock Forte*, pela BMG, onde gravaram "No Thanks" e "Vaporzinho na Calçada", com a promessa de um LP, que acabou não acontecendo por problemas internos da gravadora. Descrentes do mercado independente, não se arrependem por terem descartado a Câmbio Negro. "Disco independente não adianta. Só se você for um Roberto Carlos, se não vai ter que vender debaixo do braço", justifica Mário. Na opinião de Rubinho, os selos de São Paulo são mais organizados. "Fizemos uma via-sacra por lá e recebemos propostas que iam desde a semi-escravidão até umas bem interessantes. Julgamos a Eldorado mais sólida. É uma gravadora nova, não tem congestionamento no elenco e nosso estilo não tem concorrente lá dentro."

Gravado e mixado nos estúdios da Odeon, no Rio, no tempo recorde de um mês, o disco traz dez faixas, das quais oito tiveram todas as bases registradas ao vivo. O critério usado na escolha do repertório foi o seguinte: ao passarem uma seleção de músicas feitas desde 1983 para o novo integrante — o baterista Rogério Bacoom —, foram escolhendo as que "casavam melhor entre si", servindo de *Combustível para o Fogo*, título do disco, escolhido por "razões metafísicas". A opção pelo novo baterista só não aconteceu antes porque em BH não tinha outro.

"Meu irmão tocava com a gente há uns sete anos, mas a relação nunca foi bem resolvida. Vimos o Rogério tocar em São Paulo com a banda Ou Isis. Ele se interessou pela nossa proposta e veio morar em BH", conta Rubinho.

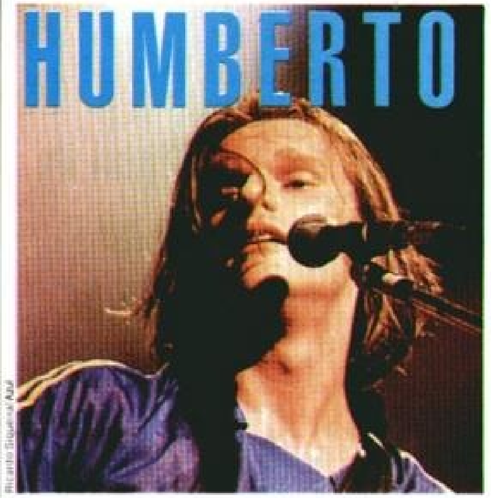
O disco tem ainda as participações vocais de Márcio Bandeira (Black Future) e Ayrton Mugnaini Jr., com gritos sampleados. A produção de Mayrton Bahia ganha elogios de Mário: "Ele foi indicado pela Eldorado. Não conhecíamos outro e tínhamos medo de quebrar o pau com ele. Mas o Mayrton está se saindo melhor que a encomenda. Tem sensibilidade para saber o que o artista quer e aliar isso à sua visão técnica". Mas o que aconteceu com aquela banda que não sabia tocar? "O nosso produtor diz que sabemos mais que a maioria que aparece aqui no estúdio. Damos conta do nosso recado e suprimos nossas ambições musicais com essa formação", responde Mário. "Também, são sete anos batendo ali. Se você não aprender...", diz o irônico Rubinho.

Quanto aos shows, Rubinho diz que estão numa fase "de relaxamento. Procuramos nos divertir. Não adianta manter uma figura na cabeça e depois não conseguir fazer aquela pantomima. Eu fico puto em show que tem estereótipo, guitarrista fazendo careta. O cara tem que tocar, ser ouvido, não é zona total. Se pagaram ingresso, é um serviço como outro qualquer, tem que fazer direito. Eu posso até fazer pose mas é espontâneo e isso o povo sabe reconhecer. Engraçado é que a grande maioria dos músicos acha que a platéia está curtindo quando está dançando. Eu não vou a show para dançar. Uma situação apática até motiva a ficar mais sarcástico". Mário: "Teatro é o melhor lugar, as pessoas prestam mais atenção e ganhamos muito com isso. O público do interior é sempre bom porque não tem preconceito. Danceteria a gente detesta. É melhor fazer playback". Rubinho se empolga: "Todo mundo malha, mas nós queremos muito fazer. Deve ser legal demais, não precisa ensaiar. Passar som é o maior desgaste". Para quem já passou por poucas e boas, Mário encontra o motivo pelo qual encaram tudo com otimismo (será possível ainda?). "Teve um show no Rio em que fomos recorde de público negativo. Mas estamos tão acostumados a tocar juntos e a conviver quase a semana inteira que atingimos um entrosamento. As pessoas perguntam: 'Como vocês conseguem tocar desse jeito mesmo sem ninguém para ver?' "

E quantos não estão passando pela mesma situação. Rubinho coloca o rock nacional em questão: "Esses 'lokis' que estão falando mal do rock devem estar com o ovo atravessado. Vivemos o melhor momento, com milhões de estilos. Só que, paradoxal a essa efervescência, tem muita gente sem trabalhar, sem gravar. Isso se estende à música em geral. Quando teve no Brasil toda essa diversidade?"

"Playback deve ser legal demais. Não precisa ensaiar!"

HUMBERTO GESSINGER


Ricardo Siqueira/AAI

ABRACE

Ele tem 780 discos, contados "na última mudança". O primeiro LP importante para Humberto foi *Dark Side of the Moon*, presente de um amigo quando tinha 10 anos. "Foi uma escolha que definiu a minha vida. *Dark Side*... é um discurso extremamente racional sobre a irracionalidade." Os que marcaram época? "No colégio tinha a turma dos alienados — da discoteca —, os pesados e os progressivos. Como eu era desta última, tinha que/aprendi a odiar **Led Zeppelin.** Mas pintou a abertura e... *yankees go home!* Veio **Egberto Gismonti**, **Caetano** — superimportante — **Chico** e tal... Jazz, aquele disco do supertrio **MacLaughlin**, **Al di Meola** e **Paco de Lucia.** Aí surgiu o punk e zerou tudo — dizem que português vai uma vez por ano a Portugal para zerar o QI *(risos)*. Montamos Engenheiros... porque tinha pintado Replicantes. Começamos a descartar aquela coisa de arte com A maiúsculo e dar valor às coisas comuns, pessoas que não eram geniais, mas faziam um trabalho genial, como **Rush**." Num carnaval solitário em Porto Alegre, Humberto comprou toda a discografia do **Iron Maiden,** "um revival individual"

DYLAN & THE DEAD "I WANT YOU" (Bob Dylan)
"O que é isso? Dylan e Greatful Dead. Ah! 'I Want You'. Coisa velha, não é? Eles tocavam tão detonados que às vezes o som é deles e não parece eles. É a melhor voz. Não é The Band porque falta aquele tecladinho, mas é das antigas."

MILTON NASCIMENTO "CLUBE DA ESQUINA" (Milton/Lô e Márcio Borges)
(Antes de entrar a voz) "Isso é Brasil. Milton Nascimento. Eu não gosto. Deve ser muito bom, deve ter coisas boas, mas definitivamente eu não gosto. As pessoas que gostavam dele eram muito chatas e acho que me influenciaram. Um dos poucos de quem não tenho discos."

PINK FLOYD "BIDING MY TIME" (Roger Waters)
(Primeiro acorde) "'Biding My Time'. Bah! A melhor música do mundo! É a primeira vez que o Roger Waters está cantando. Ele mudou tanto a voz com o tempo!... muito cabaré... Waters é meu pai adotivo e o Dave Gilmour, meu irmão mais velho. Essa é do Waters, tem de ser dele... Nick Mason, um inglês, tocando bateria superfrio. Antigamente a bateria soava como um só instrumento. Agora o bumbo é um instrumento, caixa é outro... ocupa muito espaço."

O SOM NOSSO DE CADA DIA "BICHO DO MATO" (Gastão Lamounier Netto)
(Antes de entrar o vocal) "Deep Purple! Se não for, com esse órgão! Porra!? É brasileiro!? O que é isso? Cover? Super Deep Purple. Deve ser aquelas bandas paulistas que fizeram parte da história. Ou vai ver é gaúcha, tipo aquelas que eu nunca ouvi: Bixo da Seda, sei lá!"

O ÚLTIMO NÚMERO "COME TOGETHER" (Lennon/McCartney)
"Funk com guitarrinha esperta... Não sei o que é isso *(antes de entrar o vocal)*. Meio funk, meio jazz... timbrezinho cachorro dessa guitarra. Ah! Música dos Beatles. Definitivamente não sei quem é. Já ouvi isso na rádio de Porto Alegre... Essa música é uma das raras que os Beatles não gravaram legal. Por isso todas as versões são melhores."

THE POLICE "NO TIME THIS TIME" (Sting)
"Police! Pô, bandão! Tinha de ser um grande baterista. Não sei o nome das músicas porque não ouvia em disco, gravei em fitas. Essas mais rock'n'roll eu não gostava. Esse timbre de caixa que rondou os anos 80, eu não gostava muito. Achava mais legal o dos anos 70, como Ian Paice, do Deep Purple, mais molhadinha. E o Andy Summers solando fica tão medíocre! Ele é tão genial fazendo textura! Acho legal tocar com o Augustinho *(Licks)*, porque acho que ele é o único guitarrista do Brasil que não se influenciou pelo Police."

PIAZZA
Mire-se nesta marca
MAIS UM PRODUTO:
FREE LONDON Indústria e Comércio de Calçados Ltda. AV. ROLAND GARROS, 2.364 - FONE: 201-8634 - SÃO PAULO

ONEXÃO BRASIL

Carlos Marchin / Azul

Ah, tua alma é de pedra / E eu sou o mesmo de antes. Ah, tua alma é de seda / Mas eu não acho o bastante", canta **Jack Daniel** na música "A Primeira Noite", que abre o primeiro LP dos **3 Hombres**, *Você no Oeste*. Embora seja um grupo pouco conhecido, eles — na verdade, *quatro* homens — fazem parte da história do rock paulista. Principalmente **Minho K** (guitarra), bem conhecido do underground e presente no *bas-fond* desde 79, quando integrou o Verminose (primeira banda de Kid Vinil). A idéia de montar um grupo com esse nome — tirado do terceiro LP do ZZ Top, um título "meio chicano, que não tem a ver com rock, tipo Trio Los Panchos", como explica Minho K — data de 87, quando Thomas Pappon — atualmente fora da banda — e Jack Daniel (vocal/letras) tocavam covers dos Beatles. Como Minho K já tivesse um trabalho solo, resolveram levar adiante um projeto de banda mesmo. Um ano e meio depois, **Jayr Marcos** (baixo), **Sweet Walter** (bateria) além dos já citados, se trancaram no estúdio Quadrophenia e produziram esse LP pago do próprio bolso, que deve ser editado por um selo independente. Partindo do blues e do rhythm'n'blues como referência, 3 Hombres impõe uma sonoridade "lenta, de guitarras simples, com a cozinha pesada mas sem beat dançante", atesta Minho K. Este vinil registra a primeira fase da banda. Atualmente trabalham num novo repertório, que deve gerar um segundo LP, e se preparam para enfrentar a estrada, com um disco recheado de hits subterrâneos debaixo do braço.

SÔNIA MAIA (SP)

Cansadas de esperar em vão, as chamadas bandas da terceira geração do rock de Brasília partiram em busca do vinil de outras formas, já que as gravadoras não se mostram mais interessadas na produção local. A partir de 88, os selos independentes passaram a ser o único recurso para os grupos que vieram após Legião, Plebe e Capital. Com os intermediários ***Finis Africae*** *e* ***Banda 69*** *sepultados pela mídia, e o* ***Obina Shock*** *mudando a cara e a cor do repertório, as promessas da capital da República tiveram uma redução drástica em qualidade e quantidade. Quem conseguiu se autoproduzir foram as bandas* ***Pânico!***, ***Peter Perfeito***, ***Heróis do Dia***, ***Holandez Voador***, ***5 Generais e Ânima Verba***. *Não sobrou muita coisa em Brasília. O ataque sonoro da capital agora é outro — tende para o heavy metal. Neste gênero destacam-se* ***Fallen Angel***, ***PUS***, ***Flammea***, ***Asgard***, ***Torino***, ***Abomination***, ***Déjà Vu*** *e* ***Volkana***.

Parodiando o Capital Inicial, o panorama do rock em Brasília é o seguinte: de cima parecem todos iguais. Alguns tentam ser diferentes, mas no fundo é tudo a mesma coisa. Salvam-se ***Marciano Sodomita***, ***Raimundo*** *e* ***Mata Hari***.

RODRIGO LEFÈVRE (BRASÍLIA)

MARCIANO SODOMITA

Xod Azul

Gustavo Enrique Azul

O ano de 1989 está sendo muito importante na carreira do grupo mineiro **Overdose**. O recente lançamento de seu segundo LP, *You're Really Big*, selo Cogumelo, superou as expectativas da própria banda — agradou até a moçada mais radical e esgotou sua tiragem inicial de 1 500 cópias em quinze dias. Juntos desde 83, **Cláudio David** (guitarra), **Fernando Pazzini** (baixo), **Pedro "the Boz"** (vocal) e **André Márcio** (bateria, que só entrou no final de 87) sempre foram influenciados por grupos mais melódicos. Isto, logicamente, os diferenciou das dezenas de bandas "porrada" de Belo Horizonte. A primeira aparição em vinil data de novembro de 85, no LP *Século XX*, dividido lado a lado com o já conhecidíssimo Sepultura. Daí até o final de 86 tocaram em vários estados da região Sudeste, cobrindo interior e capitais. Em meados de 87, gravaram o LP *Conscience*, desta vez pela Heavy Discos do Rio. A partir do disco começaram as investidas no exterior. Através do trabalho de Ricardo David, empresário do grupo, uma música foi incluída na coletânea *Metal Massacre Vol.9*, editada pela Metal Blade Records, dos EUA. Novamente na estrada, o Overdose abriu o show do Testament (ver Ao Vivo desta edição) em São Paulo e flertou com selos como Combat e Shrapel. *You're Really Big* trouxe um Overdose mais complexo, pesado e melódico, lembrando o Dokken com vocais Helloween, enfatizado pela pirotécnica guitarra de Cláudio David.

MARCOS CAMPOLIM (SP)

O rádio — este veículo tão onipresente — acaba de ganhar um jornal especializado. Trata-se do **Rádio X**, *um tablóide mensal que traz a programação completa das AMs e FMs, além de entrevistas e matérias com quem trabalha ou é ligado em rádio.* ***Orson Welles***, ***Lobão***, ***Nélson Motta*** *são alguns dos sintonizados pelo* Rádio X. *Segundo seus fundadores, os jornalistas* ***Sérgio Moreira***, ***Oscar Maron Filho*** *e* ***Renato Ferreira***, *a intenção é discutir o veículo e, desse modo, interferir nele, incentivando a participação mais ativa do ouvinte. Circulando no Rio desde março, com capas assinadas por artistas gráficos, o jornal em breve chegará em outras praças. Para quem ainda acha que o rádio é sempre aquela mesmice,* Rádio X *recomenda uma revirada no dial. Você vai achar o que tanto procura...*

LORENA CALABRIA (RJ)

A Baixada Fluminense não ostenta apenas o vergonhoso status de zona mais violenta do mundo. Abriga, também, muitos movimentos culturais, do teatro à música, ofuscados por índices como esse. O **Lumiar** há quatro anos rega de reggae as ruas daquele local. É uma banda de rara coesão e empatia de palco, em que salta aos olhos o brilho e a vontade de tocar. Se a barreira geográfica e cultural ainda impede que sejam reconhecidos em solo natal, o mesmo não ocorre no exterior. Exemplo disso foi a visita, este ano, da BBC londrina, interessada em levantar material sobre *new music* para seu programa *Rough Guides*, que vai ao ar no horário estudantil e detém uma das maiores audiências da rede. "Eles viram tudo — Paralamas, Ed Motta... — mas preferiram nosso trabalho e o do KMD5, outra banda de reggae da Baixada", conta **Bernardo**, que junto a **Nego Beto** (percussão), **Da Gama** (guitarra), **Bino** (baixo) e **Lazão** (bateria) formam o Lumiar. Nego Beto, percussionista com trabalhos junto a dois grupos nova-iorquinos — Liberation Post e King David —, fala do som da banda: "É um reggae dinâmico, com poucos instrumentos, mas de levada forte, para dançar e divertir". Quem completa é Bernardo: "Falamos das coisas que sentimos na baixada e da nossa vivência no dia-a-dia. Tem muita gente boa lá e muitos movimentos culturais, inclusive. O problema é que o governo não tem interesse em investir."

SÔNIA MAIA (SP)

contracorrente
ROCK & CULTURA
UMA NOITE LENTA
CLAUDIA BIA

Começa, a partir deste número, uma linha direta do Conexão Brasil *com Santa Catarina. A primeira geral vem da cidade de Brusque: "Não é impossível provocar um terremoto numa cidade pequena como Brusque. Os primeiros 'tremores alternativos' aconteceram em 1986, com o surgimento do jornal* **Contracorrente**, *a banda* ***Bandeira Federal*** *e o show do* **Cólera** *no Ginásio do Sesc — uma aula para um público quase sem acesso à informação 'sub'. Em 1988 o movimento atingiu níveis até desproporcionais para uma cidade com cerca de 60 mil habitantes. O* ***Amarelo Vinte Bar*** *abriu espaço para shows com* ***Devotos de N.S. Aparecida***, ***Billy Mobile***, ***Kães Vadius***, ***Garotos Podres*** *e* ***Beijo AA Força***, *além de um novo ataque do Cólera no Pavilhão da Fideb e dos programas de rock da única FM da cidade —* ***Contracorrente***, ***PIB*** *e* ***Raízes do Rock***. *O intercâmbio de informação acordou a meninada local. Resultado: uma explosão de bandas e fanzines. Na virada do ano, o Amarelo fechou as portas, mas os grupos (alguns com garotos de 10 anos!) continuam produzindo seus próprios shows".*

CLAUDIA BIA (SC)

Ricardo Vaqueiro Azul

SP 802

Creme de Queijo Knorr. Você vai se derreter por ele.

NOVA Knorr® Creme de Queijo

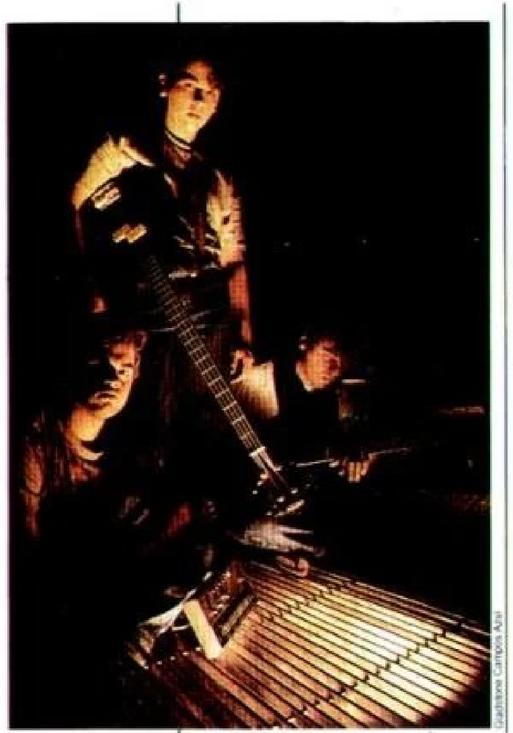
ADICIONE LEITE

PESO LÍQUIDO 180g

Derreta-se: Knorr® acaba de lançar o melhor Creme de Queijo. Mais uma novidade cheia de sabor. Gostoso até no preparo. Rápido e prático: em pouco tempo você vai estar experimentando o Creme de Queijo Knorr®. Gostar dele é sopa.

Sopa Knorr®

A refeição leve e gostosa.



Gianfranco Campos Azul

CONEXÃO BRASIL

Mais uma nova formação vem dar as caras na minguada noite belo-horizontina. Trata-se do trio **Nest**, montado há cerca de dois anos ao redor de **Délio C.** (guitarra, vocais) e **Túlio S.** (baixo, vocais) e que, com a entrada de **Teo** (programação de bateria e percussão), tem-se revelado um dos mais promissores grupos da última safra das Gerais.

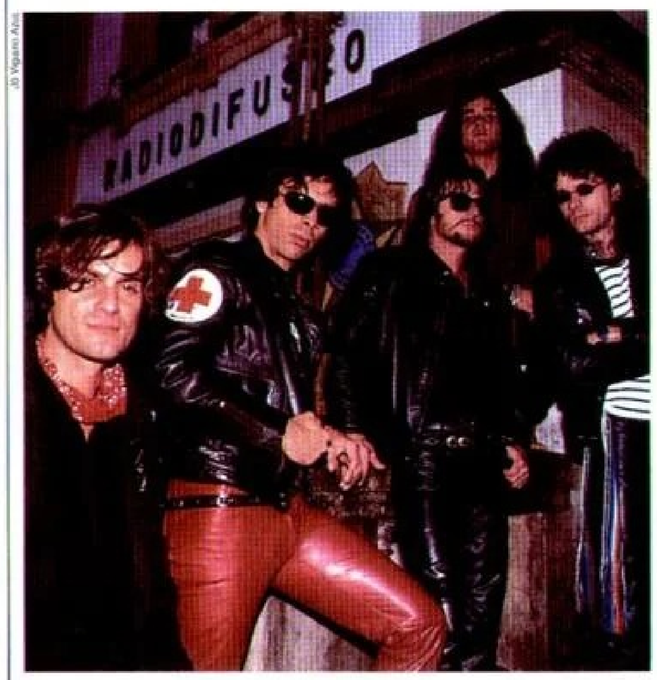
Com alguns shows no Cabaré Mineiro, Crepúsculo dos Deuses e outras casas locais, o Nest tem chamado a atenção pelo curioso contraponto entre os ritmos eletrônicos de uma drum machine *e a trama de sons acústicos que Teo tece a partir de seu* minimal kit: Cowbell, *pandeirola e um par de bongôs.*

ARTHUR G.A. DUARTE (BH)

O rock gaúcho viveu momentos de alta vitalidade por volta do meio da década de 70. Algumas dezenas de grupos se revezavam nos teatros de Porto Alegre, que ainda não faziam parte do circuito oficial do então engatinhante rock tupiniquim, e nem tinham entrado na era dos shows em bares e casas noturnas. Entre muitos, se destacavam o Bixo da Seda, do lendário mestre astral Füguett Luz e a dupla Mitch Marini e Gelson Schneider — o primeiro, um alucinado baixista e guitarrista e o segundo, um diabo psicodélico na bateria. Juntos, eles participaram de muitas bandas que iam do hard rock (Byzzarro) a clones dos Beatles (Banda Swing).

Depois de articular com Bebeto Garcia, Ricardo Cordeiro e Edinho, os Garotos da Rua originais, **Mitch Marini** saiu na hora certa e, paralelamente ao sucesso de sua imitação de Paul McCartney, tocando com baixo virado e tudo, apostou na sua paixão pelo rock pesado fundando o **Câmbio Negro**, formado ainda pelo grande vocalista **Tagore Cheiner**, o inseparável **Gelson Schneider**, o metaleiro viajandão **Marcelo Fornazier** — ex-guitarrista do metal épico Astharoth — e a firme base da guitarra de **Deio Escobar.** O som é quase uma homenagem às grandes bandas de rock'n'roll tipo Cream e Deep Purple, mas vai além disso — serve como uma boa aula para os redescobridores do *hard'n'heavy* que proliferam neste final de década.

CARLOS EDUARDO MIRANDA (SP)



Jô Vilgen Alon

DE UM DESCONHECIDO SELO DE BELO HORIZONTE

SÓ OS B..... NÃO CONHECEM!!

EM CATÁLOGO

• BRUTAL CORE - "OFFENSORY" "ATAQUE EPILÉTICO" CDG 001

• RATOS DE PORÃO - "CADA DIA MAIS SUJO E AGRESSIVO" CDG 002

• SARCÓFAGO - "INRI" CDG 003

• SEPULTURA - "SCHIZOPHRENIA" CDG 004 "MORBID VISION" - CDG 005 "SCHIZOPHRENIA" - CDG 006

• MUTILATOR - "INTO THE STRANGE" - CDG 007

• VULCANO - "MINDS ARE THE TRUE" - CDG 008

AGUARDEM SUA RECEPÇÃO "BOTTOM" OLHO BECO - "SEM NOME" OLHO

PREÇO DE CADA LP = NCz$ 0,00 MAIS OS ATE 30% DE SEMI VALE POSTAL (MINIMO DE CZ$ 0,00) DISCOS PAGAMENTO NA AGENCIA CENTRAL DE BELO HORIZONTE

cogumelo

AV. AUGUSTO DE LIMA 399, BELO HORIZONTE - MG CEP: 30.190 TELEFONE: 031 226-8922

AVISO AOS ASSINANTES

SE VOCÊ NECESSITA DE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ASSINATURA, ESCREVA PARA EDITORA ABRIL -ASSINATURAS, RUA DO CURTUME, 769, LAPA, CEP 05065, SÃO PAULO, SP.

OU, SE PREFERIR, UTILIZE ESTES TELEFONES:

SÃO PAULO TEL. (011) 823-9222
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)
RIO DE JANEIRO TEL. (021) 295-5544
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)
RECIFE TEL. (081) 224-0655
DAS 8H30 AS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H
SALVADOR TEL. (071) 247-1022
DAS 8H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H
BELO HORIZONTE TEL. (031) 275-2255
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H
PORTO ALEGRE TEL. (0512) 33-9034
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30
BRASÍLIA TEL. (061) 226-6963
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H
CURITIBA TEL. (041) 263-3013
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30
FLORIANÓPOLIS TEL. (0482) 23-7598
DAS 9H ÀS 12H E DAS 14 ÀS 18H

SE VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO, PREENCHA O PEDIDO DE ALTERAÇÃO ABAIXO, COLOQUE-O NUM ENVELOPE E ENVIE-O PARA

EDITORA ABRIL ASSINATURAS
RUA DO CURTUME, 769, CEP 05065, LAPA, SÃO PAULO, SP.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

ATENÇÃO: OS EXEMPLARES COMEÇARÃO A CHEGAR EM SEU NOVO ENDEREÇO DE 4 A 6 SEMANAS APÓS RECEBERMOS O SEU PEDIDO.

NOVO ENDEREÇO
BAIRRO — CEP
CIDADE — ESTADO — TELEFONE

RECORTE AQUI

Coloque as notas no lugar certo.

Não quebre a cabeça com música

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

- VIOLÃO
- GUITARRA
- BAIXO
- PIANO (acústico)
- PIANO (Fender)
- SAXOFONE
- BATERIA
- CANTO
- TECLADO
- ÓRGÃO

Rua Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô Marechal Deodoro
NÃO TEMOS FILIAIS

GRANDE VENDA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
Tel.: 67-4879 - das 8:00/21:00
sábados 8:00/18:00
Grupo Ama

não vale cópia

Grupo Ama

APRESENTE ESTE CUPOM. COM ELE VOCÊ NÃO PAGA A MATRÍCULA

BLUES FESTIVAL

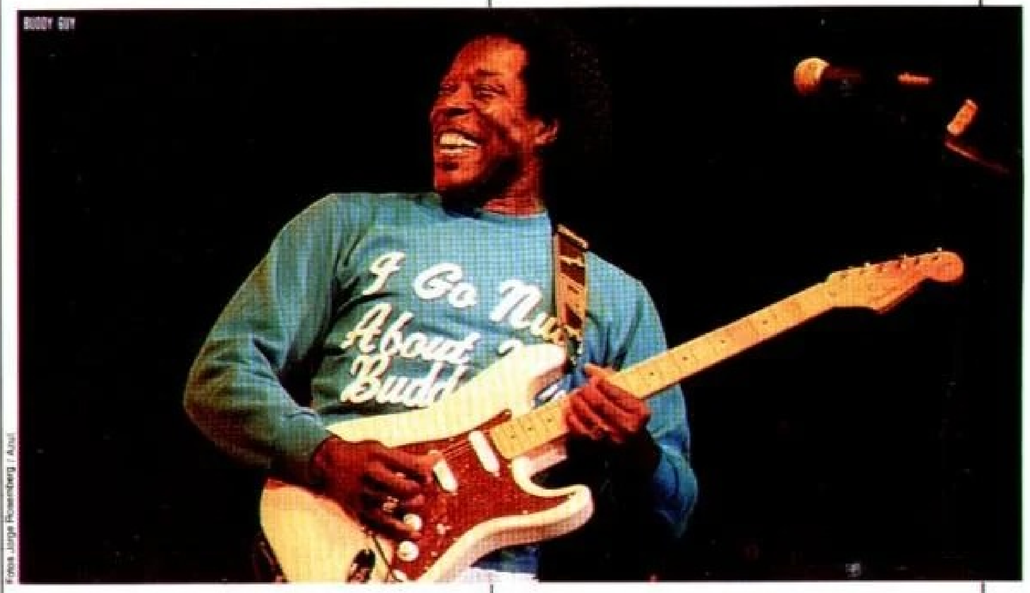


Foto: Jorge Rosenberg / Abril

CAVA DO BOSQUE, BELÉM, 13 A 17/06

Hey, hey... the blues' alright... Este era o refrão entoado pelas quase seis mil pessoas que lotavam o ginásio da Cava do Bosque, na noite de encerramento do Blues Festival. A exemplo dos shows anteriores, a platéia não poderia ser mais eclética, composta por bluesmaníacos de primeira e última hora, estudantes, respeitáveis cavalheiros de meia-idade, hippies extemporâneos e até senhoras acompanhadas dos filhos pequenos. Pois foi essa fauna tão diversa que ficou cantando e dançando até o final, enquanto no palco Albert Collins, Magic Slim, Junior Wells, André Christovam e suas respectivas bandas sucediam-se na condução do blues que embalava a multidão.

Essa extraordinária receptividade — que surpreendeu a todos os participantes do festival — não se limitou apenas aos shows, estendendo-se também para a calorosa acolhida dos músicos pelos seus fãs, que contaram com a recíproca simpatia dos primeiros em relação a esse assédio. Dessa maneira, já no primeiro dia do festival, não era difícil encontrar e até bater um papo com Buddy Guy, Junior Wells ou Magic Slim, frequentemente circulando pelo saguão e imediações do hotel. Buddy, com sua simplicidade e bom humor, sorriso aberto deixando à mostra um canino esquerdo de brilhante; Junior e sua fala mansa de malandro, uma espécie de cruzamento de Bezerra da Silva com Sammy Davis Jr.; e Magic Slim, do alto de seus mais de dois metros de altura, com seu barrigão enorme e seu inseparável chapéu texano: três figuras que em nada se assemelhavam em pompa e circunstância à maioria dos músicos estrangeiros em visita ao Brasil. Todos para além da casa dos 50, mas ainda esbanjando energia e vitalidade.

Mas o melhor do circuito extra-shows começaria na madrugada da quinta-feira, estendendo-se pelas noites subseqüentes, quando, após as apresentações de Magic Slim e Junior Wells, os músicos retornaram ao hotel para o jantar. Pouco depois, teve início, espontaneamente, uma *jam* entre os músicos de ambas as bandas, mais o guitarrista André Christovam e o gaitista Flávio, do Blues Etílicos, que se estendeu madrugada adentro, com os músicos revezando-se em clima de total descontração. Essa prática seria repetida e expandida nas noites seguintes, transformando o pequeno *lounge* do bar do hotel (no qual mal cabiam uma bateria, um piano e dois pequenos amplificadores) num autêntico *club* de Chicago. *Blues for all night long...*

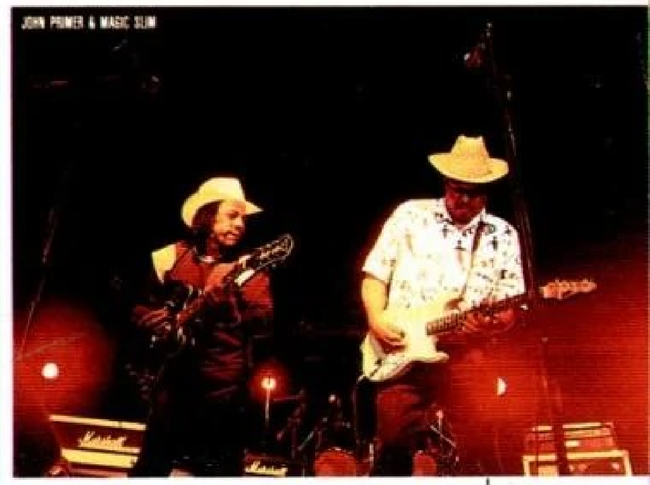
Na tarde de sexta foi a vez de Etta James e Albert Collins chegarem a Ribeirão, ambos sob o estigma de não estarem acessíveis nem ao público nem à imprensa. A primeira — que viria ao festival apenas para a sua apresentação, voltando em seguida para São Paulo — só concordou em dar uma entrevista coletiva ao saber que Collins estaria a seu lado, enquanto este, sob a tutela de seu *manager* ultraprotetor, poucas vezes foi visto fora do palco. Mas, pessoalmente, durante a coletiva, essa impressão de inacessibilidade foi logo quebrada, tanto pelo brincalhão Collins como pela surpreendente simpatia de Etta, que provou que, mesmo com a sua carapaça de prima-dona, não possui tantos caprichos e frescuras assim.

Já do lado do *blues from Brazil*, a avaliação feita pelo pessoal do Blues Etílicos e do grupo de André Christovam não poderia ser mais positiva. Pela primeira vez duas bandas brasileiras de blues tocaram lado a lado com expoentes do gênero e, no geral, se saíram muito bem.

Essa interação musical, que fez o blues sair do sul dos EUA, dominar o cenário musical inglês durante a década de 60 e agora encontrar ecos no Brasil dos anos 80, é que o tornou uma música universal. E foi justamente nesse espírito que se desenrolaram esses cinco dias de muito blues.

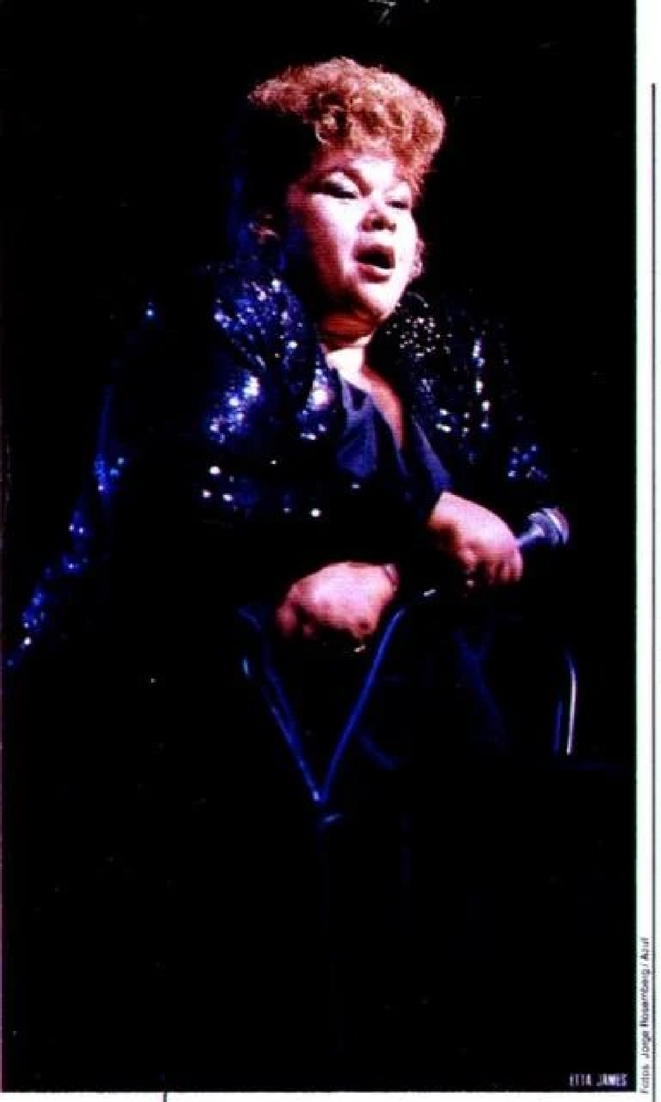
Quarta-feira (14/06)

Coube ao grupo carioca **Blues Etílico** a responsabilidade de inaugurar o *Blues Festival*. E a rapaziada não frustrou as expectativas, apresentando clássicos como "Crossroads", de Robert Johnson, e "Kansas City", de Leiber e Stoller, com a mesma desenvoltura que desfilaram músicas próprias de seus dois LPs, chegando até a tocar "Minha Fama de Mau", de Roberto e Erasmo Carlos (não fosse o baterista Gil Eduardo filho do "Tremendão"). Os destaques ficaram por conta da integração instrumental do grupo e, principalmente, da espontaneidade da performance de Flávio Guimarães (tanto nos *lead vocals* quanto nas intervenções de gaita), preparando de forma convincente a platéia sequiosa e sedenta (também no sentido literal, pois ainda não havia cerveja à disposição nos bares) pela atração principal da noite. E esta era ninguém mais nem menos que **Buddy Guy**, em única apresentação, pois partiria no dia seguinte para Chicago com o seu grupo, para, na seqüência, iniciar uma turnê pela Europa. E Buddy, com seu carisma e sua técnica guitarrística perfeita, logo de primeira conquistou a audiência com um show impecável — incluindo nuances inusitadas, como tocar sua guitarra com uma baqueta e um pedaço de pano — que culminou com uma acachapante versão de "Knock on Wood", do *soul man* Eddie Floyd. Seria perfeito se terminasse por aí, mas houve um longo bis que teve início com a presença um tanto deslocada do guitarrista Magic Slim, rapidamente sucedida pela de Junior Wells — na qual o antigo *partner* de Buddy se limitou a mostrar sua cara e trocar algumas gracinhas com ele — e depois a de Flávio, do Blues Etílicos, a qual terminou em um demorado improviso sobre o *riff* de "Sunshine of Your Love" (uma provável homenagem de Buddy ao seu "fã", Eric Clapton). No final, depois de um show do cacete, uma *jam* dispensável.



Quinta-feira (15/06)

Morris Holt, também conhecido como **Magic Slim**, talvez fosse a atração mais obscura programada para este festival, mas que no final das contas revelou-se talvez como a maior surpresa musical. Isso porque seu estilo de som fundamentado no blues tradicional (ao lado do Blues Etílicos, o único grupo que não se utilizou de metais ao longo do festival) causou sensação pela absoluta fidelidade às raízes do estilo. O show teve início apenas com o trio que o acompanhava: seu irmão Nick no baixo, o baterista Michael Scott e o guitarrista John Primer. Este último, diga-se de passagem, se transformaria depois em uma das maiores revelações deste festival, pela precisão e inventividade de seus solos, bem como pela sua presença de palco. Assim formado, o trio executou quatro músicas (incluindo "Shake, Rattle and Roll"), antes de introduzir triunfalmente a presença de seu gigantesco *band leader*. Magic Slim, com o instrumento emprestado pelo guitarrista Steve Basemore, da banda de Junior Wells (pois sua guitarra havia se danificado), levou ao delírio a platéia com seus solos e *riffs* ostensivos (mantidos quase que na mesma nota), que alcançariam eficiência plena nas interpretações de "Mustang Sally", antigo hit de Wilson Pickett, e no bis com "The Blues Is Alright", que seria transformado numa espécie de hino do evento. O terreiro estava pronto para a entrada da banda de Junior Wells, com uma versão de "Miss You", dos Stones, que logo pôs o público a dançar, incentivado pela própria *mise-en-scène* dos membros da banda. Após três números, um **Junior Wells** meio vacilante adentrou o palco, mas bastaram poucos minutos para se sentir que ele havia ficado à vontade com o seu grupo, alternando inusitados vocais com passagens pela gaita e estalos de boca e gritos. Dessa maneira, apresentou não apenas músicas suas como inspiradas revisitações de canções antológicas, como "Little Red Rooster", de Willie Dixon, e "I Feel Good", de James Brown. Mas a platéia queria mais e, terminado o show, eis que eles retornaram ao palco (dessa vez também com as presenças dos guitarristas John Primer e do brasileiro André Christovam) para tocar "What'd I Say", de Ray Charles, e "Messin' with the Kid", do



Fotos: Jorge Nasambeig Azul

dominio de palco, aliado às intensas interpretações de sua voz poderosa, foram responsáveis por alguns dos mais belos momentos do evento, mesmo em seu sucinto show. Entre músicas de seu mais recente LP *(Seven Year Itch)* e canções mais antigas, Etta perfilou impecáveis vocalizações, com destaque especial para "I'd Rather Be a Blind Girl" (com sensacionais tiradas *sexy*, de improviso), "Damn Your Eves", o clássico de Jimmy Reed, "Baby Watch Me Want to Do" (a qual completou com um inusitada imitação vocal de um trompete com surdina) e "Sugar on the Floor". Ao todo, foram apenas dez músicas, pois a diva do rhythm'n'blues não precisou sequer dar um bis para manter a sua fama.

Sábado (17/06)

A segunda representação brasileira dentro do festival ficou a cargo de **André Christovam,** que trouxe para o palco, além de sua banda — o baixista Márcio Vitulli e o baterista Alaor Neves — o tecladista Paulo Calazans e mais um naipe de quatro metais. Com eles, André apresentou não só músicas de seu primeiro LP como também o blues "Carne de Pescoço" (gravado pelos Heróis do Brasil) e clássicos como "Killing Floor", de Howlin' Wolf e "Blues and Lonesome", de Little Walter. Porém, essa mesma inclusão de teclados e metais, que a princípio serviriam para dar mais corpo aos arranjos, acabaram prejudicando a sonoridade da guitarra de André, que terminou soando um tanto perdida entre os outros instrumentos. Depois de uma interminável versão da música "Mandinga" (com participação de Flávio, do Blues Etílicos, na gaita), o show só foi ter o seu melhor momento justamente no bis, com uma sucinta e eficiente versão de "My Bleeding Heart", de Elmore James, talvez um pouco tarde demais. Isso porque parecia estar escrito que aquela noite seria de **Albert Collins**. Apesar de várias dificuldades (como problemas com o cabo de sua guitarra e uma corda estourada), o "Mestre da Telecaster" cativou de maneira plena o público da Cava do Bosque. E isso não se deveu apenas a ele mas também a sua banda, os Icebreakers. Para começar, eles detonaram um espetacular *groove* instrumental, em que se destacava o saxofonista Hughes Williams (tocando um soprano e um tenor simultaneamente). Os dois números seguintes revelariam mais uma estrela inesperada do festival: a guitarrista Debbie Davis, uma gata que, com seus solos e vocais, logo conquistou a audiência (e que, ao lado de Etta James, foi a única presença feminina no palco do festival). Na quarta música, a banda introduziu Albert Collins, que parecia ter entrado com mais eletricidade que sua própria guitarra. Através de frases de seu instrumento, em incríveis diálogos com o naipe de metais, Albert conseguiu uma espetacular aproximação entre o *feeling* do blues e o balanço do soul e do funk (e que, a exemplo do que ocorrera nos shows de Junior Wells e Etta James, foi de uma eficiência a toda prova). Essa aproximação atingiu o ponto alto de comunhão com a platéia quando ele e sua seção de metais desceram do palco e passaram a tocar no meio do público (para desespero dos seguranças e fotógrafos). Delírio total.

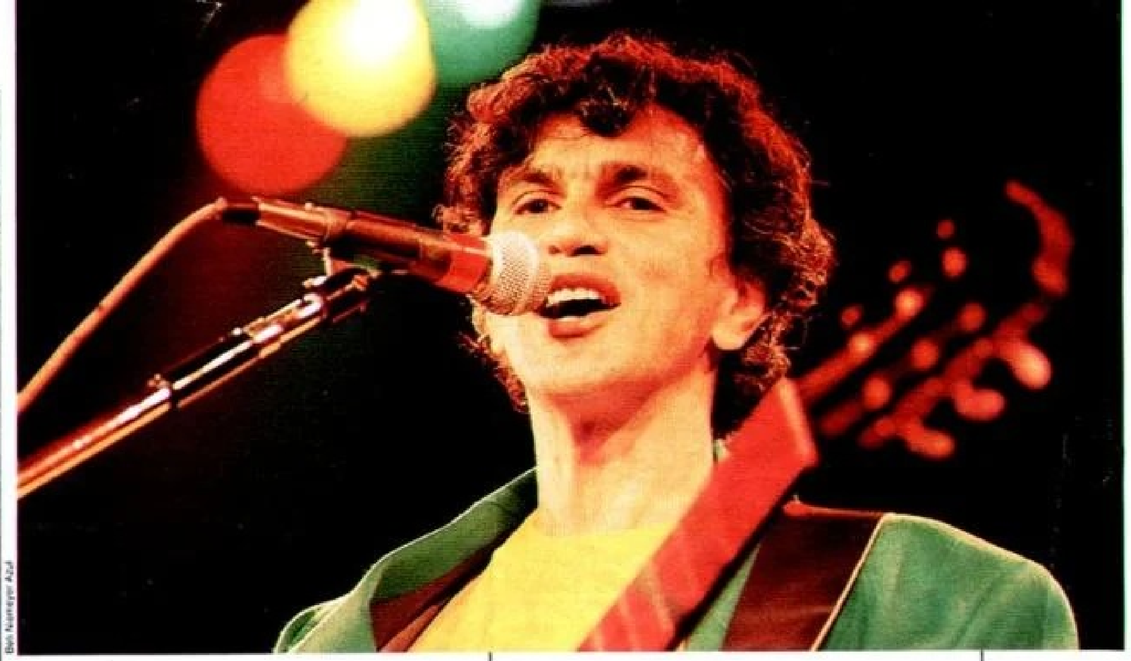
proprio Wells. Foi o suficiente para fechar a noite de forma magistral.

Sexta-feira (16/06)

O velho mote que "em time que está ganhando não se mexe" deve ter servido como base para a escolha do repertório da segunda apresentação da banda de **Magic Slim** em Ribeirão Preto. A diferença maior em relação ao show anterior ficou a cargo da inclusão de "Let Me Love You", de Willie Dixon, nos números introdutórios, em que mais uma vez o guitarrista John Primer mostrou toda a sua categoria. De resto, "Mustang Sally", encaixada como final apoteótico em uma longa versão que antecederia o bis, novamente com "The Blues Is Alright". Mas talvez o mais importante é que a audiência de novo delirou. Estava armada a cena para a entrada de **Etta James**. Para esquentar, sua "big band" (dois metais, duas guitarras, baixo, bateria e teclados) atacou com dois *scores* instrumentais, que serviram de prólogo para sua presença radiante. Seu excepcional

Domingo (18/06)

A noite final do *Blues Festival* de Ribeirão Preto foi a única a contar com três atrações e, por isso mesmo, os shows tenderam a ser mais curtos, porém não menos incisivos. De saída, a banda de **Junior Wells** atacou com cinco números (entre os quais um inspirado *medley* de "Dust My Broom" com "Sweet Home Chicago", os clássicos de Robert Johnson), antecedendo a entrada em cena do *band leader*, com toda sua malícia e elegância peculiares. Novamente, os arranjos balançados tendendo para o funk e o soul dominaram sua apresentação, que culminou mais uma vez com o bis de "What'd I Say". Era hora de **Magic Slim** demonstrar pela terceira vez a maneira simples e direta com a qual conquistou o público da Cava do Bosque. Seu show não diferiu muito dos anteriores: o trio que o acompanhava tocou os números de abertura com a eficiência de praxe (com destaque para o trabalho de *slide guitar* de John Primer, especialmente em nova execução de "Dust My Broom", a segunda da noite) e logo sua figura adentrou o palco, debaixo de aplausos consagradores. De novo, o show reservou poucas surpresas, mas manteve-se pelo pique sempre crescente, com o tradicional encerramento ao som de "The Blues Is Alright". A última apresentação do festival ficou por conta de **Albert Collins** e começou mais uma vez com um show à parte dos Icebreakers (e de modo especial da guitarrista Debbie Davis, novamente encantando a rapaziada presente). Mas o melhor começaria com a entrada de Collins, desta vez ainda mais solto do que na noite anterior. Sua incrível habilidade com a mão direita, aliada a sua técnica ímpar de explorar apenas a região aguda de sua Telecaster (para isso usando uma presilha, na maioria das vezes na altura do décimo traste do braço), ratificaram-no mais uma vez como uma das maiores atrações de todo o evento. E de novo Collins e seu naipe de metais desceram junto ao público em meio à performance do que deveria ser o número final. Mas havia mais ainda, e no bis insistentemente conclamado pelo público, já com as luzes do ginásio acesas, foi que ocorreu a *last jam*. No palco, iam se revezando a quase totalidade dos músicos participantes do festival, em uma extensa levada do refrão de "The Blues Is Alright", com um espaço reservado para a canja final de cada instrumentista. Um término apoteótico em clima de festa para a primeira edição de um festival que já se aventa tornar anual, para o delírio dos bluesmaníacos.



Bob Wolfenzon Azul

CAETANO VELOSO

Descontando todos os clichês, sobra pouco para falar de Caetano Veloso. Elogios à parte, vamos ao que interessa: o espetáculo.

Na estréia de *Estrangeiro* no Canecão, repetiu-se o mesmo ritual de outras ocasiões semelhantes. Ingressos esgotados, empurra-empurra e gritinhos histéricos não faltaram. Nem aquele coro desafinado, e por vezes atravessado, através do qual os tãs mais extrovertidos cometem a indelicadeza de transformar o show num monstruoso karaokê. Situação constrangedora. A principal vítima é a canção "Menino do Rio", que foi tema de novela (se isso serve como explicação...).

Neste show, desde já considerado um dos melhores de sua carreira — e quantos já não o foram? —, o cantor e compositor baiano reaparece mais "Caetano" do que nunca. Em uma hora e quarenta, apresenta todas as músicas de seu último LP, revisita antigos sucessos e surpreende com deliciosas covers. Com um pé no passado e outro no futuro, o cenário acompanha o salto do artista. Num retorno à Tropicália, a imensa tela da Baía de Guanabara (reprodução da capa do disco, criada a partir do original da peça *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade) cede lugar a dois fios coloridos pendentes sobre o palco, com efeito parecido ao raio laser.

Uma modificação no roteiro antecipa um dos momentos mais aguardados: o solo de Caetano. Dessa vez, a banda (muito competente por sinal) nem bem esquentou com o samba-afoxé "Meia Lua Inteira", do percussionista Carlinhos Brown, e foi logo dispensada na segunda música, "You've Changed", imortalizada por Billie Holiday, com apenas a guitarra de Toni Costa como acompanhamento. A seguir, a sessão "um banquinho, um violão" onde a escolha eclética do intérprete recai sobre as elegias às mulheres ("Branquinha", para Paula Lavigne, e "Genipapo Absoluto", para sua mãe): resgate de clássicos ("Um Índio" e "Feitiço da Vila", de Noel Rosa, precedida da história de uma recente visita de Caetano, Arto Lindsay e Peter Sherer ao bairro); recuperação de canções relegadas ao esquecimento ou ao rótulo de brega ("O Vampiro", de Jorge Mautner, e "Sonhos", de Peninha) e uma transmutação — a buliçosa "(Nothing But) Flowers", do Talking Heads, quase irreconhecível de tão langüida.

Depois desta serena passagem — onde até os cliques das máquinas fotográficas soavam perturbadores — a banda é novamente convocada para o segundo set, bem mais efusivo. O já conhecido gosto pelas cores manifesta-se tanto na canção "Rai das Cores" como no traje: pantalona vermelha, camisa amarela e púrpura, blaser e capa verdes. "Caetaneando o que há de bom", como diria o próprio Djavan, ele canta "Pétala" de modo arrebatador, valendo-se de sorrisos e gestos largos.

O clímax vem em seguida. Caetano escolheu o afro-reggae "Brilho e Beleza" do bloco baiano Muzenza para dedicar a Nara Leão, falecida na véspera do show. A letra fala da reação do povo baiano à morte de Bob Marley, chamado de "rei" e venerado até hoje com um refrão ("Adeus, não/Me diga até breve") que serve de mote para um longo comentário de Caetano sobre o culto aos mortos. A platéia, igualmente emocionada, aplaude de pé. A Rede Globo, que gravava um programa especial, inunda-a com as luzes em potência máxima. É preciso que Caetano interceda para que a iluminação volte ao normal, já que o brilho da noite viria com "Alegria, Alegria".

Em meio aos escombros da MPB, resta intacto o talento musical e poético de Caetano — ainda, um mestre.

LUIZA DE SOUSA

COWBOY JUNKIES

Não é todo show que começa com o palco totalmente às escuras, a não ser pela ténue luminosidade de dezenas de velas alinhadas sobre os amplificadores. Os últimos concertos assim desapareceram com o derradeiro frasco de patchouli ou com a aposentadoria da soft-folk Melanie nos finados anos 70. Mas também não é toda banda que consegue ser como os Cowboy Junkies — e eles não têm nada a ver com patchouli ou Melanie ou os finados anos 70.

A escuridão, as velas, o nível de som em que todos os instrumentos e vozes estão colocados — o contralto aveludado de Margo Timmins, apoiado em baixo, guitarra, bateria, gaita, *slide* e acordeão — revelam as opções que esta jovem (três anos de estrada) banda canadense de Toronto vem exercitando com tanto brilho: simplicidade, economia, um olhar fresco e dessassombrado sobre raízes, origens e tradições, um certo amor pelo silêncio e pela quietude.

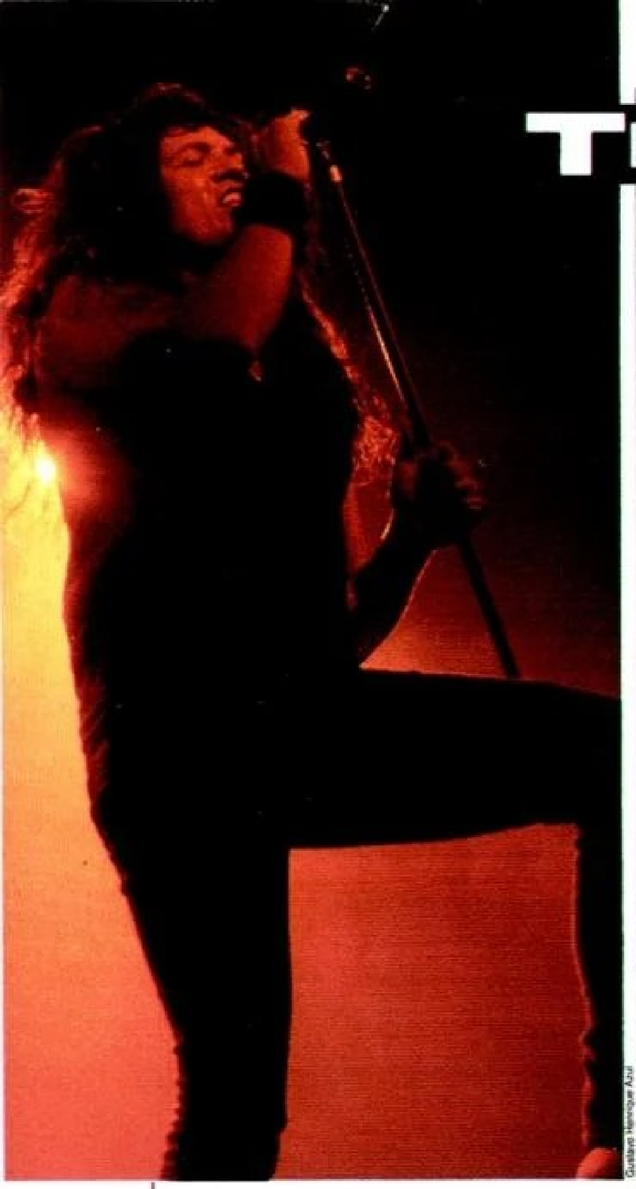
Dito assim, parece até que a noite no belo e *art-deco* Wiltern de Los Angeles foi chata e monótona, uma experiência pseudomisticóide. Nada mais longe da verdade. Em disco — especialmente no brilhante *The Trinity Session*, seu primeiro lançamento "comercial" — os Cowboy Junkies tecem uma implacável teia hipnótica, traçada pelo poder singelo e acústico das escolhas que fazem. Ao vivo esse poder não se perde mas sim, se reforça, completado por outras nuances.

Margo, por exemplo, para quem tem como experiência anterior apenas shows de colégio e dois discos dos Cowboys, é uma feliz surpresa. Canta de verdade e, em cena, acrescenta novos ângulos até à já muito conhecida "Sweet Jane", que a banda repescou do repertório de Lou Reed. "Misguided Angel", de *The Trinity Session*, encheu-se de fogo e sensualidade aqui no palco do Wiltern, graças à voz enebriante de Margo.

Como banda, os Cowboy Junkies são igualmente um prazer — e isso é, em si, uma raridade numa era em que o conceito da banda costuma ser mais importante que o desempenho. O conceito deles é impecável — iluminar com vigor e juventude o verdadeiro subterrâneo, que é o das origens. O desempenho, idem. A guitarra de Michael Timmins — autor do conceito, e portanto, líder da banda — é, curiosamente, a única coisa a desejar. De resto, a cozinha precisa entre o baixo de Alan Anton e a bateria de Peter Timmins, com solos alternados de Jaro Czerwinec no acordeão, Kim Deschamps no *slide/pedal steel* e Steve Shearer na gaita é sanguínea e estupenda. Prova de fogo da noite: re-interpretar um clássico entre os clássicos, o blues "Me and My Devil", de Robert Johnson. Resultado: gozo total.

EVA MARIA SANCHES

Richard F. Ouary



Guitarra Henrique Azul

TESTAMENT

Muitas sonoridades freqüentadoras da mídia ocupavam os palcos da cidade naquele fim de semana. Ou seja, a carência de energia e originalidade reinava como sempre. Claro que uma minoria não trai sua formação musical: rock mesmo é para poucos. Pensar assim é o que leva o pessoal que ouve heavy aos shows. Como as visitas de bandas estrangeiras ao Brasil não são muito freqüentes, a ansiedade contida na massa cabeluda é grande. Só quem está nesse barco há algum tempo põe fé e não desiste. Mas as coisas andam melhorando no que se refere às produções metálicas por aqui.

Já estava na hora de grupos do porte do Testament pisarem nesta infeliz terra. Bem às vésperas do lançamento nacional de seu segundo álbum *The New Order*, a Woodstock/Dynamo nos trouxe o quinteto californiano para estréia de sua turnê mundial. O Dama Xoc vacilou, com medo de transformar o seu espaço num reduto metal, e fechou as portas. Sorte do Projeto SP que recebeu as quase três mil pessoas que foram ver o Testament e as bandas que fizeram a abertura, Overdose e MX.

Numa noite um tanto fria de sábado, digo e afirmo que este era o único programa decente da cidade. Afinal, técnica aliada a peso e porrada só mesmo num show como esse. O Overdose entra no palco um pouco depois das oito e meia da noite. Muita gente ainda estava entrando. Mesmo com o set reduzido para apenas meia hora e metade dos canais da mesa de som, o grupo mineiro mostrou serviço. A instrumental "Above the Sky" emendou com "Stoneland", assim como no novo LP da banda, *You're Really Big*, dando uma amostra do que seriam no palco: música elaborada tocada por músicos competentes. Cláudio David demonstra experiência e se coloca entre os melhores guitarristas de heavy nacional. Suas harmonias lembram as de George Lynch (Dokken), com solos longos e melódicos, ora *fast* ora *slow*. Embora estivessem tocando para uma platéia eminentemente thrash, o Overdose não perdeu o pique nenhum segundo. Grande parte dos fãs de grupos mais agressivos também curte um metal mais trabalhado.

O curto tempo disponível para os dois grupos nacionais apressou bastante o ritmo do show. Mal os mineiros saíram do palco, o quarteto de Santo André (São Paulo) já detonava sua introdução. Sem dúvida, o grande destaque do MX é o baixista Chico Comelli. Ele não pára nem para respirar, o cara tem muito gás. Na platéia já se podia ver as reações ao som thrash: os corpos passeavam por sobre as cabeças da turma da frente do palco. Passava das dez quando o grupo deixou seu público. Foi um excelente antepasto do que estava por vir.

As luzes se apagaram, muita fumaça se espalhava pelo ar: o clima perfeito estava criado. Ao primeiro "Yeaaaaah!" *à la* Metallica do vocalista Chuck Billy, tudo se consumou — toneladas de decibéis nos levaram ao êxtase. Os riffs e solos de Alex Skolnick hipnotizaram uns e levaram outros às raias da insanidade. Muitas camisas voavam da platéia em direção a Chuck, que mostrava e agradecia todas. O volume triplicado dos P.A.s e uma excelente iluminação contribuíam para deixar o espetáculo impecável.

O delírio atingiu seu pico quando a banda tocou "Trial By Fire" e "Burnt Offerings". As expectativas estavam plenamente satisfeitas. Após pouco mais de uma hora de puro *thrashing*, eles se despedem. Mas, em resposta aos insistentes chamados, eles voltam logo em seguida. A barreira entre o público e o palco, destinada a abrigar fotógrafos e afins, já tinha sido destruída. O palco se encheu de seguranças, que tentavam impedir a multidão de subir, enquanto o Testament tocava seu *encore*, baseado em seu novo disco, *Practice What You Preach*. Tenho certeza de que isso nunca acontece quando tocam lá aquelas "frescuras inglesas".

The art of

Arte com padrão internacional. Esta é a definição básica da Chorus, abrindo seu leque de opções, com a sua linha de processadores de sinais.

Todos os recursos tecnológicos para geração de efeitos de sinais e resolução de interferências sonoras estão sintetizados nestes cinco equipamentos produzidos pela Supplier. Você precisa conhecer!

Supplier. Ajudando a arte, com arte.

MX-800 - 8 CHANNEL STEREO MIXER

Console de mixagem profissional em padrão rack 19". Possui oito entradas de microfone e linha, entrada e saída de tape, entrada auxiliar, saída e retorno de efeitos, fone de ouvido e equalização independente por canal (graves, médios, agudos).

DDS-10 - DIGITAL SAMPLER/DELAY

Digital Delay com até 2 segundos de atraso e função sampler. Cria efeitos de eco, reverberação, chorus, flanger e fhaser. Resolução de 16 bits.

NR-100 - NOISE REDUCTION SYSTEM

Sistema de redução de ruídos estéreo, possuindo dupla atuação com filtro dinâmico continuamente variável e noise gate. Elimina os ruídos indesejáveis de fundo.

CS-100 - COMPRESSOR/LIMITER

Compressor limitador com ampla faixa dinâmica e baixíssimos níveis de ruídos e distorção. Trabalha como compressor de faixa dinâmica ou para eliminar os picos do sistema de áudio.

PM-100 - PARAMETRIC EQUALIZER

Equalizador paramétrico em três bandas: graves/médios-graves, médios e agudos/médios-agudos. Possui excelente faixa dinâmica de trabalho com baixíssimos níveis de ruído e distorção. Ideal para equalização de microfones/instrumentos em shows ou estúdios ou para ambiência. Substitui com vantagens os equalizadores gráficos.

CHORUS®

By Supplier

Informações: (011) 212-8381 - 815-4117

ADVIVO

OS MULHERES NEGRAS

Gianfranco Campos Azul

Fazia muito tempo que o Minascentro não abrigava um espetáculo tão insólito quanto o que rolaria nesta noite. À frente dos portões, entre *stands* recém-montados e o corre-corre dos organizadores de uma feira de utilidades domésticas, que seria inaugurada na manhã seguinte, cerca de oitocentas pessoas se espremiam ansiosas aguardando a primeira apresentação dos Mulheres Negras nas Gerais.

Já estávamos com mais de uma hora de atraso quando o R. Mutt iniciou o seu set. No rosto dos músicos, o desapontamento era indisfarçável. Motivos? Os de sempre, em se tratando de shows nacionais: o som passado em cima da hora, o desencontro com a mesa de som, a falta de retorno adequado... Por essas e por outras, o grupo preferiu não estrear uma bateria acústica e se ateve às composições mais conhecidas de seu repertório. No todo foi um show razoável, ainda que a vocalista Carla continue precisando se soltar mais no palco.

Intervalo, felizmente breve, e eis que Os Mulheres Negras já estão a postos. Como aperitivo, André anuncia uma *micromusik* instrumental inédita, que foi devidamente batizada na hora de "Gerais Jazz". O pavio estava aceso.

Se no disco a previsibilidade da segunda audição neutraliza o fino humor da dupla, ao vivo o clima tudo-pode-acontecer garante a eficácia das *gags*. E, realmente, tudo aconteceria no Minascentro. Quem se desse ao trabalho de olhar para os lados, por exemplo, flagraria na platéia uma variadíssima gama de ETs: socialites, mágicos amadores, *headbangers* extraviados, funcionários públicos fantasmas e até alguns clones dos Mulheres, com direito a chapeuzinho e tudo mais.

Neste clima propício, Os Mulheres Negras soltaram a franga e deram (no bom sentido) o que tinham de melhor. Difícil foi segurar o fôlego diante da ininterrupta torrente de mambos solenes, falsos reggaes, sambas minimalistas de breque, toadas existencialistas, *hardcore* e citações que iam de Henry Mancini e Gershwin àquelas manjadas musiquinhas de circo mambembe. Não faltou nem uma versão para o velho hit "Pode Vir Quente que Eu Estou Fervendo", de Erasmo Carlos, que entre outras coisas serviu para apresentar ao público toda a riqueza de timbres do "baixo nasal" de André — um instrumento que consiste na adaptação de um captador e um processador de efeitos às narinas do músico. A esta altura do campeonato, a platéia já estava com cãimbras no estômago de tanto rir.

A temperatura continuava subindo. Quase no final do show, Maurício não resistiu e convidou para o palco um estranho casal performático que até então vinha executando números-relâmpagos em vários pontos do teatro. Apresentando-se como "Pepino" e "Banana", a dupla mascarada não se fez de rogada e promoveu desde um (incompleto) strip-tease até um desengonçado *pas-de-deux*.

Já era madrugada mas o público não queria deixar Os Mulheres Negras irem embora. Assim veio um bis, dois, três (!), com todo mundo de pé, ricos e xaropes, cantando "Sub" sem parar. Foi demais!

URIAH HEEP

Quando eu me dirigia para o show naquela garoenta noite de sexta-feira, as dúvidas pululavam em minha cabeça: "Seria o sofisticado Olympia o lugar adequado para um *headbanger* curtir uma banda com tantos anos de estrada, com uma formação totalmente diferente da original e que já foi várias vezes chamada de superada? Ainda por cima, com esse frio?". Porém, trintões, quarentões e jovens *bangers* chegaram em bom número, encheram a casa e aceitaram tudo: preços, o futebol no telão e até o som ambiente que misturava Van Halen, Robert Plant e Guns N'Roses com baladonas de FM.

Mick Box e Lee Kerskale já começaram a mostrar serviço em "Bad Bad Man" e "Cry Freedom" com muito pique — o que seria a tônica do concerto todo. O vocalista Bernie Shaw agita bastante o público, com sua presença e garganta poderosa (Byron que descanse em paz). Em "Stealin", o grupo demonstra estar bem entrosado. A moçada já canta junto e soca o ar. Exatamente à meia-noite, eles introduzem "The Other Side of Midnight", com o efeito estéreo das caixas passando de um lado para o outro, criando um clima incrível. O simpático Box é como o vinho —quanto mais velho melhor —, abusando do *wah-wah* nos solos.

Para a introdução de "Majestic" — em homenagem a Moscou, onde fizeram muito sucesso no ano passado —, o tecladista Phil Lanzon fica só em cena. Quando os outros voltam, ouve-se aquele backing vocal tradicional do Heep. O melhor ainda viria: a turma do gargarejo urra e acompanha "Wizard", que emenda com "July Morning", cuja introdução e backing seriam os mais arrasadores da noite. Dá para notar que o velho órgão Hammond ainda cai muito bem, o que nos leva de volta aos anos 70.

O loirissimo Shaw continua com seus agudos incríveis. Box sola só com a mão esquerda no braço da guitarra e com a direita rege o som e a platéia. A emoção está chegando a seu auge. A banda dá uma refrescada com novos temas, "Hold Your Head Up" e "Rich Kid", sem perder o pique. "Easy Leaving" vem na seqüência e os punhos cerrados voltam a socar o ar. Com o pessoal ainda fora de si, eles agradecem e saem.

A banda volta, é lógico, com o *encore* de "The Way That Is" e "Lady in Black". Aos gritos de "San Paolo", o gordo Kerslake faz seu solo, para em seguida deixar o público em êxtase delirante com "Look at Yourself". É o fim. Ao som de "Land of Hope and Glory", eles se mandam de uma vez.

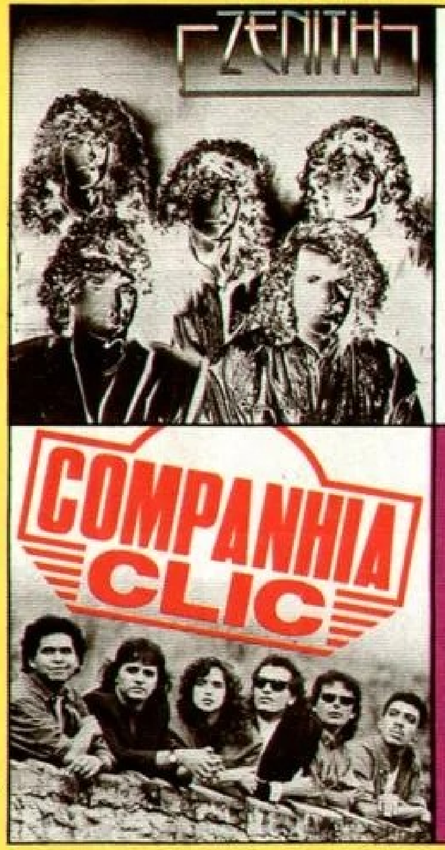
Era uma hora da manhã. Voltei para casa com a certeza de que esse foi o melhor show de heavy já realizado em São Paulo. E digo mais: se esse feeling e profissionalismo significarem *superação*, podem vir Black Sabbath e Deep Purple. É dessa *superação* que muitas bandas moderninhas e modorrentas estão precisando.

LEOPOLDO BEY

BLUES JAZZ HARD POP ROCK FUNK HIP HOP

EM SINTONIA COM OS ANOS 90

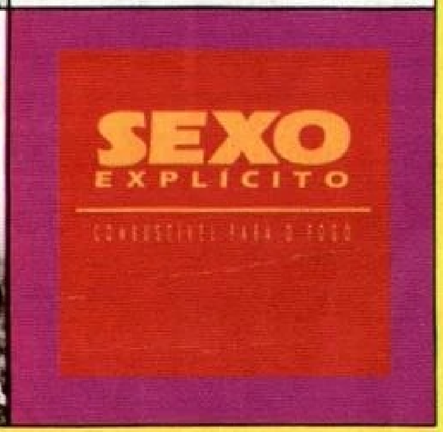
ARTE GUSTAVO CAIO



ZENITH

OKOTÔ

COMPANHIA CLIC

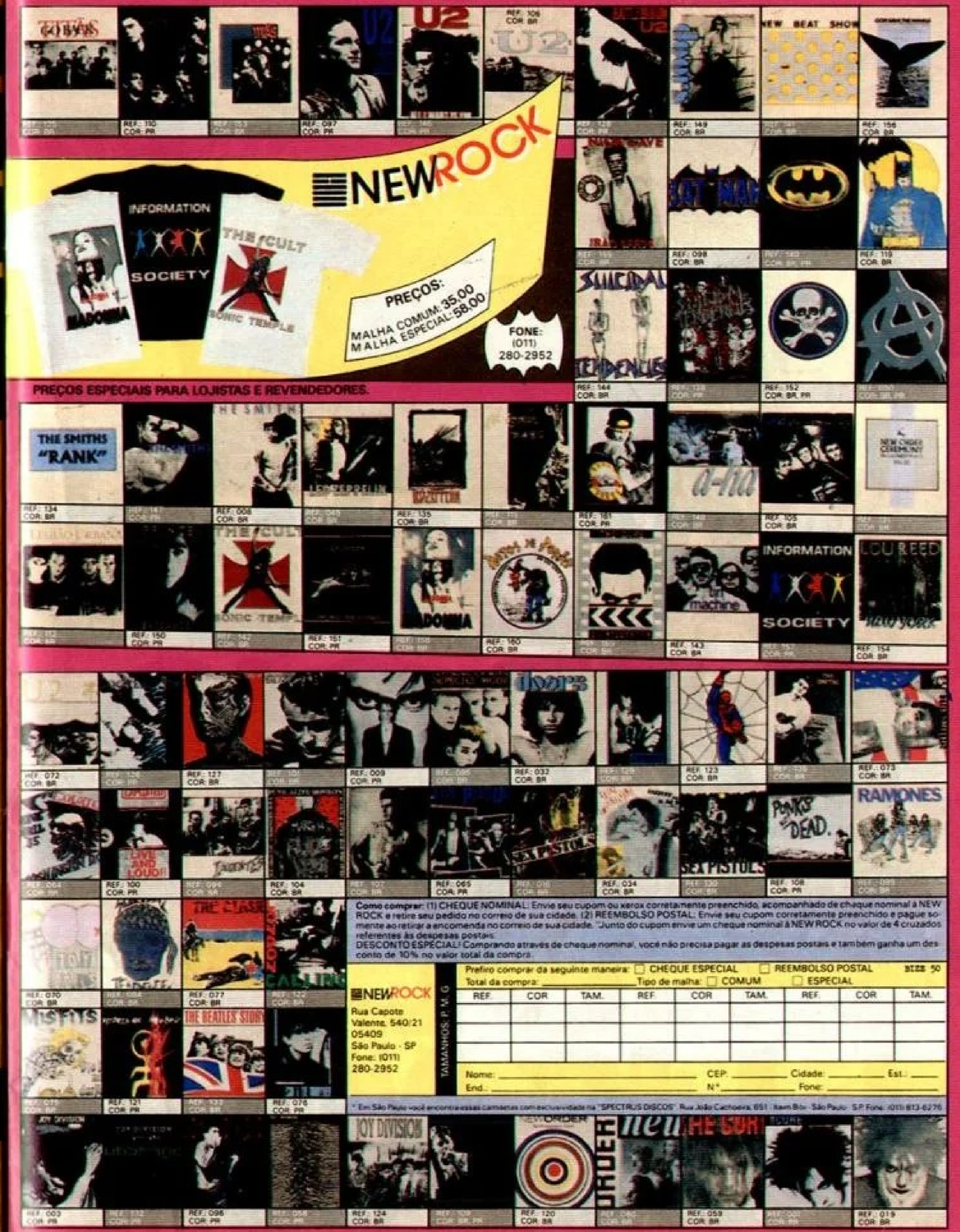


SEXO EXPLÍCITO

FOLK AFRO HEAVY CLÁSSICO MPB NEW AGE

estúdio eldorado

R.MAJOR QUEDINHO,111,12.º
TEL.: 259-2022 E 259-2283


NEWROCK
INFORMATION
SOCIETY
MADONNA
THE CULT
SONIC TEMPLE
PREÇOS:
MALHA COMUM: 35,00
MALHA ESPECIAL: 58,00
FONE:
(011)
280-2952
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS E REVENDEDORES.
THE SMITHS
"RANK"
Como comprar: (1) CHEQUE NOMINAL: Envie seu cupom ou xerox corretamente preenchido, acompanhado de cheque nominal à NEW ROCK e retire seu pedido no correio de sua cidade. (2) REEMBOLSO POSTAL: Envie seu cupom corretamente preenchido e pague somente ao retirar a encomenda no correio de sua cidade. *Junto do cupom envie um cheque nominal à NEW ROCK no valor de 4 cruzados referentes às despesas postais.
DESCONTO ESPECIAL! Comprando através de cheque nominal, você não precisa pagar as despesas postais e também ganha um desconto de 10% no valor total da compra.
Prefiro comprar da seguinte maneira: CHEQUE ESPECIAL REEMBOLSO POSTAL
Total da compra: Tipo de malha: COMUM ESPECIAL
REF. COR TAM.
Nome: CEP: Cidade: Est.:
End.: N.º Fone:
NEWROCK
Rua Capote Valente, 540/21
05409
São Paulo - SP
Fone: (011) 280-2952
TAMANHOS: P, M, G
* Em São Paulo você encontra essas camisetas com exclusividade na "SPECTRUS DISCOS" Rua João Cachoeira, 651 | Itaim Bibi - São Paulo - SP Fone: (011) 813-6276

AGITE DEPOIS DE USAR.

Knorr® Flash® tem duas deliciosas novidades: os sabores queijo e milho verde. Com eles, você tem mais duas saborosas opções para preparar num flash um lanche rápido, gostoso e saudável. Além dos novos sabores, experimente as variedades tomates, aspargos, ervilhas, legumes e batata com bacon. Knorr® Flash®: satisfação na medida certa para quem tem uma vida agitada.

Knorr Flash
Seu lanche num Flash.

ESTRANGEIRO – CAETANO VELOSO (PHILIPS/POLYGRAM)

Edit Numeriano-A.G.F.

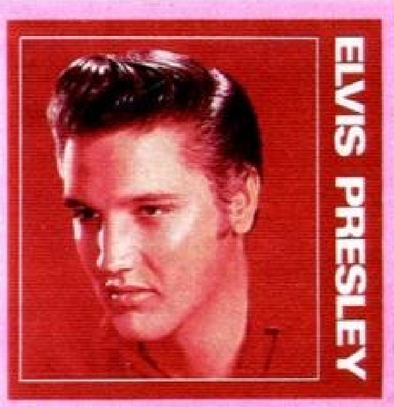
A obra de Caetano Veloso sempre esteve no fio da navalha. De um lado, a MPB, a tradição, o terceiro mundo. De outro, as antenas para o mundo, as novidades da música pop internacional, as "maravilhas contemporâneas" do primeiro mundo. Desde o projeto de modernidade para a música brasileira da Tropicália, esta tensão foi a força criativa, responsável por sua originalidade e seu lugar único no panorama nacional, por seus melhores trabalhos e também por alguns de seus equívocos. Seus três últimos discos de estúdio representaram momentos diferentes deste equilíbrio instável.

Em *Velô* (1984), a incorporação de elementos pop fica artificial pela precariedade dos arranjos, convencionais ou pasteurizados demais. Detalhes como scratches, guitarras rasgadas se perderam num oceano de tecladinhos pop brega. É interessante lembrar que nesta época a MPB estava em baixa absoluta e, não por coincidência, o ano posterior foi o da explosão do rock nacional. Estava acontecendo alguma coisa — só que Caetano não conseguia capturar. Apesar de letras excelentes, participações simpáticas — Tim Maia, Elza Soares e Ritchie —, a tentativa de buscar vitalidade em terrenos "extra-MPBísticos" não vingou. O próximo passo foi uma espécie de recuo tático que revelaria as maiores qualidades intocadas. *Caetano* (1987) retomou a sobriedade e a simplicidade nos arranjos, a introspecção nas letras, a delicadeza nas melodias. A interpretação fluiu mais natural — sem esforço para se adequar ao conceito, sem arrogância. O velho baiano havia voltado à prata que domina com segurança: a capacidade de fazer bela e boa música e poesia. Uma obra madura que deixava uma interrogação no ar: estariam abandonadas as "ousadias"?

Sim e não. *Estrangeiro* é um termo médio entre estes dois discos: o lado um é da linhagem da inquietude, o lado dois da calma. O mérito principal foi ter achado os produtores que mais poderiam entender do riscado, os Ambitious Lovers. Arto Lindsay é amigo de longa data de Caetano (que lhe dedicou uma faixa, "Eu Sou Neguinha?", do último LP). A colaboração era quase inevitável. Norte-americano de nascimento, pernambucano por adoção, conhecedor da música brasileira e formado na vanguarda nova-iorquina, ele foi o maestro adequado para orquestrar a ambigüidade pós-tropicalista. Ele e seu parceiro Peter Sherer foram capazes de traduzir a vocação "pop" de Caetano em uma sonoridade mais moderna, sem sombra da investida canhestra anterior.

A inquietude ficou soando angulosa, cheia de arestas, esquisita, enquanto que a calma do "soft brazilian singer" recebeu um invólucro suave. Além de assinarem toda a produção, os AL tocaram em várias das faixas — se bem que tocar não é o verbo mais preciso para os comentários em forma de microfonia de Arto — e co-compuseram uma das mais belas faixas, "Jasper", que tem letra em inglês. A única composição que não é de Caetano é a superdançante "Meia-Lua Inteira" do percussionista Carlinhos Brown, da banda que o acompanha ao vivo.

As letras variam dos longos comentários discursivos a pérolas de concisão poética. Como um estrangeiro, ele se coloca na posição de observador, ora distante ("O Estrangeiro", um poema exaltação sobre o Rio de Janeiro sob o ponto de vista de Paul Gauguin, Cole Porter, Lévi-Strauss e ele mesmo) ora muito próximo (nas duas canções às suas mulheres, "Branquinha" e "Este Amor"). "Outros Românticos", dedicada a Jorge Mautner, combina um clima paranóico e asfixiante com imagens contundentes ("Os trinta milhões de meninos abandonados do Brasil/com seus peitos crescendo, seus paus crescendo/e seus primeiros mênstruos"), evocando o fascínio de Nick Cave por Pixote. Com vinte e tantos anos de carreira nas costas, Caetano prova que ainda procura. E muitas vezes acha.



ELVIS PRESLEY (RCA/BMG-Ariola)

A *elvismania* continua rendendo vinil reciclado. Desta vez, é uma caixa com cinco LPs. A seleção das faixas divide os discos entre décadas, "Inéditas no Brasil" e "Grandes Sucessos no Brasil". O que leva "Tutti Frutti" e "Blue Suede Shoes" a entrarem na categoria "Anos 50" e não nos "Grandes Sucessos", e "Jailhouse Rock" a entrar apenas nesta última, só o autor da seleção sabe. Tais critérios acabam por minar a possibilidade desta compilação ser o pacote definitivo de Elvis Presley. Afinal, o que realmente interessa em sua carreira são as gravações realizadas durante os anos 50 e em parte dos 60. As interpretações de sua última década de vida, como se sabe, tendiam para o gospel e eram lamentáveis. O esforço desta compilação, em trazer faixas "Inéditas no Brasil", resulta em uma acumulação estéril de músicas, que ficariam melhor esquecidas do que festejadas com a gala deste tipo de lançamento.

Nos anos 50, Elvis e seus músicos inventaram o rockabilly, estilo que marcou definitivamente a cultura americana, nela injetando furor e rebeldia. Entre os méritos da presente caixinha, está a inclusão da pouco divulgada "(You're So Square) Baby, I Don't Care", da trilha do antológico filme *Jailhouse Rock*, com um balanço precursor da surf music; além, claro, de standards como "Don't Be Cruel", da dupla Leiber e Stoller, e mesmo hits pouco cotados para compilações, como "Ready Teddy", apresentada por Elvis em sua primeira aparição na TV.

Nos anos 60, Elvis viveu sua fase de maior sucesso comercial, ao voltar do serviço militar e estrelar um filme atrás do outro, época de baladas como "Can't Help Falling in Love". É neste ponto que nossa caixinha de Pandora solta "Little Sister" (inspiradora de "Shakin' All Over", de Johnny Kidd and the Pirates), "Guitar Man" e "Too Much Monkey Business". Jóias.

Depois disso, a decadência — *troços* como "Impossible Dream", cantada até por Maria Bethânia! Alguns momentos de brilho, como o soul "Suspicious Minds", não compensam o gasto com a prensagem de mais três LPs. Infelizmente, muita coisa boa ficou de fora, cedendo espaço às bobagens mais melosas do caipirão que tranformou o rock num negócio lucrativo. Suprema ironia.

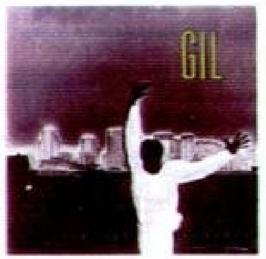
Marcel Plasse

FLOWERS IN THE DIRT – Paul McCartney (Parlophone/EMI-Odeon)

Hoje ele parece totalmente adequado ao senso comum. Fala da família, enrola-se na bandeira ecológica, repensa o passado, não posa de rebelde e para muitos virou um bobão. Mas, atrás dessa máscara está um dos maiores melodistas e peculiares vozes das três últimas gerações. Essas "flores" espelham exatamente esta situação, ou seja, um inerente e rico senso melódico por vezes afundado em convencionalismos. Algumas de suas novas criações como "Rough Ride" e "Figure of Eight" beiram a decepção, mas em outras, como nas parcerias com Elvis Costello ("My Brave Face", "Don't Be Careless Love", "That Day Is Done" e "You Want Her Too") e nas baladas "Distractions" e "This One", o mestre volta a brilhar como nos velhos tempos. "How Many People", a canção dedicada a Chico Mendes não escapa de um chato tom populista. Mesmo assim, merece ser amistiada. Seu talento ainda está além de seus pecados pouco originais. *F.V.*

AFTER THE WAR – Gary Moore (Virgin/EMI-Odeon) **LIVE AT MARQUEE – Gary Moore** (Castle/Eldorado)

Este irlandês é tido atualmente como um dos mais brilhantes e respeitados guitarristas metálicos tanto por sua técnica rápida quanto por seus trabalhos recheados de influências jazzísticas. Apesar de doze LPs solo em quinze anos de carreira, ele continuava inédito no Brasil (a não ser como elemento do Colosseum II, cujo LP *Strange New Flesh* saiu aqui em 1976). A Eldorado edita este *Live...* — lançado no Japão em 1981, e na Inglaterra três anos depois — onde Gary é apoiado por uma banda de peso que deixa sua versatilidade rolar à vontade, principalmente na bonita "Parisienne Walkaways" e nas afiadas "Back on the Streets" e "Nuclear Attack". Já a EMI-Odeon lança *After the War*, seu trabalho mais recente, mais pop, mais arranjado, e sua banda continua com gente respeitada no estilo e ainda com alguns convidados: Don Airey, Simon Phillips e Ozzy Osbourne, este último fazendo *backing* em "Speak for Yourself" e cantando em "Led Clones" (uma homenagem ao Led Zeppelin). Grandes solos de Moore também são encontrados em "This Thing Love" e "Ready for Love". *L.R.*



O ETERNO DEUS MU DANÇA – Gilberto Gil (WEA)

Em seu primeiro disco em dois anos (desde *Em Concerto*, de 1987), tempo que dedicou a suas andanças pela política, Gil retorna à música com pouca inspiração. O próprio artista classificou este LP como "redundante", mas isto não é o pior defeito de *O Eterno Deus...* O álbum recende a uma quase total estagnação criativa, da qual talvez os maiores exemplos se encontrem na música-tema da novela *O Salvador da Pátria*, no clima pseudofuturista de "Do Japão" e em "De Bob Dylan a Bob Marley, um Samba Provocação", com o temerário verso "Bob Marley morreu/Porque além de negro era judeu/Michael Jackson, ainda resiste/Porque além de branco ficou triste". Coisas menos decepcionantes poderão ser encontradas, "Mulher de Coronel" e "Baticum", co-assinada por Chico Buarque. Mas, no todo, parece que Gil dançou por não saber mudar. *C.P.*

STREET FIGHTING YEARS – Simple Minds (Virgin/EMI-Odeon)

Quem te viu, quem te vê! Houve uma época em que o Simple Minds era capaz de criar sons instigantes, que serviram de modelo para inúmeras bandas iniciantes. Mas isto é coisa do passado. Agora tudo que o grupo quer é salvar o mundo. Para tanto, vestiu a camisa do rock populista e passou a rezar pela cartilha do U2 (como ao adotar climas de início rarefeito, que se avolumam até um orgiástico clímax). Arranjos instrumentais beirando o rococó, solos rancosos de guitarra e o tom épico oriundo da pior escola progressiva acabam fazendo deste LP um dos maiores equívocos de 1989. *A.G.C.D.*

DISINTEGRATION – The Cure (Polydor/PolyGram)

Neste seu oitavo LP de material original, o Cure livrou-se das síndromes descartáveis que contaminaram *Head on the Door* e quase exterminaram *Kiss Me Kiss Me Kiss Me*. Reapareceu sem muitas preocupações em fazer sucesso e regrediu com uma renovada originalidade às atmosferas desesperadoras de *Faith* (1981) e *Pornography* (1982). Esta volta ao passado soa como o seu trabalho mais sincero desde a lascívia psicodélica de *The Top* (1984). As letras de Robert Smith voltam a respirar fontes poéticos e a instrumentação destila versatilidade. Há canções apenas tazoáveis como "Lullaby", mas há bons momentos como em "Closedown" e "Fascination Street". Os que passaram a odiar devem, ao menos, ouvir. *Disintegration* é amargo, frio e respeitável. *F.V.*

ERA DAS FLORES – Kiko Zambianchi (EMI-Odeon)

Gravado em sistema digital, *Era das Flores* tem ao menos um mérito: mostra como Kiko Zambianchi soube produzir seu próprio disco. A mixagem está acima da média (para padrões nacionais) e os arranjos conseguem dar a suas canções uma embalagem compatível com a demanda das FMs. Curiosamente as melhores faixas estão do lado B. "E Você Onde Está?", que abre o disco, chega a incomodar, com seu refrão mântrico "hare, hare". Mas não desanime: vire o lado e preste atenção nas duas últimas faixas. O melhor ficou para o fim. *C.M.*

ESCENAS (SCENES) – Rubén Blades y Seis del Solar (Elektra/WEA)

Com quatro anos de atraso, este LP marca o *début* do polivalente panamenho Rubén Blades no mercado nacional, justificando plenamente sua condição de músico latino bem-sucedido nos E.U.A. É compreensível este reconhecimento, porque ele também já recebeu quatro indicações para o Grammy, além de ter colaborações e/ou parcerias com Joe Jackson e Linda Rondstadt (como neste disco) e com Lou Reed e Elvis Costello mais recentemente. Letras inteligentes e arranjos com melodias que fogem dos clichês da salsa e do merengue *cucaracha* estão presentes nas oito canções deste LP. *H.B.*

OASIS – Roberta Flack (Atlantic/WEA)

Afastada das gravações desde 1982, Roberta retorna num LP que, embora contando com produção requintada, não possui a força de seus trabalhos anteriores, tendo sua linguagem soul/gospel/pop maquiada em demasia. Uma pena, pois o disco não é totalmente desprezível, como comprovam as *soul ballads* "All Caught Up in Love" e "You Who Brought Me Love". O pior é "(His Name) Brazil", baladinha dedicada a Djavan. *F.V.*

IMPÉRIO DOS SENTIDOS – Fausto Fawcett e os Robôs Efêmeros (WEA)

Não satisfeito em explodir um Exocet nos céus de Copacabana em 1987, Fausto Fawcett detona agora sua poesia balística no centro do "Império dos Sentidos", revelando-nos uma lúbrica gestalt de simulacros, ilusões de ótica e fulgurações. Desta feita, a lábia terceiro-mundista do autor foi resguardada pela competência musical de Herbert Vianna (guitarra, baixo, teclados e programações de bateria), resultando em um prolixo delírio para além do princípio do prazer. *A.G.C.D.*

BENEATH THE REMAINS – Sepultura (Roadrunner/Eldorado)

Antes de mais nada, o sucesso da pancadaria do Sepultura pelo mundo afora é a vitória da espontaneidade juvenil sobre a pretensão de grupos como o finado RPM (que Deus os tenha), que se acharam com bola cheia o suficiente para conquistar o mercado internacional. Uma vantagem a moçada do Sepultura, de saída, já tinha sobre eles: tocam metal, e muito bem. O metal, como o hardcore, é linguagem universal, unanimidade internacional entre os *bangers*. Cantado em inglês, é tiro e queda. Não deu outra: primeiro lugar na parada heavy e oitavo na dos independentes do semanário musical inglês *Melody Maker*. É mole ou quer mais? Pois ganharam grande destaque também nas mais importantes publicações musicais especializadas em metal.

Beneath the Remains é o quarto e mais demolidor disco do quarteto mineiro que, com um acabamento requintado — o álbum foi mixado nos EUA — conseguiu um som adequado para sua porrada. O LP abre com uma frase de violão sublinhada por um teclado satânico, que logo dá espaço para a pauleira pura que massacra os tímpanos pelo vinil afora. O que se ouve daí por diante é aquilo que qualquer mortal que tenha se aproximado de um dos imbatíveis shows do grupo podia esperar. Igor tocando uma bateria cada vez mais veloz e violenta, guitarras de rasgar alto-falante, os solos endiabrados de Andreas — vide "Sarcastic Existence" —, o baixo pesado e seguro e um vocal do demo, a cargo de Max.

Depois da música-título, que abre o LP, o Sepultura avança firme com a levada mais tradicional de "Inner Self" e continua com a detonação em "Stronger than Hate" — de causar inveja no Slayer — que prepara o espírito do ouvinte para a destruição total de "Mass Hypnosis". O lado B já vem direto com pau puro, na já citada "Sarcastic Existence", que é seguida de "Slaves of Pain", um massacre de velocidade com espertos vocais em *reverse*. As três últimas, "Lobotomy", "Hungry" e "Primitive Future", vão num crescendo que leva qualquer metaleiro ao orgasmo. De Minas Gerais para o mundo, o Sepultura conseguiu registrar toda sua competência neste disco, para se ouvir quando se está a fim de ver o circo pegar fogo.

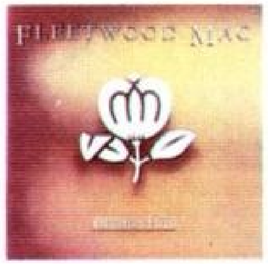
Carlos Eduardo Miranda

LONDON TOWNE HOUSE — Vários (Capitol EMI-Odeon) **IN HOUSE — Vários** (RCA BMG-Ariola)

O melhor de *Towne House*, coletânea do selo londrino Sincopate, e Kim Mazelle, estrela do *deep house* de Chicago, estilo que resgata o soul e que já começa a suplantar o *acid*. O estilo dominante do LP, porem, é o velho *house*, levado ao extremo industrial por Lizzie Tear. Já *In House*, do selo americano Jive, abre com Samantha Fox, *pseudo star* que descobriu o *house* com Kevin Sauderson, o tecno mago do mix dançante. Além de remixar Sammy, Saunderson produz uma faixa das Wee Papa Girl Rappers. O resto do LP é manipulado por Adonis, outra lenda do *house*, que produz as faixas das She Rockers, Culture Clash Dance Party, e de seu novo grupo, Acid Slaves. Contudo, o melhor é um mix inventado no Hacienda (*nightclub* de Manchester), "It's a Trip", com samples psicodélicos, que incluem a voz de Hendrix. Quem quiser dançar, que chute o volume. *M.P.*

ABRUXA-TE — Bocato (Baratos Afins)

Em seu quarto álbum-solo independente, o compositor e trombonista Bocato novamente enveredа pelo seu estilo muito peculiar de abordar a música instrumental brasileira, não só nos arranjos de sopro como nas intervenções em outros instrumentos (violão, guitarra, teclados) e na interação com o time de músicos convidados. Além da surpreendente qualidade sonora obtida em quatro canais, a se destacar a faixa-título, "Blues" e "Mano Manito", contando com o sax do veterano homenageado. *C.P.*

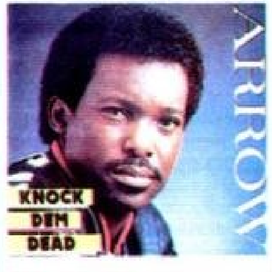


GREATEST HITS — Fleetwood Mac (Warner/WEA)

Esta coletânea marca os vinte anos deste grupo, que, além de ter mudado muito sua formação (da original só restaram Mick Fleetwood e John McVie), também modificou totalmente seu estilo. Tendo por base inicial o blues, a partir de meados da década de 70 a banda tenderia para o pop-country, decepcionando antigos fãs, mas alcançando vendagens astronômicas com seus álbuns. É justamente deste período em diante que trata esta compilação, que tem como possíveis destaques duas faixas inéditas. *L.R.*

SONIC TEMPLE — The Cult (Virgin EMI-Odeon)

Para os góticos o Cult jamais conseguiu retomar a singularidade de quando se chamava Southern Death Cult. Alguns consideram que o grupo gravou apenas dois grandes LPs: os psicodélicos *Dreamtime* (1984) e *Love* (1985). Entretanto, para outros só passou a ter valor a partir de *Electric* (1987), que inaugurou sua fase mais heavy. Este novo LP dá continuidade a este período de uma forma mais pasteurizada (produção assinada por Bob Rock, que já trabalhou com bahas como Bon Jovi e beldades como Aerosmith), mas sem retirar totalmente sua visceralidade. Claro que a influência de Led Zeppelin é excessiva, a voz de Astbury um pouco cansativa, a guitarra de Duffy muito carregada de efeitos e as composições um tanto quanto parecidas, porém, com todos os pesares, ainda são respeitáveis. As melhores tiradas são os heavy-rocks "Sun King" e "New York City" e a balada hard "Edie (Ciao Baby)". *F.X.*

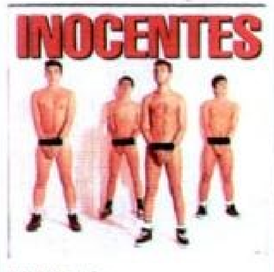


KNOCK DEM DEAD — Arrow (Mango/WEA)

O rei da soca (calipso + funk/pop), o caribenho Arrow, chega ao Brasil através de seu primeiro trabalho para uma grande gravadora, dando um passeio pelos ritmos negros da América Latina, EUA e África do Sul, no rastro do megahit da *world music* "Hot, Hot, Hot", de 1986. Indicado principalmente para os quadris, Arrow flerta com o rap em "Groove Master" e faz o chão tremer em "Big Big" e "Rhumba Again". Mas é em "Tell Mama", com a participação de um coral sul-africano, que ele atinge o seu melhor momento no LP, tanto que a banda Chiclete com Banana não hesitou em "chupar" a batida sincopada e o arranjo de teclado na faixa "Batuque no Cais", de seu último LP. *H.B.*

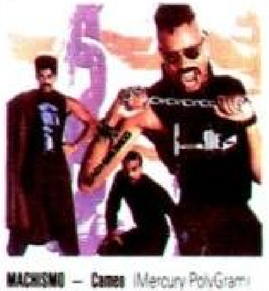
PELA SOMBRA — Mestre Marçal (RCA BMG-Ariola)

O multipercussionista carioca Nilton "Mestre" Marçal vem há 42 anos erguendo o pagode do lugar comum para o nível de um artista cuja banda de apoio conta com a canja de Chico Buarque (que participa neste LP em "Desalento", parceria sua com Vinicius). Outras participações incluem Alcione e Marçalzinho, o continuador da dinastia (seu avô, Armando Marçal, compôs o clássico da MPB "Agora É Cinza"). Experimente o melhor do samba não diluído. *A.M.Jr.*



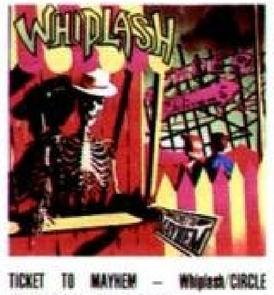
INOCENTES (WEA)

Se garra, talento e perseverança fossem predicados indispensáveis para se obter sucesso, os Inocentes certamente estariam entre os grupos mais populares do país. Como o acesso à fama costuma se dar por outras vias, eles continuam à margem do grande público, uma situação, no mínimo, constrangedora. Embora não se mostre musicalmente tão audacioso quanto o antecessor *Adeus Carne*, o novo disco — produzido por Roberto Frejat, do Barão Vermelho — tem quase tudo para corrigir essa injustiça. Ao mesmo tempo em que aguçou o seu *insight* social, o grupo soube ganhar pontos em poder de fogo e concisão. E ainda teve jogo de cintura para arriscar-se no rockabilly (em "A Lei do Cão"). O que já compensa a capa... *A.G.C.D.*



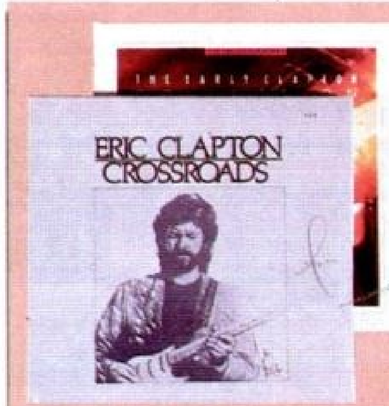
MACHISMO — Cameo (Mercury/PolyGram)

Em 1987, dez anos depois de seu primeiro LP, o Cameo ressurgiu com um single pesado e persuasivo, "Word Up", que dizia: "Se existe música, nós podemos usá-la". E é o que o trio faz em seu ataque de *Machismo*. Seu décimo terceiro LP vai de pop, soul, funk e os metais afiados de Maceo Parker, a alma musical de James Brown. Mas o mais insuitado *crossover* do disco é a participação de Miles Davis, o próprio? Infelizmente, o prato principal não fica à altura dos quitutes. *M.P.*



TICKET TO MAYHEM — Whiplash/CIRCLE JERKS (Roadrunner/Eldorado)

No campo do thrash metal, cuja soberania está a cargo do *Big Four* — Slayer, Megadeth, Metallica, Anthrax — há alguns sérios aspirantes ao apire. Ao lado de nomes como Testament e Nuclear Assault, o trio americano Whiplash, criado em New Jersey há seis anos, é um venerável exemplo. Nas dez faixas desse segundo LP, lançado originalmente em 1987, o grupo prova vitalidade, boa instrumentação e desvairados vocais no melhor estilo "grrau". Hoje, eles já estão em seu terceiro LP (*Ironfit to Injury*) e contam com um novo integrante, o vocalista Glen Hansen, que assumiu o papel do baixista Tony Porcaro. Vitalidade e outros detalhes positivos também não faltam ao veterano grupo de Los Angeles Circle Jerks, que com este novo LP completa seu décimo ano de estrada. Da formação original restam apenas o vocalista Keith Morris e o guitarrista Greg Heston e, musicalmente, apenas a aura do punk. Em seus cinco LPs (contando a participação na trilha do filme *Repo Man*), o quarteto absorveu influências de hardcore, thrash metal em deslavadas atmosferas de rock'n'roll, que captam a personalidade singular que sempre os caracterizou. *F.X.*



CROSSROADS — Eric Clapton (Polydor/PolyGram) **THE EARLY CLAPTON COLLECTION — Eric Clapton** (Castle/Eldorado)

É um banquete para quem deseja se aprofundar em 24 anos da trajetória deste guitarrista inglês, que depois de ter sido Deus durante os anos 60, passou uma temporada no inferno induzido pela heroína, para voltar à cena nas duas décadas seguintes sem a mesma chama criativa e com uma musicalidade bem mais contida, porém, sempre conseguindo manter a respeitabilidade de seu trabalho. Isto porque o estilo inconfundível de sua *slowhand* ("mão lenta") nos riffs e solos sempre foi capaz de calar os seus detratores e de manter atentos os ouvidos de seus fãs antigos e novos.

A entrada não poderia ser mais suculenta, com o petisco duplo *The Early Clapton*...(compreendendo o período de 1963 a 66), que como maiores atrações traz sete participações de Eric com os Yardbirds e os Bluesbreakers de John Mayall, que estão ausentes do prato principal, *Crossroads* — incluindo uma versão ao vivo de "Take It Easy Baby", a cargo de Sonny Boy Williamson acompanhado pelos Yardbirds, além de sete faixas com os Immediate All-Star, nada menos que Eric e Jimmy Page em *jams* de estúdio, eventualmente acompanhados de alguns dos Stones.

Para se saborear *Crossroads*, então, convém atacar de apetite triplicado, pois trata-se de uma caixa com seis LPs — lançada originariamente no ano passado — e que vem acompanhada de um bem acabado caderno com várias fotos e um elucidativo texto de Anthony DeCurtis (redator da *Rolling Stone*), traduzido por Mário Willsmerdorf Jr., além da ficha técnica completa de cada uma das 73 faixas. A seleção musical ficou a cargo de Bill Levenson, a partir das matrizes originais, fitas remixadas especialmente para esta edição e de demos restauradas, tudo sob a tecnologia digital. Assim, obteve-se um painel proporcionalmente bem representativo de todas as fases da carreira de Eric. Mas, neste histórico musical, os bocados mais gostosos ficam por conta das dezoito faixas anteriormente inéditas em vinil, entre gravações de estúdio e ao vivo, além de *out takes* de alguns de seus álbuns, que incluem trabalhos com os Bluesbreakers de John Mayall, Cream, Blind Faith, Derek and the Dominos e várias etapas de sua carreira solo. O único senão deste banquete fica por conta do preço salgado para se adquirir os oito LPs. Mas, vale a pena economizar e... bom apetite. *Celso Pucci*

TIN MACHINE (EMI-Odeon)

Durante duas décadas, ele encarnou alternadamente o homem que vendeu o mundo, o refugiado das estrelas, o duque branco e magricela, o dândi funkster, o arlequim paranóico, Baal, o rei dos duendes e mais uma infinidade de personas. Agora ele chega ostentando um visual sóbrio — terno preto, cabelos curtos e uma barbinha rala, gênero "yuppie arrependido" — e se apresenta como um mero integrante da Tin Machine, banda que mal acabou de lançar seu primeiro LP e já ocupa os primeiros lugares das paradas.

Lógico que só podíamos estar falando do primeiro e único David Jones, aliás David Bowie, a metamorfose ambulante do rock'n'roll. Alvo constante de polêmicas, há muito — praticamente desde *Scary Monsters* (1980) — que ele não surgia com um material tão forte quanto este. Outra novidade é que ele não faz mais questão de ser o foco das atenções, co-dividindo magnanimamente os aplausos com os demais *machinemen*: o guitarrista Reeves Gabrels (com quem trabalhara na *Glass Spider Tour*) e os irmãos Tony e Hunt Sales, respectivamente no baixo e na bateria. Gravado na Suíça e nas Bahamas, o LP vem se somar às outras bem-sucedidas investidas de rockers veteranos — Lou Reed, Dion, o finado Roy Orbison — em 1989. No todo, são doze faixas (duas a mais no CD, a saber: "Run" e "Sacrifice Yourself") que retomam o bom e velho hard rock safra 60. Só ouvindo para crer. Como que para evitar que os fãs de *Let's Dance* fujam espavoridos, o disco abre de leve com "Heaven's Up Here" que, no entanto, é devidamente envenenada pela guitarra de Gabrels. Mas é na faixa-título que se pode avaliar melhor a proposta da Tin Machine: um intróito dissonante, a batida seca da bateria e a banda parte a mil por hora, atravessando um cenário povoado por zumbis, pais sádicos, fanáticos religiosos e justiceiros. A rigor, não há músicas fracas aqui, embora não seja difícil de destacar "Crack City" (o universo da drogadicção revirado pelo avesso por uma melodia forjada em aço inoxidável), a desesperada *love song* "Prisoner of Love" e a magistral releitura de "Working Class Hero", de John Lennon. Mais uma armação de Mr. Bowie? Se for, que apareçam outras deste naipe. *Arthur G. Couto Duarte*

Contrariando o título desta seção, começamos lento e nas alturas, com **Marvin Gaye. WHAT'S GOING ON**, relançado no Brasil pela RCA/BMG-Ariola, é um dos seus mais conceituados trabalhos. O álbum marcou, em 1971, o início da segunda fase de sua carreira: a libertação do *studio system* de Berry Gordy Jr., o patriarca da Motown. O cantor já havia dado mostras de seu talento como compositor anteriormente, porém, neste disco, não só todas as músicas eram pela primeira vez assinadas por ele (ou em co-autoria) como também a produção. Canções como a antológica faixa título e "Mercy Mercy Me (The Ecology)" capturaram um Gaye introspectivo, tentando exprimir a aura tentadora e confusa do período. Sua concentração nesta linha musical alcançou o pico no magnífico "Inner City Blues (Make Me Wanna Holler)", soul quase dançante, quase sussurrado, quase gritado. No todo, uma obra-prima (para maiores detalhes, vide *Discoteca Básica* BIZZ 39) **P**or outro lado, o veterano **Isaac Hayes** não conseguiu em seu **LOVE ATTACK** (CBS) manter-se à altura de seu passado de figura de proa do soul de Memphis nem de suas incursões pela *disco music* durante os anos 70, limitando-se a repetir a mesma ladainha torturada de seus últimos LPs **E**les voltaram a embalar corações apaixonados recentemente em um comercial de TV com o hit "Can't Take My Eyes Off You". E surgem na coletânea **OS GRANDES SUCESSOS DE FRANKIE VALLI AND THE 4 SEASONS** (Som Livre), romantismo rasgado para maiores de 30, que pode dar nos nervos de roqueiros imberbes **J**AMES TAYLOR LIVE IN RIO (CBS) é outra peça de romantismo antiquado, estilo ainda idolatrado na América Latina. *Mucho loco, pero boko moko*. Já **Carole King** tenta reviver a sua fama de baladeira country em **CITY STREETS** (Capitol/EMI-Odeon). Mas, quem se importa? **O** rap do trio **B.V.S.M.P.** (Mercury/PolyGram) é brega, ou *charm*, como denominam os curtidores do gênero. Porém, as faixas de seu LP **THE BEST BELONG TOGETHER** (Mercury/PolyGram) são iguaizinhas e talvez o público confunda uma com outra ou mesmo com as de outro grupo idêntico. Problema similar ocorre com **Tom Cochrane & Red Rider**, que em seu **VICTORY DAY** (RCA/BMG-Ariola) não vai além de um sonso hard pop sem identidade **D**o lado brasileiro, temos **PROCEDIMENTO NORMAL** (Philips/PolyGram), em que **Evandro** tenta em vão ressuscitar mais uma vez a aura fugaz da Blitz. Aliás, a faixa "A Verdadeira História de Alexandre Mac-Mac" figura entre as ridículas do popinho nacional. E por falar em popinho, temos o LP que marca a volta do **Radio Taxi** (pela RGE) e o álbum de estréia da banda **Radar** (Paraíso), dois lançamentos que primam pela repetição de surrados clichês do gênero, dissimulados por uma pseudopostura de rock'n'roll **O**RQUESTRA DE MÚSICA BRASILEIRA (Eldorado), apesar da competência dos músicos participantes, não chega a empolgar trazendo o enésimo (des)arranjo de "Aquarela do Brasil" entre outros arranjos orquestrais de músicas do nordeste brasileiro.

CIC ON THE ROCKS.

Agora você pode encher a cara.
A CIC Vídeo traz para você 5 boas doses de emoção, swing e muito rock'n roll. Em videocassete, U2 Rattle and Hum, com 9 músicas que não estão no disco. Julian Lennon, em Stand by Me. Dois The Doors: um ao vivo no Hollywood Bowl e o outro, Dance on Fire, com apresentações históricas e grandes sucessos. De saideira, o fenômeno Chuck Berry, com participações especiais de Eric Clapton, Robert Cray, Julian Lennon, Keith Richards e Linda Ronstadt.
E na CIC Vídeo você tem um ou todos estes vídeos com preço especial de promoção. Sirva-se.

Nome: _____
Endereço: _____ Bairro: _____
Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____ Tel.: _____
Sim, quero receber: NCZ$ 50
__ fitas do U2 Rattle and Hum ao preço unitário de NCZ$ 98.00
__ fitas do The Doors Ao Vivo ao preço unitário de NCZ$ 92.00
__ fitas do The Doors - Dance on Fire - ao preço unitário de NCZ$ 92.00
__ fitas do Chuck Berry ao preço unitário de NCZ$ 92.00
__ fitas do Julian Lennon ao preço unitário de NCZ$ 92.00

Para isso envio cheque anexo, nominal à CIC VÍDEO LTDA.
e cruzado, n.º _____ Banco: _____
no valor de NCZ$ _____
Endereçar à CIC Vídeo Ltda. Rua Fradique Coutinho, 352 CEP 05415 - São Paulo - SP

CIC VIDEO

U2 Rattle and Hum TM & Copyright ©1988 Paramount Pictures Corporation.
Stand by Me - Um retrato de Julian Lennon ©1985 Universal City Studios, INC.
The Doors - Ao vivo no Hollywood Bowl ©1987 The Doors Video Company.
Dance on Fire - The Doors ©1985 Doors Music Company.
Chuck Berry - O Mito do Rock ©1987 Universal City Studios.

Preços válidos somente até o dia 30/06/89

COMPACTDISC

Depois do lançamento de **BROTHERS IN ARMS** e **MONEY FOR NOTHING** no ano passado, de seu álbum de estréia e de **COMMUNIQUÉ** em março, agora a Vertigo/PolyGram lança os LPs que faltavam para completar a discografia do **Dire Straits** em CD: **MAKING MOVIES** (1980), **LOVE OVER GOLD** (1982) e o duplo ao vivo **ALCHEMY** (1984), este em dois CDs separados. Já os admiradores do brega-rock operístico do **Queen**, que até agora tinham que se contentar com um mero **GREATEST HITS**, podem se esbaldar com as edições de **A NIGHT AT THE OPERA** (1975), **NEWS OF THE WORLD** (1977) e **THE GAME** (1980), todos EMI-Odeon. O destaque no rock contemporâneo fica com o lançamento do primeiro LP solo de **Morrissey**, **VIVA HATE** (EMI-Odeon), o que poderia estimular a WEA a lançar os álbuns dos Smiths em CD. Pelas plagas brasileiras, temos a oportuna edição do mais recente LP do

grupo instrumental mineiro **Uakti**: **MAPA**, lançado pelo selo Visom, enquanto outra gravadora independente (Kuarup) lança o álbum ao vivo **CANTORIA 2**, com **Elomar**, **Geraldo Azevedo**, **Vital Farias** e **Xangai**. Em termos de pop rock nacional, há o água-com-açúcar de **Léo Jaime** em **DIRETO DO MEU CORAÇÃO PRO SEU** (CBS), mas muito mais consistente é **GITA** (Philips/PolyGram), do velho e bom **Raul Seixas**.

GRAVADORAS INDEPENDENTES: *Baratos Afins — Av. São João, 439, lj. 318, São Paulo (SP) - (011) 223-3629 / Kuarup — Av. Rio Branco, 277, sl. 1005, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 220-0494 / Paraíso — R. Rui Barbosa, 585, São Paulo (SP) - (011) 289-7521 / Visom — R. Soares Cabral, 41, Rio de Janeiro (RJ) - (021) 285-7984.*

BOLSA DE DISCOS

	ÓTIMO	BOM	INTERESSANTE	RAZOÁVEL	FRACO
BIA ABRAMO (Bis)					
FERNANDO NAPORANO (O Estado de S.Paulo)					
JOSÉ ROBERTO MAHR (Programa Novos Tempos/Excelsior)			●		●
MARCOS SMIRKOFF (Folha de S.Paulo)					
RODRIGO LEITÃO (Jornal de Brasília, DF)			●		
ROBERTO MAIA (HP Brasil /BBB, SP)					
TOM LEÃO (O Globo, RJ)					●
CELSO PUCCI (Bis)					

DEVIL DISCOS

Solicite catálogo completo da loja. VENDAS POR VALE POSTAL.
PREÇO DE CADA LP: NCz$ 25,00 (Válido até 15/10/89)
Aguardem: CÓLERA (Novo Lp), ANTHARES (Novo Lp) ,
Coletânea Rockabilly , Korzus (novo Lp)

HISTERIA-OII

SÃO POWER (Coletânea)

TERRAMÉRICA-ARAPUÊ

VIRUS 27-BRASIL OII

NESS-FIM DA INFÂNCIA

RONDA ALTERNATIVA (Coletânea)

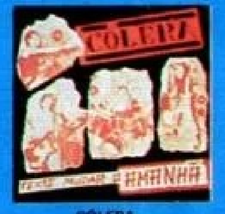
ANTHARES-NO LIMITE DA FORÇA

DESORDEIROS DO BRASIL

KORZUS-SONHO MANÍACO

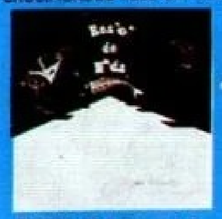
RATOS DE PORÃO-CRUCIFICADOS PELO SISTEMA

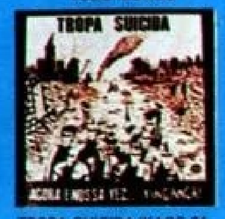
CÓLERA-PELA PAZ EM TODO MUNDO



CÓLERA-TENTE MUDAR O AMANHÃ

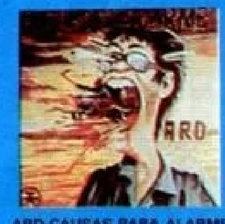
CÓLERA-É NATAL!!?


RESTOS DE NADA-(1.ºLP)



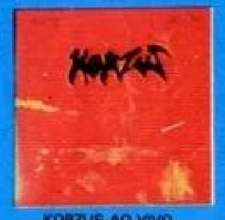
TROPA SUICIDA/KAOS 64

SUB (Coletânea)

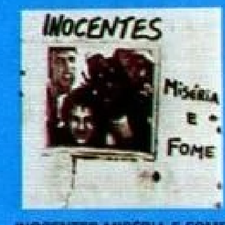

ARD-CAUSAS PARA ALARME

DORSAL ATLÂNTICA-ANTES DO FIM

VIRUS 27-PARASITAS OBRIGATÓRIOS



KORZUS-AO VIVO



INOCENTES-MISÉRIA E FOME

BSBH-ORFÃOS DA NAÇÃO

BSBxH-ATAQUE ÀS HORDAS DO PODER

COLERA-EUROPEAN TOUR '87

S.A.R.-JOIN THE MESS OR LEAVE THE TOWN

DEVIL DISCOS — AV. SÃO JOÃO, 439 - 2.º ANDAR - LOJAS 343/345 - CENTRO - SÃO PAULO/SP - CEP: 01035 - FONE: (011) 221-2142

SOULED AMERICAN
FLUBBER

Pedal steel, *slide guitar*, dobro, um baixo *fretless* que "bombeia" graves do fundo de um pântano, uma bateria "quase parando" e um cantor encharcado de Southern Comfort. Em seu segundo LP, **FLUBBER** (Rough Trade), o **Souled American** mescla rhythm'n' blues com folk e *cajun* (o blues afrancesado da Louisianna), fazendo com o country o que Captain Beefheart fez com o blues: indo direto ao cerne, ao *mojo*, sem qualquer frescura e modelando seu som de um jeito absolutamente proprio.

Em **THE BLACK SWAN** (Island), sétimo álbum da banda australiana **The Triffids** (o segundo por uma grande gravadora), outra vez se comprova que não basta uma produção requintada — no caso de Stephen Street, que fez o primeiro LP solo de Morrissey — e um grupo de alto potencial criativo para se fazer um grande disco. Sob uma *overdose* de teclados e ritmos programados, a espontaneidade do som da banda sucumbiu a uma sofisticação um tanto forçada e nem mesmo as geralmente inspiradas composições de David McComb (desta feita, pela primeira vez co-assinadas em boa parte com outros membros e colaboradores do grupo) estão em seus melhores momentos. Porem, mesmo assim, vale conferir "Too Hot to Move, Too Hot to Think" e "One Mechanic Town", ambas sintomaticamente de autoria apenas de McComb.

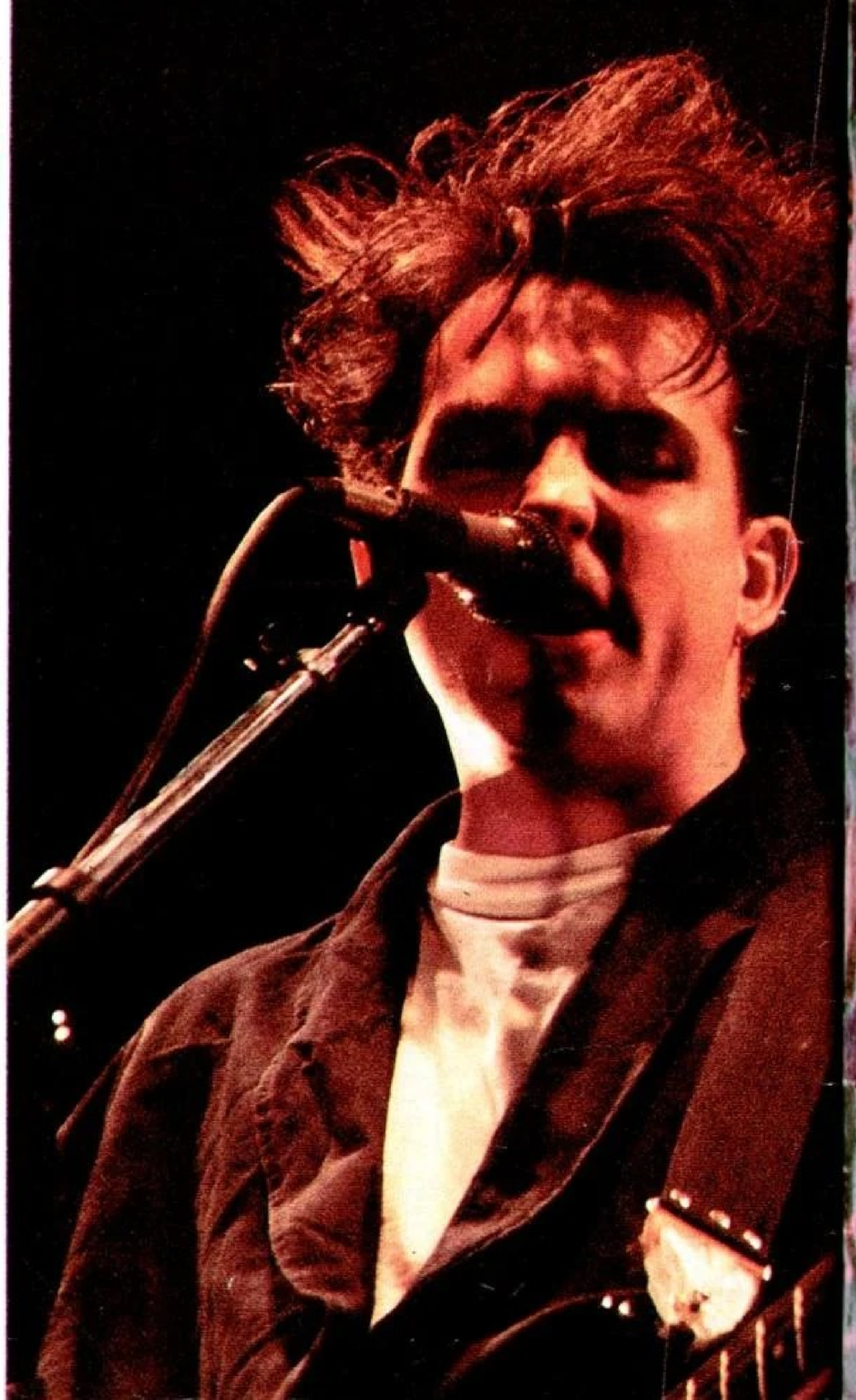
A o lado do Durutti Column e do My Dad is Dead, surge agora via 4AD a *one man's band* **Ultra Vivid Scene**, lançando o seu primeiro LP. Com instrumentos e vozes a cargo do americano Kurt Ralske, sua sonoridade é uma sugestiva mescla de bucolismo e paisagens embaladas por caronas de *speed*.

Do *boom* da *blondie fever* das bandas inglesas iniciado em 1988 pelos Primitives e Transvision Vamp, surgiram na sequência os **Darling Buds**, liderados pela loura-ça Andrea Bud e vindos de Cardiff, no País de Gales. Consagrados pela crítica e apadrinhados por John Peel (da BBC 1), em **POP SAID...** (Native/CBS) eles comprovam por que causaram sensação com seu som misto de *sixties* (Shangri-Las, Ronettes,Crystals) e punk de 1977 (Buzzcocks, Undertones) e, claro, Blondie.

◆

O **Crime + the City Solution** surgiu em 1984, a partir de integrantes dos Bad Seeds que acompanham Nick Cave e tendo como mentor o multiinstrumentista Mick Harvey (assim como Cave, dissidente do grupo australiano Birthday Party). Ao contrário dos seus três álbuns anteriores, neste **THE BRIDE SHIP** (Mute) o grupo consegue se libertar da sombra dos Bad Seeds (especialmente o vocalista Simon Bonner), e fazer um trabalho de peso e personalidade.

Stamp
LANÇAMENTO!
BLUSÕES DE MOLETON
ESTAMPAS COM TINTA EM ALTO RELEVO
100% ALGODÃO TAMANHO P.M.G.
NOVAS ESTAMPAS MALHA ESPECIAL
CAMISETAS
100% ALGODÃO TAMANHO P.M.G.
DESCONTO 10%
ENVIE CHEQUE NOMINAL OU VALE POSTAL À STAMP (JÁ COM DESCONTO CALCULADO) E GANHE 10% DE DESCONTO. PREENCHA O VALE DA SEGUINTE MANEIRA: DESTINATÁRIO: STAMP AGÊNCIA PAGADORA SHOPPING CENTER NORTE - CÓDIGO: 403369 CEP 02096 - SÃO PAULO - SP
Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa. Especifique se é manga curta, longa ou moleton
$ PREÇOS $
Manga Curta NCz$ 55,00
Manga Longa NCz$70,00
Moleton NCz$ 125,00
Validos até a próxima BIZZ
Manga Curta:
Manga Longa:
Moleton:
Estou enviando agora CHEQUE ☐ VALE POSTAL
no valor de NCz$ ..... Prefiro pagar ao receber
com o preço de NCz$ ..... mais despesas postais.
REF. COR TAM. REF. COR. TAM.
Nome .....
End. .....
Est. ..... ESTADO ..... CEP .....
Envie este cupom ou cópia STAMP - Rua Emb. João Neves
"Este não é um disco para principiantes"
PETER GABRIEL
PASSION
PETER GABRIEL
música do filme
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
ÁLBUM DUPLO e CASSETES CROMO
Um dos mais ousados projetos já feitos por um astro da música pop
Virgin
EMI



THE CURE

LULLABY

Smith/Gallup/Williams/Thompson/O'Donnell/Telhurst

On candystripe legs the spiderman comes softly through the shadow of the evening sun stealing past the windows of the blissfully dead looking for the victim shivering in bed searching out fear in the gathering gloom and suddenly! a movement in the corner of the room! and there is nothing I can do when I realise with fright that the spiderman is having me for dinner tonight!

Quietly he laughs and shaking his head creeps closer now closer to the foot of the bed and softer than shadow and quicker than flies his arms are all around me and his tongue in my eyes "be still be calm be quiet now my precious boy don't struggle like that or I will only love you more for it's much too late to get away or turn on the light the spiderman is having you for dinner tonight"!

And I feel like I'm being eaten by a thousand million shivering furry holes and I know that in the morning I will wake up in the shivering cold and the spiderman is always hungry...

CANTO DE NINAR

Sobre pernas com listras de hastes açucaradas, o homem-aranha vem
suavemente através da sombra do sol do fim de tarde
se esgueirando ao passar pelas janelas dos felizes por estarem mortos
procurando pela vítima que estremece na cama
caçando o medo entre as trevas que se acumulam e
de repente! um movimento no canto do
quarto! e não há nada que eu possa fazer quando eu
percebo com temor que o homem-aranha está
me jantando esta noite!

Calmamente ele ri e sacudindo a cabeça se aproxima sorrateiro
cada vez mais perto até o pé da cama e
mais suave que a sombra e mais rápido que as moscas seus
braços por toda a minha volta e sua língua em meus
olhos "fique parado, fique quieto, fique calmo agora meu
garoto precioso, não se debata assim senão eu apenas amarei
você mais, pois é tarde demais para fugir ou
acender a luz o homem-aranha está te
jantando esta noite!"

E eu me sinto como se estivesse sendo comido por uns mil
milhões de buracos peludos trêmulos e sei que
de manhã vou acordar no frio de tremer
e o homem-aranha está sempre faminto...

© Fiction Songs Ltda. (direitos cedidos para o Brasil a Edições Intersong Ltda.)

Columbia Damas / Azul

JOHN LYDON
ESTÁ DE VOLTA

P.I.L.
9

EM DISCOS E FITAS EMI

ANTIÁCIDO EFERVESCENTE

Achei que as afirmações de Jean-Yves de Neufville na seção Discos da BIZZ 45 foram um desrespeito enorme para os nossos roqueiros. Sua atitude foi muito baixa ao utilizar-se de termos mais baixos ainda, como "múmias do rock" e "patéticos metaleiros". Muito mal também foi desmoralizar o rock'n'roll, fazendo propaganda barata de discos de acid house. Espero que a BIZZ passe a divulgar novas tendências musicais através de críticos que sejam inteligentes o suficiente para pensar antes de escrever suas abobrinhas.
P.S.: Me desculpe o Jean-Yves de Neufville pela crítica.

Roberto Galvão — São Paulo — SP

Jean-Yves de Neufville agradece sua carta e responde: *Escrevi o texto que você cita na intenção de provocar reações como a sua. Ouço rock desde a infância e é a coisa que mais amo na vida. No entanto, acho que hoje existe uma instituição conservadora que tomou conta do rock — tanto na indústria quanto na elaboração da música. Eu tomei o exemplo da acid house, que é uma grande brincadeira, como foi o meu texto. Sua reação foi a mesma que os ingleses tiveram quando o acid foi proibido por lá.*
Reconheço que na própria acid house e estilos congêneres há muita coisa ruim. Mas é preciso sacudir as instituições e voltar a um espírito mais saudável e próximo da origem do rock, quando as pessoas que o faziam estavam muito menos preocupadas com o dinheiro.

FOGO CRUZADO

Lamento muito a Revista BIZZ ter publicado a infeliz crítica feita a Rod Stewart (edição 47). Certamente o sr. André Forastieri (autor da crítica) não conhece nada de rock e nada de talento. A crítica foi mentirosa, vulgar, irrefletida e — mais do que tudo — preconceituosa. Seu autor é um desatinado.

Deise A.F. e Paula M.F., São Paulo — SP

André Forastieri responde: *A única mentira da matéria sobre o show de Rod Stewart em São Paulo foi por marcação minha. Rod não é inglês, é escocês. Mantenho todo o resto. Quem discordar que defenda sua opinião.*

No Ao Vivo da BIZZ 47, André Forastieri errou o nome do novo LP de Rod Stewart: não é "Forever Young" (nome de uma faixa do disco), mas *Out of Order*. Até que enfim vocês deram capa para uma banda americana... gostei de ver. O R.E.M. foi uma ótima escolha, espero que outros grupos, como o 10,000 Maniacs, por exemplo, venham a ter o mesmo destaque. O rock americano anda mostrando muita coisa boa de uns anos pra cá, e vocês não publicaram uma grande matéria sobre o tema. O som que rola nos EUA do final dos anos 80 não é só rap e hip hop, sabiam?
A matéria sobre a Marisa Monte me fez sentir uma certa raiva... A Marisa Monte é uma boa cantora, mas, se você topa com uma cantora como a Vange Leonel (ex-Nau) e sente o enorme talento que ela tem, dá pra ver como ela merece mais atenção. Mas ela não tem um Nelson Motta (AAAAAARGH) para dar um empurrão. Infelizmente isso não acontece só com cantoras. Por onde andam nomes como o Akira S.?
A minha cara amiga Sônia Maia não foi muito feliz na conclusão da entrevista tamanho família com o Legião Urbana. O senhor Renato Russo falou besteira: "Façam como nos EUA: você não gosta das coisas, mande uma carta para seu congressista". Se para a juventude americana isso é uma piada, imagine para os jovens brasileiros. "Entrem para um partido", diz o legionário. Mas como, em um país sem tradição partidária como o nosso?...

Alfonso Moscato, Curitiba — PR

STARMAN X ASTRONAUTA DE MÁRMORE

Gostaria de saber se alguém *sabe* que a música "O Astronauta de Mármore", do grupo Nenhum de Nós, é uma versão que ridicularizou uma música de David Bowie, de 1972, quando ele ainda era Ziggy Stardust. Acompanho alguns trabalhos do Nenhum de Nós, que admiro, e acho que eles têm capacidade de fazer boas músicas. Mas a música de Bowie era *linda*, e a versão a tornou "típica de grupinhos iniciantes sem criatividade e sem talento". Não que eu queira ofender o grupo, mas o que eu acho errado é as pessoas ouvirem esta versão e comentarem "você não acha esse grupo demais?", porque quase ninguém conhece a música de Bowie (que nem chegou a ser tocada em nossos rádios), achando que o Nenhum de Nós fez uma música maravilhosa. Me revolto com isso, pois sou hiperfã do David Bowie, coleciono e pesquiso tudo sobre ele.

Paula Izzo, São Paulo — SP

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

Sempre gostei de ler esta revista (a número um no gênero) e aqui estou há um ano em Nova York e volto a descobri-la. Agora passo a tê-la mensalmente. Como irei estar por dentro da música brasileira e do que acontece aí no terreno musical, escrevo para integrar-me mais nos acontecimentos e novidades. Para isso peço a todos os jovens brasileiros que curtem rock ou qualquer tipo de música que me escrevam para que possamos trocar informações.

Abrânio Sérgio, 111 Son Drive, Rye, New York, 10580, USA

FÃS-CLUBES

A-ha *Fã-clube Oficial Love Is Reason* A/C Valéria, r. Joaquim Silva, 133, CEP 20241, Rio de Janeiro — RJ

A-ha *Hunting High on A-ha Fan Club* r. Dr. Luis Augusto de Queirós Aranha, 244, CEP 05453, São Paulo — SP

A-ha *Manhattan Skyline Fan Club* r. Ceará, 239, CEP 07790, Francisco Morato — SP

A-ha *NTM Music A-ha* A/C Nelson Teme, r. Lins, 07, CEP 01507, São Paulo — SP

Barão Vermelho, Cazuza e Celso Blues Boy A/C Marcos Antônio Costa, r. Pracinha Cesário Aguiar, 416, CEP 21930, Rio de Janeiro — RJ

Caetano Veloso *Caetano Superbacana Veloso Fã-Clube* Caixa Postal 7913, CEP 41910, Salvador — BA

Cure *Lovecure's Fã-Clube* A/C Jackson Robert, r. Johan Sachse, 3177, CEP 89070, Blumenau — SC

Cyndi Lauper *A Girl So Unusual Called Cyndi Lauper* r. Ângelo Scudeler, 29, CEP 09360, Mauá — SP

Dorsal Atlântica *Official Dorsal Atlantica Fan Club* r. Pedro Lessa, 41, CEP 93000, São Leopoldo — RS

Duran Duran *Notorious Fan Club do Brasil* r. do Imperador, 1379, C/7, CEP 02074, São Paulo — SP

Engenheiros do Hawaii *Fã-Clube Longe Demais* A/C João Paulo, r. Eng.º Zoroastro Torres, 35, apto. 203, CEP 30350, Belo Horizonte — MG

Legião Urbana *Fã-Clube Quatro Estações* A/C Érica, r. Euler Lanes Bernardes, 361, CEP 38400, Uberlândia — MG

Madonna *Fan Club Holiday With Madonna* av. Monte Aprazível, 2645, CEP 15043, São José do Rio Preto — SP

Marisa Monte *MM Fã-Clube Oficial de Marisa Monte* r. Bartolomeu Paes, 459, CEP 05092, São Paulo — SP

Michael Jackson *Produções Bad* A/C Billie Jackson, Caixa Postal 279, CEP 30160, Belo Horizonte — MG

Nenhum de Nós e Inimigos do Rei *Camila/Kafka Fã-Clube* r. Espírito Santo, 41, apto. 2, CEP 11075, Santos — SP

Ney Matogrosso *Fã-Clube Ney Matogrosso* Parque Cecap, Condomínio Minas Gerais, Bl. 10, apto. C 24, CEP 07190, Guarulhos — SP

Rolling Stones *Fan Club Heart of Stone* r. Homero de Miranda Gomes, 175, CEP 88000, Florianópolis — SC

Rolling Stones *Fã Clube Rolling Stones RJ* Caixa Postal 6113, CEP 20022, Rio de Janeiro — RJ

Rock Brasil *Fã-Clube Rock Brasil* A/C Beto, r. Monte Branco, 117, CEP 21520, Rio de Janeiro — RJ

Sigue Sigue Sputnik *Sputnik Generation Whoopee Fan Club* A/C Ivanildo U-205, R-12, C-18, CEP 65000, São Luís — MA

Sound Club Mix A/C Paulo Henrique, r. Manoel dos Santos Moreira, 404, Olinda — PE

Titãs *Fortaleza Titânica Fã-Clube* A/C Mário e Aurélio, r. Dom Joaquim, 107, CEP 60000, Fortaleza — CE

Titãs *Titãs o Melhor do Rock* A/C Adriano Antunes, r. Buarque de Macedo, 32/302, CEP 22221, Rio de Janeiro — RJ

MERCADO PARALELO

Compro as edições de BIZZ do número 01 ao 34, com exceção da 16, e outros itens de colecionador. **Moisés Alves Pereira, r. Mariana, 60, CEP 32400, Ibirité — MG**

Vendo exemplares da revista *Geração Pop*, do número 12 ao 32, 34 ao 47 e 49 ao 82, todas em bom estado. **Enildo Júnior, r. Arthur Rios, 1291, bl. 11, apt° 504, CEP 23010, Campo Grande — RJ**

Compro Top-Hits e Letras Traduzidas do número 9-C ao 24-L. **Adriana Casu, r. Benjamin Constant, 135, CEP 09540, São Caetano do Sul**

Compro qualquer material sobre Capital Inicial e Biquini Cavadão, inclusive vídeos, fotos e posters. **Aline de Freitas, r. Souza Lima, 363/303, CEP 22081, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo coleção da BIZZ e gostaria de me corresponder com leitores de todo o Brasil e até do exterior. **Ana Trigo, r. Frei Romeu Donato, 27, c. 03, CEP 20750, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo as edições de BIZZ do número um ao vinte, ao preço da última edição em banca. **Pompéia Borges, R.J.M. Correa das Neves, 220/302, CEP 57050, Maceió — AL**

ERRAMOS

A gravadora do disco *Rank*, dos Smiths, é **Stiletto,** ao contrário do que foi publicado na Parada dos Leitores, página 18 da edição 48. Na página 8 do suplemento especial *Os Anos Oitenta*, a música "Wild Thing" é realmente de Tone Loc, e não uma versão para o hit homônimo.

Beastie Boys 'agraciados' na Flórida com o troféu Ovelha Negra.

Beastie Boys acusados na Inglaterra como uma ameaça à fibra moral da nação.

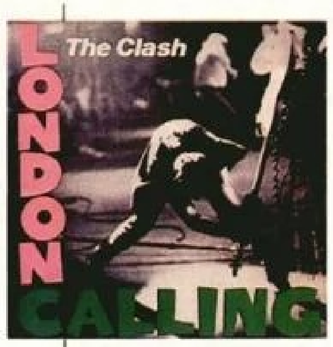
Beastie Boys presos em pleno show por incitarem ao tumulto.

Eles respondem com
PAUL'S BOUTIQUE

Beastie Boys

em discos e fitas EMI

DISCOTECA BÁSICA



THE CLASH

***LONDON CALLING* (1979)**

Três anos depois do verão punk, o *establishment* pop ainda lambia suas feridas. Aqueles Sex Pistols de Malcolm McLaren eram uma brincadeira de mau gosto? E — impensável — se eles fossem importantes, mesmo sendo uma brincadeira de mau gosto? Aliás, se tudo aquilo fosse importante exatamente por ser uma brincadeira de mau gosto?

Desde os Beatles, os 60 e a politização/psicodelização do rock, a indústria não via questões tão profundas e tão graves ameaçando as regras do (seu) jogo. A primeira metade dos 70 trouxe uma paz confortadora, em que bons negócios eram possíveis com um mínimo de tumultos e confrontos. A indústria tinha um produto de aceitação certa e imediata, e os consumidores pareciam felizes. Por que e de onde vinha essa insurreição? E que momento péssimo haviam escolhido para atacar: exatamente quando, dos clubes gay underground, a *disco music* avançava sobre as hordas de adolescentes. Mas o pior ainda estava por vir: em 1979, o *establishment* descobriu que a rebelião tinha um cérebro, além de uma voz. E foi *London Calling*, do Clash, que proclamou isto.

O Clash surgira na primeira hora do verão londrino de 1976, reunindo Joe Strummer, com uma carreira de performances no metrô e à frente de uma banda de *pubs* (os 101'ers); Paul Simonon, um estudante de arte que jamais havia pegado num baixo; e Mick Jones, que também vinha da cena de *pubs*. Primeiro com Tory Crimes e depois com Topper Headon na bateria (e, por pouco tempo, com Keith Levene, futuro PIL, completando um quinteto), o Clash abriu concertos dos Pistols em 1976 e, um ano depois, assinou um contrato vultoso para a época, com duzentos mil dólares de adiantamento. Os dois primeiros discos desse contrato — *The Clash* (1977) e *Give'Em Enough Rope* (1978) — já revelavam claramente o que o Clash pretendia: de dentro da barragem alucinante de decibéis erguida por Jones, Strummer cantava articuladamente uma inquietação social e política que os Pistols conheciam, mas tratavam com um ódio brutal e amorfo. Mas, na época, a forma triunfou sobre o conteúdo, iludindo a todos, sem sequer antecipar o que seria *London Calling*.

Lançado em meados do ano, *London Calling* foi um clarão de lucidez e coerência como nem o rock nem o Clash conheceriam depois. As dezenove faixas do álbum duplo — a última, "Train in Vain", não está creditada na capa — interligam-se para formar ao mesmo tempo um painel da Inglaterra sob Thatcher — relutantemente multirracial, bacia de fermentação de ódios e frustrações — e de um mundo apenas aparentemente sob controle, mas impulsionado por armas, drogas e guerras sob encomenda. A música tem uma riqueza de texturas que o punk desconhecia: o Clash canta o ska e o reggae pesado da Londres negra ("The Guns of Brixton", "Rudie Can't Fail", "Wrong'Em Boyo") e puxa o longo fio ancestral que vai até os anos 50 ("Brand New Cadillac") e o jazz ("Jimmy Jazz").

O impacto de *London Calling* abriu clareiras em todas as frentes. Para as platéias punk, ele disse que a fúria podia e devia ser organizada, e que a lucidez e a curiosidade eram as únicas saídas estéticas possíveis antes da caricatura e da dissolução. Para o resto do público, o álbum restaurou a fé num gênero em visível decadência, o rock. Para o próprio Clash, o disco foi a bateria energética que o impulsionou freneticamente durante um inacreditável par de anos — e o álbum triplo *Sandinista* (1980) — até cairem exaustos ao chão das realidades mesquinhas do *business*, ícaros modernos deixando no ar o traço do seu vôo.

ANA MARIA BAHIANA

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Vitrine Viva e Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adan Gil (Showbizz), Lorena Calabria (Rio de Janeiro), Sônia Maia (Conexão Brasil)
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Deise Bittnas
Diagramação: Angelo Asson, Izau Norbertino, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Arquivo e Pesquisa de fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres), Alexandre Patriarca (Nova York)
Colaboradores
Texto: Antonio Carlos Beneforte, Antonio Carlos Miguel, Arthur G. Couto Duarte (BH), Carlos Eduardo Miranda, Celso Masson, Claudia Bia, Fernando Naporano, Hagamenon Brito (Sal), Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcos Campolim, Otávio Rodrigues, Priscila Lena Farias.
Arte: Antonio Fernando Morra, Mauricio Cavalcanti
Fotos: Beti Niemeyer, Gladstone Mendes Campos, Gustavo E. Smolarski, Kid, Marcos Bonisson
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Armando Coronado Miola, Arthur de Oliveira Neto, Antonio Xavier de Aguiar
RJ-Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contato: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho
REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: JR Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negocios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - **Brasília** - DF SP 2: Intermidia Repres. e Public. e Public. S.C Ltda. Fones: (016) 623-4252 623-4291 - **Ribeirão Preto** - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baron; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990 5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972; **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399.
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Suzana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115.
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 05099, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Alvitrage dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 114,00 à vista. Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

POP NACIONAL
EM COMPACT DISC.

TAMBÉM EM LP E K7
CBS

Há quase 5 anos atrás um disco
tomou conta do planeta.
A banda responsável por este grande sucesso
está de volta, e você logo vai descobrir
que valeu esperar tanto tempo.

Tears For Fears

Novo Disco Em Breve

PolyGram